

Rudolf Steiner

## A fisiologia oculta

Aspectos supra-sensíveis do organismo humano:  
Elementos para uma medicina ampliada

Nove conferências (oito sobre o tema e uma complementar)  
proferidas em Praga, de 20 a 28 de março de 1911

Tradução:  
Dra. Sonia Setzer

## A entidade humana

Neste ciclo de conferências, que será ministrado a convite de nossos amigos de Praga, abordaremos um tema muitíssimo próximo do homem por tocar direta e precisamente a entidade humana, tratando de aspectos relacionados com sua própria vida física. No entanto, mesmo sendo esse um tema tão ligado ao homem por abordar a ele próprio, devemos dizer que não deixa de ser um assunto de difícil acesso — pois já a observação do apelo “conhece-te a ti mesmo” —, transmitido através de todos os tempos e dirigido ao homem pelas alturas místico-ocultas, nos mostra que o autoconhecimento, o verdadeiro e real autoconhecimento, é algo muito difícil. E isso não só com relação ao autoconhecimento pessoal e individual, mas principalmente ao conhecimento da entidade humana. E já que o homem — como se pode notar pelo eterno desafio “conhece-te a ti mesmo”— está tão distante da própria essência, tendo um caminho tão longo para se autoconhecer, o objeto de nossas considerações destes dias será, em certo sentido, algo bastante longínquo, que exigirá uma série de coisas. E não foi sem motivo que só após longo tempo e muita reflexão decidi falar sobre o assunto. Esse é um tema em relação ao qual se torna necessário, absolutamente necessário (se quisermos chegar a uma observação real e verdadeira) algo que, na observação científica, é comumente deixado de lado. Frente a esse tema é necessário venerar a essência humana, isto é, não a essência de cada homem — principalmente quando essa pessoa singular somos nós —, mas a essência do homem em geral. E deve ser uma condição fundamental para nossas observações seguintes venerar o que a essência humana significa no verdadeiro sentido da palavra.

Como podemos cultivar a verdadeira veneração diante disso? Em primeiro lugar, deixando de ver a pessoa — é indiferente tratar-se de nós mesmos ou de outrem — como ela se nos apresenta no dia-a-dia e elevando-nos à seguinte concepção: a pessoa, com toda a sua evolução, não está aí por sua própria causa, mas para revelar o espírito, todo o mundo divino-espiritual; ela é uma revelação da divindade cósmica, do Espírito Universal. E quem reconhece que tudo o que nos cerca é uma expressão das forças divino-espirituais também pode sentir essa veneração não apenas em relação ao próprio divino-espiritual, mas também diante da manifestação desse divino-espiritual. E ao dizermos que o homem está procurando um autoconhecimento cada vez mais perfeito, precisamos ter claro que não devemos ser impelidos à busca do autoconhecimento por mera curiosidade ou até mesmo por sede de saber, mas sentir como um dever estruturar cada vez mais perfeitamente o conhecimento da manifestação do Espírito Universal por meio do homem. É neste sentido que deverão ser compreendidas as seguintes palavras: continuar ignorante onde o conhecimento é possível significa um pecado contra a determinação divina do homem — pois o Espírito Universal deu-nos a faculdade de conhecer, e se não quisermos fazê-lo estaremos recusando sermos a manifestação do Espírito Universal, o que em verdade não poderíamos; e cada vez mais deixaremos de ser uma manifestação do Espírito Universal para tornar-nos sua caricatura. É nosso dever almejar conhecimento e tornar-nos sempre mais uma imagem do Espírito Universal. Só quando pudermos dar sentido às palavras “tornar-se uma imagem do Espírito Universal” e reconhecermos o dever de conhecer, somente então poderemos ter o sentimento de veneração, aqui previamente exigido, em relação à essência do homem. E para quem quiser observar a vida do homem e sua essência no sentido oculto, permear-se de veneração diante da natureza humana torna-se uma necessidade absoluta, pois única e exclusivamente essa permeação pela

veneração é apropriada para despertar nossos olhos e ouvidos espirituais, toda a nossa capacidade de contemplação espiritual – ou seja, para despertar as forças que nos permitem penetrar nos fundamentos espirituais da natureza humana. Quem, como vidente ou pesquisador espiritual, não pudesse sentir diante da natureza humana a veneração desenvolvida no mais alto grau, e quem não conseguisse imbuir-se até às fibras mais íntimas da alma com o sentimento de veneração diante da natureza humana, da representação do espírito, teria os olhos fechados a tudo o que se relaciona com a essência mais profunda do próprio homem, mesmo que seu olho estivesse bem aberto para estes ou aqueles segredos espirituais do mundo. Pode haver muitos clarividentes capazes de ver isso ou aquilo na periferia espiritual de nossa existência; mas se lhes faltar essa veneração lhes faltará a capacidade de olhar dentro das profundezas da natureza humana, e eles não terão algo correto para dizer sobre a essência do homem.

A teoria dos processos vitais do homem é denominada ‘Fisiologia’. Esta ciência não deverá ser considerada aqui como se faz na ciência exterior, e sim como se nos apresenta à contemplação espiritual; de modo que, partindo das formas exteriores do homem, da estrutura e dos processos vitais de seus órgãos, sempre olhemos para a base espiritual, supra-sensível dos órgãos, das formas vitais e dos processos vitais.<sup>1</sup> E como não é nossa intenção praticar aqui essa ‘fisiologia oculta’ – como também poderíamos chamá-la – sem objetividade, às vezes será necessário referir-nos de modo despreocupado a certas coisas que, de início, poderão parecer bastante improváveis aos leigos no assunto. É preciso acentuar expressamente que este ciclo de conferências, mais do que muitos outros já proferidos por mim, constitui um todo de onde não é possível arrancar trechos isolados para julgamento, principalmente das conferências iniciais, visto que muito deverá ser dito despreocupadamente. Somente depois de terem ouvido as conferências finais é que os Senhores poderão julgar todo o conjunto. É que o tema deverá ser tratado aqui diferentemente da fisiologia exterior. Também as razões iniciais serão comprovadas no fim. De certo modo, não iremos descrever uma linha reta do começo ao fim; seguiremos por uma linha circular, chegando, no final, ao ponto de partida.

O que vamos oferecer aqui é uma observação do homem. Em primeiro lugar, o homem se nos apresenta aos sentidos exteriores com sua forma externa. Já sabemos que, ao que uma observação puramente exterior e leiga do homem pode informar, hoje já se acrescenta muita coisa pesquisada pela ciência. Por isso, devemos completar o que hoje sabemos exteriormente sobre ele – a partir de experiências e observações externas que até um leigo tem condições de fazer em si e em outras pessoas – com o que a ciência foi capaz de descobrir e concluir sobre a corporalidade humana por meio de métodos e instrumentos admiráveis.

Se condensarmos tudo o que, como leigos, podemos ver exteriormente no homem e que talvez tenhamos aprendido de descrições populares, talvez não seja incompreensível se chamarmos a atenção para o fato de à configuração humana, tal como se nos apresenta no mundo exterior, ser constituída de uma dualidade. Para quem quiser penetrar nas profundezas da natureza humana, é absolutamente necessário tornar-se consciente de que o homem, já em sua forma e configuração exterior, representa fundamentalmente uma dualidade.

A primeira coisa que podemos distinguir nitidamente no homem é tudo o que se acha encerrado em órgãos, oferecendo estes a maior proteção possível contra o mundo exterior; é tudo o que consideramos participante da esfera do cérebro e da medula espinhal. Tudo o que pertence à natureza humana nessa área – cérebro e medula espinhal – está firmemente envolto por estruturas ósseas seguras e protetoras. Se quisermos representar esquematicamente o que pertence a esses dois âmbitos, poderemos fazê-lo da

seguinte maneira:

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000c028202a5  
05040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656d0002a5050000a  
f950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001c000000fb02c4ff00000  
00000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e00000000000000000000000000000000  
0040000002d010100050000000902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b000  
40000002d010000030000000000

Se  $a$  representa esquematicamente a soma das vértebras superpostas ao longo da medula espinhal e  $b$  representa a estrutura óssea craniana, tudo o que pertence ao domínio do cérebro e da medula espinhal está contido nesse canal formado pelas vértebras e pelos ossos cranianos. Não é possível observar o homem sem conscientizar-nos de que tudo o que pertence a esse âmbito forma basicamente uma totalidade fechada em si. Todo o restante do homem (pescoço, tronco, membros), que podemos ligar fisiologicamente dos modos mais diversos ao cérebro e à medula espinhal, está, metaforicamente falando, ligado a eles por meio de estruturas mais ou menos filiformes ou fasciculadas. Estas precisam primeiro romper a camada protetora para que se possa estabelecer uma ligação com a parte fechada dentro dessa estrutura óssea. Assim, podemos dizer que já à observação superficial se revela que tudo no homem se dispõe numa dualidade: uma parte dentro dos sistemas ósseos caracterizados, dispostos em camadas protetoras firmes e seguras, e outra parte fora deles.

Em primeiro lugar devemos dar uma olhada bem superficial no que está dentro dessas estruturas ósseas. Aí podemos facilmente distinguir entre uma grande massa cerebral, localizada dentro dos ossos cranianos, e outra parte presa a ela como um cabo ou cordão, estando em ligação orgânica com o cérebro – estendida como uma protuberância filiforme deste e crescendo para dentro do canal medular: é a medula espinhal. Distinguindo estas duas formações, devemos chamar a atenção para algo que a ciência exterior não precisa apontar, mas que a ciência oculta, tendo obrigação de penetrar na essência das coisas, deve apontar muito bem. Temos de alertar para o seguinte: tudo o que dizemos baseados numa observação do homem relaciona-se, de início, apenas com o homem – pois quando adentrarmos os princípios mais profundos de cada órgão perceberemos (e durante o decorrer das conferências veremos que é assim mesmo) que no homem um órgão, em seu significado mais profundo, pode ter tarefas bem diferentes do que teria o mesmo órgão no mundo animal.

Quem observa as coisas na ciência exterior habitual dirá que o que foi dito aqui também pode ser dito em relação aos mamíferos. Porém o que foi dito sobre o significado dos órgãos para o homem não pode, se penetrarmos mais profundamente no assunto, ser dito da mesma maneira em relação aos animais; pois a observação oculta deve examinar os animais em si e verificar se o que podemos dizer sobre a medula espinhal e o cérebro

humano vale também para eles. O fato de os animais mais próximos do homem também possuírem medula espinhal e cérebro ainda não prova que esses órgãos tenham a mesma tarefa no homem e no animal. Comparativamente, podemos ter uma faca na mão tanto para retalhar uma vitela como para gravar algo. Em ambos os casos trata-se de uma faca, e quem só considera a forma da faca pensará que em ambos os casos se trata da mesma. Em situação semelhante estaria quem acreditasse que, pelo fato de os mesmos órgãos (cérebro e medula espinhal) se encontrarem no homem e no animal, estes serviriam aos mesmos propósitos. Isso, porém, não é correto; tornou-se corriqueiro na ciência exterior, levando a determinadas imprecisões que só poderão ser corrigidas quando essa ciência exterior se dignar aceitar, aos poucos, o que puder ser dito sobre a natureza das essências a partir das profundezas da pesquisa supra-sensível.

Observando agora a medula espinhal, de um lado, e o cérebro, de outro, perceberemos facilmente existir algo verdadeiro no que os cientistas já focalizaram há mais de cem anos. De certa maneira, é correto dizer que, observando-se o cérebro, este parece uma medula espinhal metamorfoseada. Isso se torna ainda mais compreensível ao lembrarmos que Goethe, Oken e outros cientistas notaram principalmente que os ossos cranianos apresentam certas semelhanças formais com as vértebras da coluna.<sup>3</sup> Goethe, ao observar atentamente as semelhanças de forma dos órgãos, percebeu logo de início que, imaginando-se a transformação de vértebras singulares, achatando-as e dilatando-as, apareceria o osso craniano a partir dessa metamorfose das vértebras. Assim, tomando uma vértebra e insuflando-a em todas as direções, de modo que suas expansões ficassem achatadas, aos poucos conseguiríamos fazer derivar a forma do osso craniano a partir da vértebra. Em certo sentido, podemos chamar os ossos cranianos de vértebras metamorfoseadas. Da mesma forma como podemos considerar os ossos cranianos que envolvem o cérebro uma metamorfose das vértebras, também podemos imaginar a massa da medula espinhal expandida do mesmo modo, ficando ela mais diferenciada e mais complicada; e obtemos, de certa maneira, pela transformação da medula espinhal, o cérebro. De modo semelhante, podemos imaginar que uma planta primeiramente só tenha folhas verdes, que ela transformará, diferenciará para produzir sépalas coloridas – ou seja, que as flores sejam folhas diferenciadas. Assim, podemos imaginar que, pela transformação, pela diferenciação da forma, pela elevação da medula espinhal a um nível superior, pode formar-se o cérebro. É possível imaginar, portanto, que em nosso cérebro possamos ver uma medula espinhal diferenciada.<sup>4</sup>

A partir desse ponto de vista, observemos os dois órgãos. Qual deles, de modo natural, deve ser considerado o mais novo? Eis a questão a ser considerada. Sem dúvida não será o órgão com a forma derivada, e sim o que mostra a forma original. Isto significa que devemos imaginar estar a medula espinhal num primeiro nível de desenvolvimento, sendo mais nova, e o cérebro num segundo nível. Este passou primeiro pela fase de medula espinhal e é uma medula espinhal transformada, ou seja, deve ser considerado o órgão mais velho. Em outras palavras, querendo observar a nova dualidade que nos aparece no homem como cérebro e medula espinhal, podemos dizer o seguinte: todas as forças que levaram à formação do cérebro devem ser forças mais antigas, pois num estado anterior primeiro devem ter formado a disposição para a medula espinhal e depois continuando a agir, transformando a medula espinhal no cérebro. É como se tivesse sido dado um novo princípio, em que a medula espinhal atual ainda não progrediu a ponto de atingir o segundo nível, mas parou no nível de medula espinhal. Se quisermos exprimir-nos de modo pedantemente exato, [poderemos dizer que] temos na medula espinhal e no sistema nervoso uma medula espinhal de primeira ordem e no cérebro uma medula espinhal de segunda ordem – uma medula espinhal metamorfoseada, mais antiga, que já

foi uma medula espinhal mas está transformada em cérebro.

Com isso indicamos inicialmente, de modo bem exato, o que será necessário considerar se quisermos estudar objetivamente as massas orgânicas contidas dentro desses envoltórios ósseos protetores. Mas agora devemos considerar algo bem diferente, com o qual só podemos deparar ao entrar no campo do ocultismo. Podemos formular a seguinte pergunta: ao ocorrer uma tal transformação de uma disposição orgânica de primeira ordem para uma disposição orgânica de segunda ordem, o processo evolutivo será progressivo ou regressivo? Acaso isso significa poder tratar-se de um processo que leva o órgão a graus superiores de aperfeiçoamento ou a uma degeneração, ou até a uma atrofia gradual?

Observemos um órgão como, por exemplo, nossa medula espinhal. Assim como é atualmente, ela nos parece um órgão relativamente pouco desenvolvido, podendo ser considerada jovem, visto que ainda não conseguiu tornar-se um cérebro. Contudo, podemos pensar de duas maneiras sobre a medula espinhal. Por um lado, podemos imaginar que ela contenha em si as forças para também tornar-se um cérebro; nesse caso, estaria numa evolução progressiva. Por outro lado, podemos supor que ela nem tenha a disposição para um dia alcançar o segundo grau. Então estaria numa evolução descendente, cairia em decadência, estando determinada a esboçar o primeiro grau, sem, contudo, atingir o segundo. Se agora pensarmos que na base evolutiva do cérebro atual já esteve uma medula espinhal, seguramente a medula de então tinha forças evolutivas progressivas, pois transformou-se em cérebro. Se, todavia, questionarmos a respeito de nossa medula espinhal atual, então a observação oculta nos revela que, assim como é hoje, nossa medula espinhal não tem em si a disposição para uma evolução progressiva, e sim se prepara para encerrar sua evolução no nível presente.

Se me permitem expressar isso grotescamente, eu diria que o homem não deve crer que a medula espinhal, tendo hoje a forma de um fino cordão, ficará tão estufada quanto o cérebro atual. Ainda veremos o fundamento da observação oculta para se afirmar isso. Os Senhores verão, já a partir da pura comparação morfológica entre os modos como esse órgão se apresenta no homem e no animal, uma indicação exterior do que foi dito. Comparativamente, considerando por exemplo uma cobra, verão que a coluna vertebral se insere atrás da cabeça em incontáveis anéis, sendo preenchida pela medula espinhal; e notarão que a coluna vertebral, tal como aqui é constituída, pode estender-se infinitamente. No homem, vemos que a medula espinhal, a partir do ponto em que se insere no cérebro e se estende para baixo, de fato vai-se condensando cada vez mais, mostrando com nitidez cada vez menor as formações que aparecem nas regiões superiores. Assim, também pela observação exterior podemos notar como o que na cobra se prolonga para trás se dirige, no homem, a um final, a uma espécie de degeneração. Esta é, inicialmente, uma observação comparativa externa. Veremos como se apresenta a observação oculta.

Mantendo tal raciocínio, podemos dizer que na estrutura óssea do crânio temos contida uma medula espinhal que, numa formação progressiva, transformou-se em cérebro, o qual se encontra numa segunda fase de desenvolvimento. E temos também uma nova tentativa de formar um tal cérebro em nossa medula espinhal, porém uma tentativa mostrando já agora que isso não irá acontecer.

Deixemos agora essa observação de lado e partamos para algo também já conhecido pela observação exterior leiga: as funções do cérebro e da medula espinhal. Todos sabem, em maior ou menor grau, que o instrumento para as assim chamadas atividades anímicas superiores é o cérebro, sendo essas atividades anímicas superiores dirigidas pelo órgão cerebral. E todos sabem também que as atividades mais inconscientes são dirigidas pela

medula espinhal e os nervos a ela ligados. Trata-se das atividades anímicas em que entre a impressão exterior e a ação seguinte a ela se intercala pouca reflexão. Por exemplo, se os Senhores são picados na mão por um inseto, então a retraem, recolhendo-a; nesse caso, entre a picada e a retração da mão não ocorre muita reflexão. É com razão que essas atividades anímicas já são vistas de tal maneira, pela ciência exterior, que a medula espinhal é tida como seu instrumento. Temos outras atividades anímicas em que, entre a impressão exterior e o que leva finalmente à ação, intercala-se uma ponderação mais rica. Estas têm seu órgão no cérebro. Para dar um exemplo marcante, imaginem um artista observando a natureza exterior, esforçando seus sentidos para colher incontáveis impressões. Durante muito tempo ele transforma essas impressões em sua alma. Finalmente, às vezes apenas depois de anos, após longa atividade anímica ele fixa, por ações exteriores, o resultado da transformação das impressões externas. Aí se intercala, entre a impressão exterior e o que o homem faz dela, uma atividade anímica mais rica. Isso também ocorre com o cientista, e igualmente com qualquer pessoa que reflita sobre as coisas que queira fazer e não se arremesse selvagememente sobre elas, como um touro ao ver a cor vermelha. Sempre que o homem não atua a partir de um movimento reflexo, mas pondera suas ações, pode-se falar do cérebro como instrumento de atividade anímica.

Aprofundando-nos mais no assunto, faremos a seguinte pergunta: como se mostra esta nossa atividade anímica para cuja realização utilizamos o cérebro como instrumento? Ela se mostra de duplo modo. Inicialmente nos apercebemos dela em nossa vida diurna desperta. O que fazemos então? Por meio dos sentidos coletamos as impressões externas e as elaboramos, pelo cérebro, mediante ponderação sensata. Devemos imaginar as impressões exteriores penetrando em nós pelas portas dos sentidos, vindo a estimular determinados processos em nosso cérebro. Se pudéssemos olhar o interior do cérebro e o que nele acontece, veríamos como ele é posto em atividade pelo fluxo das impressões externas que aí se derrama. Veríamos também no que se transformam essas impressões pela atuação da ponderação humana. E notaríamos então que a isso também se juntam as conseqüências de impressões menos influenciadas pela ponderação, ou seja, atos e ações que devemos atribuir mais ao seu instrumento, a medula espinhal.

Devemos agora dirigir nossa atenção aos dois estados em que hoje o homem vive alternadamente durante toda a sua vida: a vida diurna de vigília e a vida inconsciente do sono. Já nos é familiar, de conferências anteriores, que durante o dia os quatro membros da entidade humana estão juntos, enquanto no sono o corpo astral e o eu se retiram. Nós todos conhecemos, além disso, aquele estado peculiar que se mescla entre a vida diurna de vigília e a vida do sono inconsciente: a vida onírica. Por enquanto não queremos falar sobre a vida onírica de outro modo senão aquele que o leigo pode observar. Vemos que a vida onírica tem uma semelhança curiosa com aquela atividade anímica subordinada que atribuímos à medula espinhal – pois quando as imagens oníricas aparecem em nossa alma, não surgem como representações provenientes da ponderação, e sim como uma necessidade, tal qual surge o movimento involuntário da mão ao espantarmos uma mosca que pousa sobre ela. A ação surge como um movimento de defesa direto e necessário. Na vida onírica ocorre algo diferente; não aparece uma ação, mas, como uma necessidade igualmente direta, formam-se imagens em nosso horizonte anímico. E assim como na vida diurna desperta não temos uma influência ponderada sobre o movimento que realizamos com a mão quando uma mosca pousa sobre ela, tampouco influenciemos as imagens oníricas que ondeiam caoticamente em nós para cima e para baixo. Por isso podemos afirmar que, ao observarmos um homem, na vida diurna de vigília, abstraindo de tudo o que se passa dentro dele – bastando observarmos apenas seus movimentos reflexos, todos os gestos e expressões fisionômicas que ele realiza somente em relação às impressões

exteriores, isto é, sem refletir –, teremos diante de nós uma soma de atuações que acontecem no homem por necessidade. Observando, agora, uma pessoa a sonhar, temos uma soma de imagens que atuam sobre a essência do homem, não levando agora a ações, e sim tendo um caráter de imagens. Assim como na vida diurna desperta se realizam ações humanas sem ponderação, assim se manifesta no homem o mundo de imagens das representações oníricas que se interpenetram caoticamente.

O que devemos fazer ao olhar para nosso cérebro e realmente considerá-lo um instrumento da consciência onírica? Devemos ter em mente que dentro desse cérebro se encontra algo que se comporta como nossa medula espinhal, desencadeando ações inconscientes. De início devemos encarar o cérebro como instrumento da vida anímica desperta, onde criamos as representações racionais. Teríamos de encontrar, como base para as representações oníricas, algo como uma medula espinhal misteriosa que estivesse como que comprimida dentro do cérebro, porém não levando a ações, e sim apenas a imagens. Enquanto a medula espinhal leva a ações – embora estas não resultem de ponderação –, o cérebro, neste caso, leva apenas a imagens. É como se ele ficasse a meio caminho; no cérebro existe algo como uma base misteriosa para uma atividade anímica inconsciente, e que podemos imaginar como uma espécie de inserção com caráter de medula espinhal. Não poderíamos dizer então que a vida onírica nos leva, de modo curioso, a poder indicar misteriosamente aquela medula espinhal antiga, que no passado foi a base do cérebro?

Ao observarmos o cérebro em sua atual configuração como instrumento da vida diurna desperta, nós o conhecemos conforme se nos apresenta ao ser retirado da caixa craniana. Mas deve haver aí dentro algo que se manifesta ao se extinguir a vida diurna vigilante. A observação oculta mostra que dentro do cérebro existe uma medula espinhal misteriosa como instrumento da vida onírica.

Fazendo um esquema, poderíamos mostrar, dentro do cérebro pertencente ao mundo das representações da vida diurna desperta, a existência de uma misteriosa e antiga medula espinhal, invisível à percepção externa e como que encantada aí dentro. Falando hipoteticamente, eu diria que essa medula espinhal entra em atividade quando o homem dorme e sonha, tornando-se tão ativa quanto lhe compete, ou seja, provocando seus efeitos por necessidade. Só que por estar comprimida dentro do cérebro ela não leva a ações, mas a meras imagens, a ações em imagens – pois nos sonhos só agimos em imagens. Assim, teríamos também indícios, a partir da vida peculiar e caótica dos sonhos, de que existe um órgão misterioso como base de nosso instrumento da vida diurna em vigília – com razão considerado por nós como nosso cérebro –, que talvez seja uma estrutura mais antiga a partir da qual este evoluiu. Quando a estrutura nova – o cérebro atual – silencia, mostra-se aquilo que o cérebro já foi. Assim, a antiga medula espinhal põe à mostra o que sabe; contudo, por estar encarcerada, não chega a produzir ações, mas apenas imagens.

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b0200000000050000000c0282  
02a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656d0002  
a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001c0000  
00fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e00000000000000

0000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a360000000100040000  
000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

Ora, a própria observação da vida nos separa o cérebro em dois níveis. O fato de podermos sonhar indica que o cérebro passou por uma fase evolutiva em que ainda se encontrava no nível da medula espinhal atual, antes de desenvolver-se em instrumento da vida diurna desperta. Quando, porém, esta silencia, o velho órgão ainda se faz valer.

Do que foi dito até agora, obtivemos algo típico, possível de ser provado por uma observação externa das formas: a vida diurna desperta está para a vida onírica assim como o cérebro desenvolvido está para a medula espinhal. Prosseguindo agora para uma observação clarividente, podemos acrescentar algo ao que a observação da forma nos pode dar. De que modo a visão oculta, o olhar clarividente pode servir de base para a observação total e essencial da natureza humana, e em quais pesquisas ocultas se apóiam as concepções sobre os órgãos contidos pelo crânio e a coluna vertebral, são pontos que ainda veremos mais tarde.

Por observações anteriores, já sabemos que o corpo visível do homem é apenas uma parte da entidade humana global. No momento em que o olhar clarividente se abre, percebemos que o corpo físico se mostra envolto num organismo supra-sensível, grosseiramente chamado de aura humana.<sup>5</sup> Isso é apresentado inicialmente como um fato, ao qual posteriormente voltaremos para justificá-lo na medida do possível. A aura humana, em que o homem físico se encontra apenas como um núcleo, mostra-se ao olho vidente como uma estrutura cromática onde fluem e refluem várias cores. Mas não devemos imaginar que seria possível pintar essa aura. Não é possível representá-la com cores comuns, pois as cores da aura estão em constante movimento, surgindo e desaparecendo continuamente. Qualquer imagem que se quisesse pintar dela só poderia ser aproximada, assim como tampouco se pode pintar corretamente um relâmpago, pois só se conseguiria uma estrutura rígida. Tal como é impossível pintar o relâmpago, mais impossível ainda é pintar a aura, pois as cores áuricas são extremamente instáveis e dinâmicas – elas surgem e desaparecem continuamente.

As cores da aura se espalham de modo curiosamente diverso por todo o organismo humano. É interessante chamar a atenção para a imagem da aura que se mostra ao olhar vidente quando observamos a calota craniana e a coluna vertebral por trás. Ao

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b020000000005000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656

d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526fd616e000000000  
00000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a360000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

imaginarmos, vista por trás, a parte da aura em que se encontra inserido o crânio e a coluna vertebral, ou seja, o cérebro e a medula espinhal, podemos indicar uma cor fundamental bastante nítida para as partes inferiores da medula espinhal, cor que se poderia classificar de esverdeada. E também para as regiões superiores da cabeça, onde se localiza o cérebro, podemos indicar uma cor nítida que não aparece dessa forma em qualquer outra parte do corpo, sendo uma espécie de azul-violeta. Esta cor envolve o crânio como um capuz ou um elmo, de trás para a frente.

Abaixo das partes azul-violeta vemos, via de regra, uma nuance da qual os Senhores podem ter uma idéia mais aproximada se a compararem com a cor de uma flor nova de pessegueiro. Entre esta cor e a cor esverdeada da parte inferior da coluna vertebral temos, na parte mediana das costas, outros matizes cromáticos extremamente difíceis de descrever, pois não existem entre as cores comuns conhecidas no mundo sensorial. Assim, junta-se ao verde uma cor que não é verde, nem azul nem amarelo, mas é como uma mistura das três; entre o cérebro e a extremidade final da medula espinhal mostram-se cores basicamente não-existentes no mundo físico-sensorial. Mesmo sendo difícil descrever isto, uma coisa pode ser dita com segurança: em cima, na assim considerada medula espinhal estufada, temos um azul-violeta, e descendo para o final da coluna vertebral encontramos um colorido nitidamente esverdeado.

Hoje ligamos, à observação puramente exterior da estrutura humana, alguns fatos que só podem ser obtidos pela pesquisa clarividente. Tentaremos amanhã observar, em sua dualidade, também as outras partes do corpo humano físico que se juntam àquelas descritas hoje, a fim de podermos prosseguir e ver como a entidade humana global se nos apresenta.

*21 de março de 1911*

## A dualidade humana

No decorrer destas considerações, sempre nos depararemos com a dificuldade de observar mais atentamente o organismo externo do homem para, por assim dizer, reconhecer o que é efêmero e destrutível. Mas veremos também que justamente esse caminho nos levará ao conhecimento do que resta, do que é imortal, eterno na natureza humana. Aliás, para nossas observações atingirem esta meta é estritamente necessário seguirmos rigorosamente o que já foi dito na introdução da primeira conferência: considerar com todo o respeito o organismo físico externo como manifestação dos mundos espirituais.

Quando já estamos imbuídos de conceitos e sensações científico-espirituais, podemos entender facilmente a idéia de que o organismo humano, em toda a sua complexidade, tem de ser a expressão mais significativa, a maior e mais importante manifestação das forças que, na qualidade de forças espirituais, permeiam e impregnam o mundo. Teremos de elevar-nos cada vez mais do exterior para o interior.

Já vimos ontem que tanto a observação externa leiga como a científica nos mostram,

necessariamente, o homem como uma dualidade. Ontem já caracterizamos superficialmente esta dualidade da entidade humana (ainda entraremos em maiores detalhes), observando mais detalhadamente aquela parte que está encerrada no envoltório ósseo protetor do crânio e das vértebras dorsais. Vimos também, ao partir da forma exterior desta parte do homem, que já podemos ter uma visão provisória da relação entre a vida denominada vigília diurna e a outra vida, chamada onírica, que ainda encerra muitas dúvidas para nós. Vimos como as forças externas da parte caracterizada da natureza humana são uma espécie de reprodução, de revelação: de um lado, da vida onírica, essa vida caótica em imagens, e de outro lado da vida diurna, repleta de observações bem definidas e nítidas. Hoje observaremos, superficialmente de início, a outra parte da dualidade humana, situada fora da região estudada ontem. Mesmo uma observação muito superficial desta segunda parte da entidade humana pode ensinar-nos que, num certo sentido, ela apresenta uma imagem oposta ao que vimos no cérebro e na medula espinhal. O cérebro e a medula espinhal são circundados por estruturas ósseas que formam um envoltório. Observando a outra parte da natureza humana, temos de dizer decididamente que as estruturas ósseas estão no interior do organismo. Mas esta seria apenas uma observação muito superficial. Poderemos penetrar mais profundamente nessa segunda parte da natureza humana separando os sistemas orgânicos mais significativos e comparando-os inicialmente com o que vimos ontem.

Analiseemos então, em primeiro lugar, os sistemas orgânicos, os instrumentos do organismo humano, representados pelo aparelho digestivo e o que se encontra entre o aparelho digestivo e aquela formação maravilhosa, facilmente sentida como uma espécie de centro de toda a organização humana – o coração. Olhando superficialmente, já notamos que o aparelho digestivo – como pode ser vulgarmente chamado – tem como finalidade receber as substâncias do mundo exterior e prepará-las para posterior elaboração no organismo físico do homem. Sabemos que o aparelho digestivo se prolonga tubularmente, a partir da boca, até o órgão conhecido por estômago. E uma observação superficial nos ensina que, dos alimentos que penetram no estômago por esse canal, partes não-aproveitadas são simplesmente excretadas, enquanto outras são encaminhadas pelos demais órgãos digestivos ao organismo corpóreo do homem. Também é conhecido que ao aparelho digestivo, em sentido restrito, junta-se o assim chamado sistema linfático (estou falando de modo esquemático), a fim de receber os alimentos transformados pelo aparelho digestivo. Podemos dizer que ao aparelho digestivo anexo ao estômago se acrescenta um sistema orgânico, o sistema linfático, como uma soma de canais que se espalham pelo corpo todo – um sistema que, de certa forma, recebe o que foi preparado no aparelho digestivo e leva ao sangue as substâncias transformadas. Depois temos o terceiro membro da natureza humana, o próprio sistema vascular, com seus tubos mais largos ou mais estreitos, o qual permeia todo o organismo humano e tem como centro de suas atividades o coração. Sabemos que do coração partem os vasos cheios de sangue, os quais denominamos artérias, e que estas levam o sangue chamado vermelho [arterial] a todas as partes do nosso organismo. O sangue passa por um determinado processo nos diferentes membros do organismo humano e depois volta ao coração por outros vasos – as veias – que levam o sangue agora modificado no assim chamado sangue azul [venoso]<sup>6</sup> de volta ao coração. Sabemos também que esse sangue modificado, inútil para a vida, flui do coração para os pulmões, para lá entrar em contato com o oxigênio, retirado do ar; renovado nos pulmões, o sangue volta ao coração por meio de veias e recomeça seu trajeto para todas as partes do organismo humano.

Para que tenhamos na observação externa uma base para a observação oculta, iniciaremos a observação desses sistemas complicados por aquele que deve ser

considerado de antemão o sistema central do organismo humano: o sistema cardiovascular. De início atentaremos ao fato de como o sangue usado, depois de renovado nos pulmões e transformado do assim chamado sangue azul em sangue vermelho, volta ao coração e, como sangue arterial, sai para ser utilizado pelo organismo. Considerem que tudo o que estou desenhando aqui é apenas esquemático. Lembremos que o coração é um órgão constituído de quatro membros, de quatro câmaras separadas por paredes internas, de forma que podemos distinguir dois espaços maiores, os chamados ventrículos, situados embaixo, e dois menores em cima, chamados aurículas. (Hoje não falarei das válvulas cardíacas; pretendo apenas observar esquematicamente o curso das atividades orgânicas mais importantes.) O sangue, depois de fluir da aurícula esquerda para o ventrículo esquerdo, flui para uma grande artéria e dela passa para todo o organismo. Notamos, depois, que esse sangue se espalha por todos os órgãos do organismo, nos quais é utilizado e assim transformado em sangue venoso, voltando sob esta forma para a aurícula direita, dela fluindo para o ventrículo direito e deste para os pulmões, para ser renovado e recomeçar seu trajeto.

Imaginando isto, é importante considerar, como base para uma observação oculta, que logo no trajeto inicial da artéria aorta sai uma corrente colateral levando o sangue ao cérebro<sup>7</sup> e nutrindo os órgãos superiores do homem. O sangue lá utilizado e transformado em venoso volta à aurícula direita, de forma que o sangue que nutre o cérebro é transformado tal qual o sangue advindo das outras partes do organismo. Temos assim uma pequena circulação colateral de sangue — na qual está intercalado o cérebro — separada da outra, da grande circulação que alimenta o organismo restante. É muito importante dar atenção a esse fato, pois só obteremos uma representação correta, possível de nos servir de

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000c0282  
02a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656d0002  
a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001c0000  
00fb02c4ff000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e00000000000000  
00000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a360000000100040000  
000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

base para atingirmos as elevações ocultas, se formulamos a seguinte questão: assim como o cérebro está intercalado na pequena circulação sangüínea, não haverá algo semelhante, intercalado na grande circulação que irriga o restante do organismo? Aí chegamos de fato

à conclusão, que a observação superficial exterior já nos pode fornecer, de que na grande circulação está intercalado o órgão denominado baço, estando ainda intercalado o fígado e aquele órgão que contém a bile elaborada pelo fígado.

Quando indagamos sobre a função desses órgãos, a ciência natural nos responde que o fígado produz a bile e esta flui para o tubo digestivo através das vias biliares, atuando de tal forma na elaboração dos alimentos que estes podem ser assimilados pelo sistema linfático e daí passar para o sangue. Mas a ciência natural diz pouco sobre o terceiro órgão aí intercalado, o baço. Observando esses órgãos, notamos que estão ocupados na transformação dos alimentos para o organismo humano e que, por outro lado, os três estão intercalados na grande circulação. Enquanto o sangue absorve as substâncias alimentares para levá-las ao organismo humano, substituindo constantemente as substâncias construtivas, os três órgãos participam da necessária elaboração dos alimentos. Surge então a seguinte pergunta: será possível imaginar, a partir da observação externa, como esses três órgãos participam da atividade geral do organismo?

Partamos inicialmente de algo exterior — do fato de esses órgãos estarem intercalados na circulação inferior, assim como o cérebro o está na circulação superior. Partindo apenas da observação exterior (que ainda deverá ser aprofundada posteriormente), vejamos se esses órgãos não poderiam ter uma função semelhante ou aparentada à do cérebro, ou mesmo às partes situadas superiormente no organismo humano. Em que poderia consistir essa função?

Observemos essas partes superiores do organismo humano. São as que recebem as impressões sensoriais externas pelos órgãos dos sentidos e que transformam o material de nossa percepção sensorial. Por isso podemos dizer o seguinte: seja lá o que aconteça na cabeça humana, nas partes superiores do organismo humano, é a elaboração do mundo exterior, das impressões vindas de fora que fluem pelos órgãos sensoriais. Temos de reconhecer nas impressões sensoriais as causas efetivas para o que acontece nas partes superiores do homem. E enquanto as impressões exteriores enviam seus efeitos aos órgãos localizados na parte superior do homem, elas modificam o sangue ou ajudam a modificá-lo, enviando-o tão transformado de volta ao coração como faz o restante do organismo. Não poderíamos pensar, então, que o que penetra do mundo exterior na parte superior do homem, pelo portal dos órgãos sensoriais, corresponde ao que age a partir dos órgãos internos — baço, fígado e bile? A parte superior do organismo humano se abre ao exterior para receber as impressões de fora, e enquanto o sangue flui para cima, para receber as impressões do mundo exterior, também flui para baixo, para receber o que vem dos órgãos situados inferiormente. Como dissemos, o meio ambiente atua por meio dos sentidos sobre nossa organização superior. Imaginemos isso comprimido, concentrado num núcleo, e poderemos considerar algo análogo ao que é causado pelo fígado, pela bile e pelo baço: a transformação de substâncias retiradas do mundo exterior. Se nos aprofundarmos nesse pensamento, veremos que a coisa não é tão estranha como pode parecer.

Imaginemos as diferentes percepções sensoriais do mundo exterior fluindo para dentro — como que contraídas, como que condensadas — formando órgãos, transferidas para o interior do homem e inseridas no sangue. A parte superior do organismo humano se apresenta ao sangue tal como, a partir de dentro, os órgãos (fígado, bile e baço) se apresentam ao sangue. Temos portanto, em cima, o mundo externo que envolve nossos sentidos condensado em órgãos deslocados para o interior do homem, de modo a podermos dizer o seguinte: de um lado o mundo nos toca de fora, fluindo pelos órgãos dos sentidos ao nosso organismo superior e agindo sobre nosso sangue; de outro lado o mundo age misteriosamente a partir de dentro, em órgãos nos quais se condensou primeiro o que

ocorre no macrocosmo, atuando sobre nosso sangue, que do mesmo modo se lhe apresenta. Se quiséssemos fazer um desenho esquemático, poderíamos dizer o seguinte: – Imaginemos de um lado o mundo agindo sobre os sentidos e vindo de todas as

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
00000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

direções, e o sangue abrindo-se como um painel às sensações desse mundo exterior, e teremos nossa organização superior. Suponhamos que pudéssemos condensar o mundo em diferentes órgãos, formar dele um extrato e levá-lo ao nosso interior, de modo que o mundo todo agisse do outro lado do sangue. Teríamos uma imagem esquemática do exterior e do interior do organismo humano, formada de uma maneira bem especial. Então poderíamos dizer que o cérebro corresponde à nossa organização interna; enquanto preenche as cavidades torácica e abdominal esta é, por assim dizer, o mundo exterior colocado em nosso interior.

Nessa organização, que devemos reconhecer como subordinada, já que serve principalmente à continuidade do processo nutritivo, temos algo misterioso: a condensação de todo o mundo exterior numa soma de órgãos e instrumentos internos. Observando mais de perto o fígado, a bile e o baço, podemos dizer que inicialmente é o baço que se apresenta à circulação sangüínea. O baço é um órgão singular, onde se alojam, em tecido rico de sangue, uma série de grãosinhos que se sobressaem como pontinhos brancos. Em relação ao sangue, o baço se apresenta à observação como uma peneira através da qual o sangue passa para se apresentar a esse órgão, que de certa forma constitui uma parte contraída do macrocosmo. Na etapa seguinte vemos como o sangue se apresenta ao fígado e como este excreta a bile, que é armazenada num órgão especial passando daí aos alimentos e, em seguida, atingindo o sangue junto com as substâncias alimentares transformadas.

Podemos imaginar essa entrega interior do sangue aos três órgãos da seguinte maneira: o primeiro órgão com o qual o sangue se defronta é o baço, o segundo é o fígado e o terceiro, que já tem uma relação muito complicada com todo o sistema sangüíneo, é a bile. Pelo fato de ser oferecida aos alimentos e participar de sua transformação, esta é considerada um órgão especial.

Por determinados motivos, os ocultistas de todas as épocas deram a estes órgãos certos nomes. Por enquanto eu lhes peço não se deterem nos nomes que são dados a esses órgãos, nem imaginar que eles tenham um outro significado no grande mundo. Mais tarde

veremos por que foram escolhidos justamente esses nomes. Foi pelo fato de o baço se apresentar primeiro ao sangue – assim podemos dizer –, por analogia puramente exterior, que os antigos ocultistas acharam mais conveniente dar-lhe o nome do astro que se apresenta em primeiro lugar no sistema solar. Chamavam por isso o baço de Saturno, ou um Saturno interior no homem. De modo análogo, designaram o fígado como um Júpiter interior e a bile como um Marte interior. Com essa denominação não devemos imaginar outra coisa a não ser que a escolhemos pelo fato de concebermos a idéia, por enquanto hipotética, de que os mundos exteriores, normalmente acessíveis aos nossos sentidos, estão condensados nesses órgãos, se nos apresentando como mundos interiores tal como os mundos exteriores se nos apresentam nos planetas. E já poderíamos afirmar que, assim como os mundos exteriores se apresentam aos nossos sentidos, penetrando de fora e agindo sobre o sangue, também os mundos interiores atuam sobre o sangue, influenciando-o igualmente.

Encontraremos, porém, uma diferença considerável entre aquilo a que nos referimos ontem como peculiaridades do cérebro humano e o que atua sobre o nosso sangue como uma espécie de sistema cósmico interno. E a diferença consiste no fato de o homem não saber o que ocorre em seu organismo inferior, isto é, não ter noção das impressões que os mundos interiores ou, de certa forma, os planetas interiores exercem sobre ele. Por outro lado, é característico o fato de os mundos exteriores provocarem impressões em sua consciência. Numa determinada relação, podemos considerar esse mundo interior como o mundo do inconsciente frente ao mundo consciente que conhecemos na vida cerebral.

Tomemos agora algo diverso para nos ajudar a esclarecer o que há nesse consciente e inconsciente. Os Senhores sabem que a Ciência Natural considera o sistema nervoso, com tudo o que dele faz parte, como órgão da consciência. A fim de termos uma base para nossas observações ocultas, devemos notar uma certa relação existente entre o sistema nervoso e o sistema sangüíneo, ou seja, aquilo que analisamos hoje esquematicamente. Vemos que por toda parte o sistema nervoso tem uma certa relação com o sistema sangüíneo, isto é, que o sangue se aproxima do sistema nervoso. Primeiro temos de levar em conta o que a ciência natural considera um fato. Para ela não há dúvida de que o sistema nervoso seja o regulador de toda a atividade consciente, de tudo o que denominamos vida anímica. Não podemos deixar de mencionar, inicialmente apenas como alusão a fim de comprová-lo mais tarde, que para o ocultista o sistema nervoso é apenas uma espécie de base para a consciência. Assim como o sistema nervoso faz parte do nosso organismo e tem contato – ou pelo menos uma certa relação – com o sistema sangüíneo, assim fazem parte da entidade humana global o que denominamos corpo astral e eu do homem. E uma observação exterior, já mencionada em outras palestras, pode mostrar-nos que de certo modo o sistema nervoso é uma manifestação do corpo astral e o sangue uma manifestação do eu. Ao observar a natureza sem vida, vemos ser possível atribuir às pedras, aos minerais e assim por diante, pelo que nos parecem, apenas um corpo físico. Ascendendo desses corpos naturais inorgânicos, sem vida, para os corpos naturais vivos, aos organismos, devemos considerar que esses organismos são permeados pelo chamado corpo etérico ou vital, que contém em si as causas das manifestações vitais. Veremos mais tarde que a Ciência Espiritual não fala do corpo etérico ou vital como a Ciência Natural exterior falava de uma força vital especulativa.<sup>8</sup> Quando a Ciência Espiritual fala do corpo etérico, refere-se a algo realmente visível ao olho espiritual, a uma realidade que dá fundamento ao corpo físico exterior. Observando as plantas, é mister atribuir-lhes um corpo etérico. Passando aos seres que sentem – os animais –, vemos que o que os diferencia das plantas é o elemento da sensação ou da vivência interior. Se nos perguntarmos o que deve ser incorporado ao organismo animal para que ele possa

ascender dos simples processos vitais às sensações, a resposta é a seguinte: se a simples atividade vital – que não consegue interiorizar-se, não consegue inflamar-se em sensação – deve poder inflamar-se em sensação, em vivência interior, é necessário que ao organismo animal se incorpore o corpo astral. Devemos reconhecer no sistema nervoso, que as plantas ainda não possuem, a manifestação exterior, o instrumento do corpo astral. O corpo astral é a imagem espiritual arquetípica do sistema nervoso. Tal como a imagem arquetípica se relaciona com sua manifestação, assim o corpo astral se relaciona com o sistema nervoso.

Passando a observar o homem (ontem já mencionei que no ocultismo não temos a mesma sorte da Ciência Natural, onde se pode misturar tudo), ao considerar os órgãos humanos temos de estar sempre conscientes de que a função destes órgãos ou sistemas orgânicos nem sempre é a mesma que a dos sistemas orgânicos análogos dos animais, apesar da semelhança externa. No homem, devemos considerar o sangue o instrumento exterior do eu, de tudo o que caracterizamos como centro mais íntimo de nossa alma. Assim, temos no sistema nervoso o instrumento exterior do eu.<sup>9</sup> E se no organismo o sistema nervoso, de certa forma, se relaciona com o sangue, assim as imagens anímicas interiores, que vivenciamos como nossas representações, percepções, sensações e assim por diante, se relacionam com nosso eu. O sistema nervoso é muito diferenciado no organismo humano. Ele se nos mostra, por exemplo, como feixes nervosos internos lá onde se abre para formar os nervos auditivos, os nervos faciais e outros. O sistema nervoso é algo que se espalha pelo organismo de forma muito diferenciada, apresentando grande diversidade interior. Por outro lado, o sangue mostra bastante uniformidade quando circula pelo organismo, mesmo se considerarmos a diferença entre o sangue arterial e o sangue venoso. O sangue se defronta com o sistema nervoso diferenciado como algo unitário, tal como o eu se defronta com a vida anímica diferenciada, desmembrada em representações, sensações, impulsos volitivos, sentimentos e demais funções. Quanto mais os Senhores seguirem tal comparação, tanto mais se evidenciará a relação de semelhança entre os dois arquétipos, o eu e o corpo astral, com suas imagens, seus instrumentos: o sistema sangüíneo e o sistema nervoso. Certamente podemos dizer que sangue é sempre sangue; mas ele se transforma ao fluir pelo organismo. E podemos estabelecer um paralelismo entre as transformações do sangue e as transformações que o eu experimenta mediante as diversas vivências anímicas. Também nosso eu é unitário. Na vida entre o nascimento e a morte, se voltarmos o pensamento até onde a memória alcança, poderemos dizer de nós mesmos: eu estava presente! Tanto no quinto ano de vida como no sexto, tanto ontem como hoje, trata-se do mesmo eu. Considerando porém seu conteúdo, notaremos que o eu, tal como vive em mim, está repleto de uma série maior ou menor de representações, sensações, sentimentos e assim por diante, que são devidos ao corpo astral e entram em contato com o eu. Há um ano nosso eu tinha um conteúdo, ontem tinha um outro conteúdo e hoje novamente terá outro. O eu, portanto, entra em contato com todo o conteúdo anímico e o permeia. Assim como o sangue flui por todo o organismo e entra em contato com o sistema nervoso diferenciado, o eu entra em contato com a vida diferenciada da alma, com representações, sentimentos, impulsos volitivos e outros. Desse modo, essa observação comparativa já nos mostra que existe uma certa justificativa em vermos no sistema sangüíneo uma imagem do eu e no sistema nervoso uma imagem do corpo astral – imagens desses dois membros supra-sensíveis, superiores, da natureza humana –, enquanto o corpo etérico se liga mais ao corpo físico.

É necessário lembrar que o sangue, ao fluir pelo organismo da maneira indicada, de um lado se oferece ao mundo exterior como um painel que se apresenta às impressões desse mundo exterior e, por outro lado, se defronta com o que denominamos mundo

interior. Assim também se passa com nosso eu. Primeiro dirigimos nosso eu ao mundo exterior e recebemos as impressões externas. Um conteúdo diferenciado aparece em nosso eu e ele se preenche de impressões vindas de fora. Mas existem também momentos em que o eu, por assim dizer, permanece dentro de si mesmo, em que se entrega a seu sofrimento, à dor, à alegria, aos sentimentos interiores, momentos em que traz de sua memória não o que recebe diretamente do contato com o mundo exterior, mas o que carrega dentro de si. Também neste sentido o eu tem um paralelismo com o sangue, ora se oferecendo como uma lousa ao mundo exterior, ora ao mundo interior; e poderíamos esquematizar o eu tal qual o sangue, como na figura anterior. Podemos relacionar com o eu as impressões exteriores por ele recebidas por meio de representações mentais, de imagens anímicas, assim como relacionamos com o sangue os processos reais que nos chegam de fora pelos sentidos; portanto podemos, exatamente como na vida corpórea, de um lado relacionar os acontecimentos anímicos com o sangue e de outro com o eu.

Observemos agora, a partir desse ponto de vista, a ação conjunta e antagônica do sangue e dos nervos. Quando dirigimos, por exemplo, nosso olho ao mundo exterior, as impressões externas, cores, impressões luminosas e outras agem sobre os nervos ópticos. Enquanto dirigimos os olhos ao mundo exterior, podemos dizer também que as impressões desse mundo exterior têm uma atuação sobre nossos nervos visuais, ou seja, o instrumento do corpo astral. No momento em que ocorre uma relação entre o sangue e o nervo, podemos dizer que o processo anímico paralelo é aquele em que as diferentes representações da vida anímica entram em relação com o eu. Desenhando esquematicamente a relação entre nervo e sangue, podemos imaginar algo que, vindo de fora por meio do nervo, entra em relação com os vasos sanguíneos próximos do nervo óptico.

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b0200000000  
50000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010  
2022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002  
d01000004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d65  
73204e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d010100050000  
000902000000020d000000320a36000000010004000000000a4058102200f1b00040000002d01  
0000030000000000

Se quisermos observar o organismo humano de forma a obter uma base para a contemplação oculta da natureza do homem, essa relação é algo extraordinariamente importante. Cumpre então afirmar que, na vida cotidiana, geralmente o processo ocorre de maneira tal que uma ação reproduzida pelo nervo é gravada no sangue como numa lousa, inscrevendo-se assim no instrumento do eu. Suponhamos, contudo, que interrompêssemos artificialmente a relação entre a circulação do sangue e o nervo, ou seja, levássemos o homem artificialmente a uma situação tal que o

010009000003780000002001c000000000040000003010800050000000b02000000000  
50000000c028202a50504000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010  
2022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002  
d01000004000000020101001c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d65  
73204e657720526f6d616e0040000002d010100050000  
000902000000020d000000320a3600000001000400000000000a4058102200f1b00040000002d01  
0000030000000000

nervo fosse afastado de sua atividade sobre o sangue, não mais podendo um agir sobre o outro. Podemos desenhar isso esquematicamente representado os dois elementos afastados entre si, não mais podendo ocorrer a interação entre o nervo e o sangue. A situação pode apresentar-se de tal maneira que não haja mais impressão sobre o nervo. Isso pode ser alcançado, por exemplo, cortando-se o mesmo. Se de algum modo acontecer que um nervo seja seccionado – que ele, portanto, não receba impressões –, não é de estranhar que o homem não vivencie coisa alguma de especial por meio desse nervo. Suponhamos agora que, apesar de a relação entre o sangue e o nervo estar interrompida, seja causada uma certa impressão. Experimentalmente, isso é possível estimulando-se o nervo com uma corrente elétrica. Porém a influência exterior do nervo não nos interessa aqui. Existe ainda outro modo de influenciar o nervo, levando a um ponto em que este não pode agir sobre a circulação. Esta situação pode ser provocada no organismo humano – e realmente o é – por determinadas representações, determinadas idéias, sensações e sentimentos que o homem vivenciou e assimilou e que, para essa experiência ter um resultado, deveriam ser representações superiores, morais ou intelectuais. Quando o homem exercita essas representações – por exemplo, de símbolos – com aguçada concentração interior da alma, isso resulta no fato de ele se utilizar totalmente do nervo, retirando-o de sua relação com a circulação sangüínea. Se o homem simplesmente se entrega às impressões exteriores normais, na consciência de vigília, a ligação natural entre o nervo e o sangue está presente. Se, porém, ele se isola da ação das impressões exteriores pela concentração interior aguçada, então possui em sua *alma aquilo* que surge apenas na consciência; o que é conteúdo da consciência faz o nervo todo engajar-se, separando assim a atividade nervosa da atividade sangüínea. A conseqüência dessa concentração interior (sendo suficientemente intensa, ela realmente interrompe a ligação entre o sangue e o nervo) é que o nervo se liberta, de certa forma, de sua correlação com o sistema sangüíneo e, conseqüentemente, também se liberta das vivências comuns do eu, para as quais o sistema sangüíneo é o instrumento externo. De fato, pelas vivências do caminho iniciático, as quais devem levar aos mundos superiores (e isso pode ser totalmente comprovado de modo experimental), isto é, por meio da concentração aguçada perseverante, o sistema nervoso é temporariamente desviado da relação comum

com o sistema sangüíneo e dos deveres deste para com o eu. Em conseqüência disso, o sistema nervoso, que antes inscrevia suas impressões no quadro sangüíneo, deixa-as agora refluir sobre si mesmo, detendo-as e não as deixando chegar até o sangue. Portanto, é possível, puramente por processos de concentração interior, separarmos nosso sistema sangüíneo do sistema nervoso, fazendo refluir para o próprio sistema nervoso (usando uma imagem), o que teria fluído para o eu.

Se o homem realmente consegue isso por meio de atividade anímica, ocorre o fato curioso de ele ter uma maneira diferente de vivência interior e, conseqüentemente, se encontrar diante de um horizonte da consciência totalmente modificado, o qual poderia ser expresso da seguinte maneira: se os nervos e o sangue estão interagindo da maneira habitual, como ocorre normalmente na vida, o homem relaciona as impressões provenientes do mundo exterior com seu eu. Se, todavia, mediante concentração interior, mediante atividade anímica interior, ele retira o sistema nervoso da atuação sobre seu sistema sangüíneo, ele tampouco vive dentro de seu eu comum; não pode chamar a si mesmo de eu no mesmo sentido em que diz “eu” em sua vida consciente normal. Aí o homem se percebe como se tivesse tirado conscientemente de si uma parte de seu ser separada de seu sistema sangüíneo. É como se algo que normalmente não se vê, que é supra-sensível, agisse para dentro de nossos nervos, porém não se gravando em nosso quadro sangüíneo e não impressionando nosso eu comum. A pessoa sente-se afastada de todo o sistema sangüíneo e como que arrebatada de seu organismo. Trata-se de uma retirada consciente do eu do âmbito de atuação do corpo astral. Se antes a atividade nervosa se gravava no sistema sangüíneo, agora ela se reflete sobre si mesma. Agora a pessoa vive em algo diferente, sente-se num outro eu, num eu [macrocósmico] que antes podia apenas ser pressentido: ela sente a elevação para dentro de um mundo supra-sensível.

Se mais uma vez quisermos desenhar esquematicamente a relação entre o nervo ou todo o sistema nervoso – tal como ele acolhe em si as impressões do mundo exterior – e o sangue, poderemos fazê-lo da seguinte maneira:

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
000000000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

Se impressões exteriores, vivências exteriores fluíssem para dentro, elas se gravariam no sistema sangüíneo. Mas quando isolamos o sistema nervoso do sistema sangüíneo, tudo

reflui sobre o próprio sistema nervoso. Irrompe para nós um mundo do qual antes não tínhamos conhecimento, por assim dizer, até os extremos de nosso sistema nervoso, o que sentimos como um contragolpe. Enquanto no estado normal de consciência assimilamos um mundo que penetra até o sistema sangüíneo, de maneira a ser inscrito nele como numa lousa, no outro caso levamos as impressões apenas até onde os nervos terminam e encontram uma resistência em si mesmos. Sofremos, por assim dizer, um impacto nessas termi-

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
000000000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

nações nervosas e passamos a viver fora, no mundo supra-sensível. Quando temos uma impressão cromática recebida pelo olho, ela penetra em nosso nervo óptico e se inscreve no quadro do sangue; e nós sentimos o que costumamos expressar com as palavras “eu vejo a cor vermelha”. Suponhamos que não cheguemos com nossas impressões até o sangue, mas só até a terminação nervosa, onde ocorre o rebote; em realidade vivemos até nosso nervo óptico. Recuamos diante da expressão corpórea de nosso sangue, vivemos fora de nós mesmos; estamos, em realidade; dentro dos raios de luz que antes provocavam em nós a impressão ‘vermelho’. Realmente saímos de nós, por não penetrarmos em nosso interior de modo tão profundo como acontece normalmente, uma vez que só chegamos às terminações nervosas. Isto causa uma vida anímica tal que esta vivencia o homem físico como algo exterior, não se identificando mais com ele. A consciência normal chega até o sangue. Quando tivermos desenvolvido a alma a ponto de, por assim dizer, dar meia-volta nas terminações nervosas, nós excluiremos o sangue daquilo que denominamos o homem superior, ao qual chegamos quando conseguimos libertar-nos de nós mesmos.

Por meio dessa observação obtivemos uma concepção dos processos que ocorrem quando desligamos o sistema sangüíneo (que caracterizamos como uma espécie de lousa apresentando-se de um lado às impressões exteriores e de outro às impressões interiores) do que podemos chamar de homem superior, ao qual podemos evoluir ao nos soltarmos de nós mesmos e nos libertarmos das influências do eu comum. Podemos estudar melhor toda a natureza interior do sistema sangüíneo não nos detendo em frases banais, mas observando o que existe de real no homem, ou seja, o homem supra-sensível, invisível, que nós mesmos podemos alcançar. Quando observamos esse homem invisível – como ele chega até o sangue –, podemos chegar ao pensamento de que o homem pode viver no mundo exterior, pode expandir-se por todo o mundo exterior, pode desabrochar nele e, por assim dizer, assumir um ponto de vista oposto, rumo ao interior. Para conhecer melhor

as funções do sangue e dos órgãos nele intercalados, devemos responder à seguinte pergunta: como esse mundo superior, ao qual o homem pode ascender e que ele pode conhecer exatamente, deve reproduzir-se na lousa sangüínea? Toda a vida sangüínea diferenciada se mostrará como centro do homem quando observarmos diretamente a relação desse sistema maravilhoso com um mundo superior. É nossa tarefa poder ver o homem como uma imagem do mundo supra-sensível, poder ver o homem exterior como uma imagem daquele homem que tem suas raízes no mundo espiritual. Assim poderemos reconhecer que o organismo humano é uma imagem fiel do espírito.

*22 de março de 1911*

## A atuação conjunta da dualidade humana

Estas três primeiras conferências, incluindo a de hoje, objetivam orientar-nos de maneira geral sobre o que se relaciona com a vida e a essência do homem. Por isso, nelas serão emitidos primeiro alguns conceitos importantes, que do contrário ficariam pairando no ar, porque as explicações mais precisas serão dadas posteriormente. Será melhor termos primeiro uma idéia geral de como observar o homem no sentido oculto, introduzindo nessa observação – que por enquanto consideramos hipotética – o que nos pareçam ser argumentos mais profundos.

No final da conferência de ontem, tentei mostrar que o homem, mediante certos exercícios anímicos, mediante intensa concentração sobre os pensamentos e as sensações, pode produzir um estado de vida diferente do habitual. O estado de vida habitual se manifesta pelo fato de na vida diurna desperta termos uma estreita ligação entre o sangue e o nervo. Esquemáticamente falando, podemos dizer que o que acontece através dos nervos se inscreve no quadro do sangue. Pela prática de exercícios anímicos, conseguimos estirar tão intensamente os nervos que sua atividade não atinge mais o sangue, mas reflete-se sobre o próprio nervo. Como o sangue é o instrumento do nosso eu, a pessoa que liberta seu sistema nervoso do sangue, por meio de intensa concentração do pensamento e da sensação, sente-se como que afastada de seu próprio ser habitual, como que retirada dele e, por assim dizer, confrontada com ele. Conseqüentemente, ela não pode mais dizer a esse seu ser habitual “isto sou eu”, mas pode dizer “isto é voce”. Portanto, defronta-se consigo mesma como se fosse uma personalidade estranha que vive no mundo físico. Se quisermos entender um pouco o estado de vida de uma pessoa que se tornou de certo modo clarividente, devemos dizer que ela se sente como se uma entidade superior penetrasse em sua vida anímica. Trata-se de uma sensação bem diversa da experimentada quando, na vida cotidiana, nos defrontamos com o mundo exterior. Na vida normal, sentimo-nos estranhos diante das coisas e dos seres do mundo exterior (animais, plantas e assim por diante). Sentimo-nos como que fora ou ao lado deles. Ao vermos uma flor, sabemos exatamente: a flor está lá e eu estou aqui. É diferente quando nos retiramos, da maneira descrita, de nosso eu subjetivo – quando, libertando o sistema nervoso do sangüíneo, nos elevamos ao mundo espiritual. Então não mais sentimos estar ali aquele ser estranho que se nos defronta, enquanto estamos aqui; é como se o outro ser penetrasse em nós e nós nos sentíssemos unos com ele. Assim, podemos dizer que, ao se tornar clarividente, mediante observação progressiva a pessoa começa a conhecer o mundo espiritual, aquele mundo espiritual com o qual o homem está permanentemente ligado e que, através do sistema nervoso, também nos chega na vida comum, pelo desvio das impressões sensoriais.

Portanto, é este mundo espiritual, do qual o homem não tem conhecimento em seu estado de consciência normal, que se inscreve em nosso quadro sangüíneo e, conseqüentemente, em nosso eu. Podemos, pois, dizer que tudo o que nos rodeia no mundo sensorial tem um fundamento no mundo espiritual, o qual vemos apenas como através de um véu tecido por nossas impressões sensoriais. Em consciência normal, não vemos esse mundo espiritual sobre o qual o horizonte do eu individual estende um véu; mas no momento em que nos libertamos do eu, apagamos também nossas impressões sensoriais comuns, que então deixamos de ter. Ascendemos a um mundo espiritual, o mesmo situado atrás das impressões sensoriais, com o qual nos unimos ao retirar o sistema nervoso do contato com o organismo sangüíneo comum.

Com essas observações seguimos, de certo modo, a vida humana tal como é estimulada de fora e age, através do nervo, sobre o sangue. Já mostramos ontem, todavia, que na vida interior física, puramente orgânica do homem, podemos ver uma espécie de mundo exterior comprimido. Mostramos que em nosso fígado, bile e baço encontramos um mundo exterior condensado, de certa forma, em órgãos. Por isso podemos dizer que, assim como o sangue percorre o cérebro na parte superior do organismo para aí entrar em contato com o mundo exterior (e isso ocorre quando as impressões sensoriais externas atuam sobre o cérebro), assim ele também se relaciona com os órgãos internos – entre os quais mencionamos o fígado, a bile e o baço – quando circula pelo corpo. O fato de esses órgãos não se abrirem para o exterior, mas estarem encerrados dentro do organismo, cobertos de todos os lados, de modo a desenvolver apenas uma vida interior, faz com que neles o sangue não tenha contato com qualquer mundo exterior. Esses órgãos só podem agir sobre o sangue de acordo com suas características próprias. Fígado, bile e baço não recebem impressões exteriores como o olho ou o ouvido, e portanto não podem transmitir ao sangue os efeitos recebidos de fora; podem apenas expressar sua própria natureza na atuação que têm sobre o sangue. Observando o mundo interior – onde, por assim dizer, está condensado o mundo exterior –, podemos dizer que aqui um mundo exterior interiorizado atua sobre o sangue humano.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000  
000c028202a505040000002e0118001c00000fb021000070000000000bc020000000001020222  
53797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d0100  
0004000000020101001c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204  
e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d01010005000000090  
2000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d0100000  
30000000000

Se nessa figura esquemática a linha inclinada AB representa o quadro do sangue, pelas setas superiores, de um lado, podemos ilustrar tudo o que vem de fora e nele se inscreve, e pelas setas inferiores tudo o que se grava no quadro sangüíneo vindo de den-

tro. Ou, considerando-se o mesmo de maneira menos esquemática, pode-se dizer que, ao se observar a cabeça humana e o sangue que nela circula – o modo como este recebe a inscrição de fora, pelos sentidos –, o cérebro age transformando o sangue da mesma forma como os órgãos internos o transformam. É que esses três órgãos – fígado, bile e baço – atuam sobre o sangue pelo outro lado, fato que desenhamos aqui como se este circulasse em volta dos órgãos. Assim o sangue, por assim dizer, poderia receber irradiações e impressões desses órgãos e, como instrumento do eu, poderia manifestar a vida interior desses órgãos nesse eu, da mesma forma como o que nos rodeia se manifesta em nossa atividade cerebral.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b020000000005  
0000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102  
022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d  
01000004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d657  
3204e657720526f6d616e0000000000000000000000000000000040000002d0101000500000  
00902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d010  
0000300000000000

Agora devemos ter bem claro que ainda é necessário ocorrer algo muito específico para que os efeitos desses órgãos se transmitam ao sangue. Lembremo-nos, como já foi dito, de que é graças à interação entre o nervo e o sangue que existe a possibilidade de algo atuar sobre o sangue, inscrever-se no sangue. Se do lado dos órgãos internos deve haver efeitos sobre o sangue – se, por assim dizer, o ‘mundo interior’ do homem age sobre o sangue, dever existir algo semelhante a um sistema nervoso ligando esses órgãos e o sangue. O ‘mundo interior’ deve atuar primeiro sobre um sistema nervoso, para depois transmitir seus efeitos ao sangue.

Notamos assim que, simplesmente comparando a parte inferior com a superior do homem, deve-se pressupor a existência, entre nossos órgãos internos – representados pelo fígado, pela bile e pelo baço – e a circulação sangüínea, de algo semelhante a um sistema nervoso. A observação científica mostra-nos que em todos esses órgãos está inserido o que chamamos de sistema nervoso simpático.<sup>10</sup> Este preenche a cavidade corporal do homem, encontrando-se, com o mundo interior e a circulação sangüínea, numa relação semelhante à que, por outro lado, o sistema nervoso medular (também denominado central) possui com o grande mundo exterior e a circulação sangüínea do homem. É de esperar que esse

sistema nervoso simpático – correndo ao longo da coluna e, a partir daí, ramificando-se para muitas regiões do organismo, formando também expansões reticulares, especialmente na cavidade abdominal, onde uma parte desse sistema é chamado popularmente de plexo solar<sup>11</sup> – seja um tanto diferente do outro sistema nervoso. E mesmo que isso não sirva como prova, seria interessante perguntar: como poderia ser a estrutura desse sistema nervoso simpático em relação ao sistema nervoso central, se as condições hipoteticamente formuladas por nós fossem preenchidas? Os Senhores poderiam compreender que, assim como o sistema nervoso central deve abrir-se ao espaço, esse sistema nervoso simpático deve dirigir-se ao que está condensado na organização interior.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000  
000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222  
53797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d0100  
0004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d6573204  
e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d01010005000000090  
2000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d0100000  
30000000000

De acordo com nossas premissas, a relação entre os sistemas nervoso central e simpático é análoga à relação entre os raios de uma circunferência dirigidos do centro para a periferia (a) e os que vão da periferia para fora (b). Portanto, deveria haver um certo contraste entre o sistema nervoso central e o simpático. Esta oposição realmente acontece. E nisso já se encontra muita coisa que podemos provar: se nossas premissas estiverem corretas, a observação exterior deverá confirmá-las de certo modo, e de fato o faz. Enquanto no sistema nervoso simpático encontramos essencialmente uma espécie de gânglios nervosos robustos, cujas irradiações – os fios condutores – são relativamente finos, salientando-se pouco em relação aos gânglios, no sistema nervoso central ocorre o contrário, visto que o importante aqui são as fibras de ligação, enquanto os gânglios têm uma importância secundária. Assim, a observação comprova de fato nossas premissas. Se o sistema nervoso simpático *tem* a tarefa que deveria ter segundo nossas considerações, a vida interior do organismo manifestada pelos processos nutritivos e térmicos deve, por assim dizer, impregnar esse sistema nervoso; e deveria ser transmitida ao quadro sanguíneo do mesmo modo como as impressões exteriores se transmitem ao sangue pelo sistema nervoso central. Portanto, pelo instrumento do eu – o sangue – recebemos no eu individual as impressões de nossa própria corporalidade interior, por intermédio do desvio pelo sistema nervoso simpático. Mas como nosso interior corpóreo, assim como tudo o que é físico, é elaborado a partir do espírito, em nosso eu [desperto] recebemos, pelo desvio do sistema nervoso simpático, o mundo espiritual condensado nos respectivos órgãos do interior humano.

Também aqui vemos como essa dualidade se expressa ainda com maior precisão no homem – assunto que iniciou nossas observações. Nós vemos o mundo atuando ora fora,

ora dentro; vemos esse mundo agir em ambos casos de tal maneira que para essa atuação serve como instrumento ora um, ora o outro sistema nervoso. Vemos como o nosso sistema circulatório se encontra entre o mundo exterior e o mundo interior, permitindo que de ambos os lados – uma vez de fora, outra vez de dentro – sejam feitas as inscrições.

Vimos ontem, e hoje repetimos para maior clareza, que o homem é capaz de libertar seus nervos da ação do mundo exterior sobre o sistema circulatório dirigindo-os ao mundo sensorial. Surge aí a seguinte questão: será que algo semelhante poderá acontecer em sentido inverso? E veremos mais tarde que, de fato, também são possíveis exercícios anímicos tais que possibilitem os mesmos efeitos dos quais já falamos ontem e hoje, só que na outra direção. Mas aqui há uma certa diferença. Enquanto pela concentração de pensamentos, de sentimentos e por exercícios ocultos podemos libertar nossos nervos cerebrais e medulares do sangue, podemos, por meio de concentrações que, por assim dizer, penetrem em nossa vida interior, em nosso mundo interior (são precisamente as concentrações que podemos reunir sob o nome de ‘vida mística’), penetrar tão profundamente em nós mesmos que não possamos efetivamente deixar de lado nosso eu nem seu instrumento, o sangue. Como veremos mais tarde, a interiorização mística, da qual sabemos que o homem pode, por assim dizer, submergir em sua própria essência divina, em sua própria espiritualidade enquanto situada dentro dele, não é um desprender-se do eu. Ao contrário, é uma concentração, uma submersão no eu, um fortalecimento, uma ativação, uma intensificação da sensação do eu. Podemos convencer-nos disso estudando o que dizem os místicos mais antigos e deixando de lado os místicos atuais. Esses místicos mais antigos, indiferentemente do fato de pisarem um chão mais ou menos religioso, procuravam principalmente penetrar em seu próprio eu abstraindo-se daquilo que o mundo exterior nos pode dar, a fim de libertar-se de todas as impressões exteriores e submergir totalmente dentro de si próprios. Esta interiorização, esta submersão no próprio eu é como uma concentração de todo o poder e energia do eu para dentro do próprio organismo. Isso, por sua vez, se reflete em todo o organismo do homem, e podemos dizer que, ao contrário do outro caminho que descrevemos, a interiorização – esse ‘caminho místico’ – é de tal ordem que não libertamos o instrumento do eu – o sangue – do nervo, mas o empurramos para o nervo, para o sistema nervoso simpático. Enquanto desfazemos a ligação entre o nervo e o sangue no processo descrito ontem, fortalecemos a ligação entre o sangue e o sistema nervoso simpático pela interiorização mística. Esta é a contra-imagem fisiológica: na interiorização mística o sangue é empurrado para o sistema nervoso simpático, enquanto pela outra espécie de exercícios anímicos o sangue é afastado do nervo. O que ocorre na meditação mística é como um imprimir do sangue no sistema nervoso simpático.<sup>12</sup>

Suponhamos agora que pudéssemos abstrair por um momento do que acontece quando o homem penetra em seu interior pela interiorização mística e não consegue soltar-se de seu eu, mas, ao contrário, penetra mais profundamente em seu interior, levando consigo todas as qualidades ruins, menos apropriadas que possui. Quando submergimos em nosso próprio interior, não temos claro, desde o início, que também comprimimos todas as qualidades menos apropriadas para esse interior – em outras palavras, que tudo o que há de passional no sangue é pressionado para dentro do sistema nervoso simpático.<sup>13</sup> Mas admitamos que pudéssemos ignorar isso por um instante e suponhamos que o místico, antes de praticar essa interiorização, tenha tomado cuidado para que suas qualidades menos positivas desaparecessem cada vez mais e, em lugar das características egoístas, surgissem sentimentos altruístas. Ele se terá preparado tentando despertar em si o sentimento de compaixão para com todos os seres, tentando paralisar, através dessa compaixão altruísta para com todos os seres, as tendências que só

especulam a favor do eu. Admitamos, pois, que a pessoa se tenha preparado com suficiente cuidado antes de submergir em seu interior. Quando, então, através do instrumento de seu sangue o homem leva o eu ao seu mundo interior, acontece que o sistema nervoso interior, o sistema nervoso simpático – do qual o homem naturalmente nada sabe em seu estado de consciência normal – penetra na consciência do eu. Ele então passa a saber o seguinte: dentro de mim existe algo que pode intermediar meu mundo interior do mesmo modo como meu sistema nervoso central intermedeia o mundo exterior. Tomamos conhecimento de nosso próprio sistema nervoso simpático e, tal como podemos conhecer o mundo exterior por meio do sistema nervoso central, agora surge à nossa frente o mundo interior. Mas assim como nas impressões exteriores não podemos ver os próprios nervos, visto que o mundo exterior penetra em nossa consciência através dos nervos ópticos, tampouco os nervos interiores penetram na consciência durante a interiorização mística; o homem apenas percebe que tem neles um instrumento para a visão interior. Aqui acontece algo bem diferente: o mundo interior revela-se à capacidade cognitiva humana que se tornou clarividente para dentro. Assim como nossa visão para fora nos revela o mundo exterior sem que tenhamos consciência de nossos nervos, tampouco temos consciência do sistema nervoso simpático, e sim do que se nos apresenta como mundo interior. Temos de reconhecer apenas que esse mundo interior que nos chega à consciência consiste, na verdade, em nós mesmos enquanto homens físicos.

Talvez não seja muito natural, mas mesmo assim quero dizer o seguinte: um pensador de tendências um pouco materialistas poderia ser tomado por uma espécie de horror se tivesse de admitir que poderia ver seu próprio organismo por dentro, e talvez pensasse: “Vejo alguma razão no fato de que, tornando-me clarividente através de meu sistema nervoso simpático<sup>14</sup>, eu venha a enxergar meu fígado, minha bile e meu baço!” Acho que isso não seria muito natural, mas alguém poderia pensar assim – pois com tal objeção não se consideraria que o homem, na vida exterior, enxerga seu fígado, bile e baço de fora, como o faz com outros objeto externos. Assim como os Senhores podem conhecer o fígado, a bile, o baço e assim por diante pela anatomia, pela fisiologia comum ao dissecarem um homem, esses órgãos naturalmente são vistos de fora pelo sistema nervoso central tal como enxergamos qualquer outro objeto. Mas a situação é bem diferente quando o homem tenta usar seu sistema nervoso simpático para tornar-se clarividente para dentro. Então ele absolutamente não vê o mesmo que pode ver de fora, mas vê aquilo por cuja razão os videntes de todos os tempos escolheram nomes tão estranhos para esses órgãos, como eu lhes mencionei na segunda conferência.

Então ele percebe que, de fato, por meio do sistema nervoso central esses órgãos aparecem à contemplação exterior como *maya*, uma ilusão exterior que aparentam para fora, não revelando seu significado essencial interior. Com efeito, vemos algo totalmente diferente quando contemplamos nosso mundo interior com o olho clarividente voltado para dentro. Aos poucos percebemos por que os iniciados de todos os tempos notaram uma relação dos órgãos com as atuações dos planetas. Como vimos ontem, a atividade do baço era relacionada à atividade de Saturno, a atividade do fígado à de Júpiter e a da bile à de Marte. O que observamos no próprio interior é, de fato, basicamente diferente do que se apresenta à visão exterior. Percebemos que nos órgãos internos temos realmente diante de nós partes limitadas, fechadas do mundo exterior. Principalmente nos fica esclarecido o que nos *servirá a priori* como exemplo: chegar, deste modo, a um conhecimento que vai além da contemplação comum permite convencer-nos de que o baço humano é um órgão muito importante. Este órgão realmente aparece à observação interior como se não fosse constituído de substância exterior, de matéria carnosa, como o seria à observação exterior, mas – se me permitem a expressão apenas aproximada do que realmente se vê

— o baço aparece como um corpo cósmico luminoso em miniatura, com toda uma vida interior muito complicada. Ontem chamei a atenção para o fato de que o baço, quando observado exteriormente, pode ser descrito como um tecido rico em sangue, no qual se alojam os corpúsculos brancos mencionados. A partir de uma observação fisiológica exterior podemos, portanto, dizer que o sangue fluente no baço é como que peneirado por ele. Para uma observação interior, todavia, o baço se nos apresenta como um órgão levado a um movimento rítmico constante por múltiplas forças interiores. E diante de um tal órgão convencemo-nos de que realmente muita coisa do mundo depende do ritmo. Já podemos ter uma noção do significado do ritmo na globalidade da vida do mundo ao reconhecermos o ritmo cósmico exterior na pulsação do sangue.<sup>15</sup> Esse é um reconhecimento exterior. Mas também exteriormente podemos acompanhar com bastante precisão o ritmo nos órgãos, inclusive no baço. Para quem observa os órgãos com o olhar clarividente dirigido ao interior, todas as diferenciações do baço se manifestam como num corpo luminoso; elas existem para dar ao baço um certo ritmo na vida. Esse ritmo diferencia-se consideravelmente de outros ritmos que percebemos comumente. E especialmente interessante estudar como esse ritmo do baço se diferencia consideravelmente de qualquer outro ritmo; pois ele é bem menos regular do que outros. Por quê? Isso acontece porque o baço, de certo modo, está muito próximo do aparelho digestivo humano e tem relação com ele. Os Senhores compreenderão isso melhor quando considerarmos quão regular deve ser o ritmo do sangue no homem para a correta preservação da vida. Esse ritmo deve ser muito regular. Existe, porém, um outro ritmo, apenas pouco regular, embora fosse desejável que se tornasse cada vez mais regular pela autoeducação do homem, especialmente na idade infantil: é o ritmo em que nos alimentamos, o ritmo do comer e beber. Uma pessoa razoavelmente organizada mantém certo ritmo alimentar; ela toma o desjejum, o almoço e o jantar em determinados horários, de modo a se manter num certo ritmo. Mas qual é a situação real desse ritmo? Sob diversos aspectos — infelizmente isso é bastante conhecido —, essa regularidade é quebrada pelo hábito de muitos pais no sentido de ceder à gulodice de seus filhos, dando-lhes de comer sempre que pedem, independentemente de qualquer ritmo. Mesmo os adultos, nem sempre observam um ritmo rigoroso de ingestão de alimentos e líquidos. Não quero ser pedante nem moralista, uma vez que a vida moderna nem sempre o possibilita. A irregularidade com a qual o alimento é empurrado para dentro da pessoa, a irregularidade com que bebemos, é de todos conhecida e não deverá ser aqui criticada, mas apenas mencionada. Mas o que é introduzido de forma tão arrítmica em nosso organismo deve ter seu ritmo lentamente alterado para poder entrosar-se no ritmo orgânico regular. A mudança deve ser de modo que as irregularidades mais grosseiras na ingestão sejam eliminadas. Suponhamos que uma pessoa seja forçada, por causa de sua profissão, a tomar seu desjejum às 8 horas e almoçar às 13 ou 14 horas, e que essa divisão rítmica do dia já lhe seja um hábito. Acontece que essa pessoa vai visitar um amigo e, por simples amabilidade, toma um refresco entre as duas refeições. Deste modo quebrou seu ritmo habitual de maneira bem acentuada, o que causará um determinado efeito sobre o ritmo de seu organismo. É preciso existir no organismo algo que fortaleça de modo correspondente o que é regular no ritmo e enfraqueça o efeito daquilo que é irregular. As maiores irregularidades devem ser compensadas, de modo que na transição das substâncias alimentares para o ritmo circulatório deve estar intercalado um órgão que equilibre a irregularidade do ritmo alimentar diante da regularidade necessária do ritmo sangüíneo. E esse órgão é o baço. Podemos compreender, por meio de certos processos rítmicos como o recém-caraterizado, que o baço é um transformador que compensa irregularidades no tubo digestivo para estas se tornarem regularidades na circulação

sangüínea. Principalmente na época estudantil e mesmo em outras, certas irregularidades na ingestão de alimentos poderiam ser fatais se continuassem sua atividade no sangue. Muita coisa precisa ser compensada, e só deve passar ao sangue o quanto este pode suportar. Essa é a tarefa do baço, órgão intercalado na corrente sangüínea e que irradia seus efeitos ritmizantes sobre todo o organismo a fim de se efetuar a regularização descrita.

O que descobrimos agora pela visão do olho tornado clarividente, ou seja, o fato de o baço observar um certo ritmo, também se mostra à observação exterior. É extraordinariamente difícil descobrir essa função do baço pelas pesquisas fisiológicas exteriores; no entanto, pela observação exterior podemos notar que o baço fica inchado durante um certo tempo após uma refeição copiosa, voltando a contrair-se caso depois de determinado tempo não advenha um reforço alimentar. Por meio de uma certa dilatação e contração desse órgão, a irregularidade na ingestão dos alimentos é adaptada ao ritmo sangüíneo. Tendo consciência de que o organismo humano não é, como freqüentemente é descrito, apenas uma soma de seus órgãos, mas de que todos os órgãos enviam seus efeitos ocultos a todas as partes do organismo, os Senhores poderão supor também que a atividade rítmica do baço depende do mundo exterior, isto é, da ingestão de alimentos, e que esses movimentos rítmicos do baço irradiam para todo o organismo, atuando sobre ele de forma compensadora. Esta é apenas *uma* das maneiras de atuação do baço, pois é impossível evidenciar de imediato todas elas.

Seria, de fato, muito interessante ver se a fisiologia exterior comprovaria essas coisas que acabamos de mencionar<sup>16</sup> caso pudesse aceitá-las pelo menos como uma ‘idéia esboçada’, já que nem todos os homens podem, de súbito, tornar-se clarividentes. Dever-se-ia poder dizer: “Quero imaginar que as coisas ditas pelos ocultistas não sejam tão malucas assim; não quero acreditar nem desacreditar, quero apenas deixá-las em suspenso como idéias e estudar se, pela fisiologia exterior, é possível comprovar algo disso.” Poderiam ser realizadas pesquisas da fisiologia exterior que pudessem comprovar os resultados obtidos pela observação clarividente.

Já mencionamos uma dessas provas, a dilatação e a contração do baço. Como a dilatação do baço ocorre depois da ingestão de uma refeição, isso comprova sua dependência da ingestão alimentar. Assim, temos no baço um órgão que, por um lado, depende da vontade humana e, por outro, pelo lado sangüíneo, elimina as irregularidades da arbitrariedade humana, paralisando-as, adapta-as ao ritmo do sangue, estruturando o físico do homem segundo sua verdadeira essência. Ora, se o homem deve ser estruturado segundo sua essência, sobretudo o instrumento central de sua entidade – o sangue – deve ser capaz de exercer sua ação de modo correto, no ritmo sangüíneo próprio. O homem, enquanto portador de sua corrente sangüínea, precisa fechar-se em si, isolar-se do que se passa irregularmente no mundo exterior e daquilo que nele atua pelo fato de ele incorporar seus alimentos de maneira totalmente arrítmica.

Trata-se, portanto, de isolar, de tornar a entidade humana independente do mundo exterior. No ocultismo, toda individualização, sempre que uma entidade se torna independente, é denominada como algo ‘saturnino’, algo provocado por uma ação de Saturno. Essa é a idéia primordial, o essencial do elemento saturnino: o fato de um ente ser isolado de um organismo global abrangente e se individualizar, de modo a poder desenvolver em si mesmo uma regularidade à parte. Agora não pretendo considerar o fato de nossa astronomia hodierna ainda contar com Urano e Netuno, além da esfera de Saturno, em nosso sistema solar. Para o ocultista, as forças de Saturno abarcam todas as energias necessárias para destacar o sistema solar do resto do Universo, separá-lo, isolá-lo e individualizá-lo, conferindo-lhe suas leis inerentes.

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
00000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

Todas essas forças são dadas pelo que, em nosso sistema solar, é o planeta mais exterior. Imaginando-se todo o Universo, poderíamos dizer que o sistema solar está contido na trajetória de Saturno de forma tal que, dentro dessa trajetória, pode seguir suas próprias leis e tornar-se independente, desprendendo-se do Universo ao redor e de suas forças estruturadoras. Por isso, os ocultistas de todos os tempos viam nas forças saturninas aquilo que delimita nosso sistema solar, possibilitando-lhe desenvolver seu próprio ritmo, diferente do que impera fora dele.

Encontramos em nosso organismo algo semelhante, no baço. Neste caso não se trata de um isolamento de todo o mundo exterior, mas apenas de um meio ambiente, na medida em que este contém os alimentos para o organismo. Devemos considerar o baço como sendo aquele órgão do corpo que trata tudo o que vem de fora da mesma forma como as forças saturninas tratam o que se encontra dentro da trajetória de Saturno no sistema solar: os ritmos externos são transformados no ritmo e na regularidade do homem. As funções inerentes ao baço isolam nossa circulação sanguínea de todas as influências externas, transformando-a num sistema com regularidade própria, capaz de ter seu próprio ritmo.

Assim já nos aproximamos das razões que, no ocultismo, determinaram a escolha dos nomes dos planetas para os órgãos. Nas escolas de ocultismo, esses nomes não eram originalmente aplicados apenas a cada planeta fisicamente visível. Como já foi dito, usava-se, por exemplo, o nome ‘Saturno’ para tudo o que provoca um isolamento de uma globalidade maior e se fecha num sistema ritmicamente estruturado em si mesmo. Há uma certa desvantagem para a evolução cósmica geral quando um sistema se isola<sup>17</sup> e se estrutura em si de modo ritmicamente independente, e isso sempre inquietava um pouco os ocultistas. É facilmente compreensível que no macro e no microcosmo todos os efeitos estejam em inter-relação, que todos estejam correlacionados. Quando qualquer coisa – seja um sistema solar, seja o sistema sanguíneo do homem – se desmembra do mundo exterior global, seguindo uma regularidade própria, isso significa que esse sistema fere as leis externas, que se torna independente delas, criando leis internas e um ritmo próprio, os quais, de início, contradizem os do mundo exterior. Veremos ainda como isso também pode ser aplicado ao homem, embora deva ficar claro, após as explanações da conferência de hoje, que é uma bênção para o homem o fato de ter recebido esse ritmo interno pelo elemento saturnino do baço. Veremos, todavia, que um ser – seja um planeta, seja um homem – se coloca em contradição com o mundo ao redor quando se fecha em si mesmo. Cria-se uma contradição entre o que está ao redor de nós e o que está dentro de nós. Essa contradição, uma vez existente, só poderá ser equilibrada quando o ritmo interno se igualar totalmente ao ritmo externo. Ainda veremos como isso também se aplica ao

homem físico; pois, como foi dito agora, parece que o homem deveria adaptar-se à irregularidade. Mas veremos que é diferente. O ritmo interior, depois de estabelecido, deve almejar igualar-se a todo o mundo exterior, isto é, compensar-se. Isso significa que a entidade que surge no interior, e que trabalha independentemente, deve colocar empenho em adaptar-se novamente ao mundo exterior e, diante dele, tornar-se igual a ele. Em outras palavras: tudo o que se torna independente por causa de uma atividade saturnina é, ao mesmo tempo, condenado por esta a destruir-se novamente. O mito expressa isso numa imagem: Saturno – ou Cronos – devora seus próprios filhos.

Aqui os Senhores vêem uma profunda concordância entre uma idéia oculta e um mito que expressa a mesma coisa numa imagem, num símbolo: Cronos devora seus próprios filhos. Ao permitirmos que em número cada vez maior essas coisas atuem sobre nós, vai-se formando um sutil sentimento para com relações do tipo mencionado, e depois de algum tempo não será tão fácil dizer, como exige o esclarecimento exterior: “Bem, alguns sonhadores imaginam que nos velhos mitos e lendas há imagens que retratam sabedorias profundas!” Ouvindo duas, três ou mesmo dez analogias desse tipo, e ainda mais como são freqüentemente apresentadas na literatura, certamente podemos revoltar-nos contra a idéia de que os mitos e lendas contenham verdades mais profundas do que a ciência exterior. No entanto, quem se aprofundar no assunto verá que os mitos e lendas levam mais profundamente à essência real do mundo e da formação dos órgãos do que é possível à abordagem científica exterior. Se deixarmos essas imagens, espalhadas por todos os cantos da Terra sob a forma de mitos e lendas maravilhosos, agir cada vez mais sobre nós, ao investigarmos carinhosamente essas imagens poderemos notar a transformação de sabedorias profundas no sentir e no pensar dos povos, bem como nas representações pictóricas dos homens. Somente então poderemos compreender por que alguns ocultistas dizem que só compreendeu os mitos e as lendas quem, através deles, penetrou na fisiologia oculta da natureza humana. E, mais do que a ciência exterior pode abranger, os mitos e as lendas contêm conhecimentos reais sobre a entidade humana, uma verdadeira fisiologia.<sup>18</sup> Quando os homens puderem descobrir quanta fisiologia está contida, por exemplo, em nomes como Caim e Abel<sup>19</sup> e nos nomes de seus descendentes (tais nomes antigos procedem de épocas em que ainda se imprimia um sentido interior ao nome), sentirão um tremendo respeito, uma enorme devoção diante de tudo o que foi pensado por homens sábios no decorrer da evolução histórica, a fim de que, onde ainda não é possível contemplar o mundo espiritual, as almas possam vivenciar sua relação com os mundos espirituais por meio de imagens. E então perderemos radicalmente nosso orgulho escondido na frase que hoje desempenha um papel tão exagerado: “Quão maravilhosamente adiantados estamos hoje!”<sup>20</sup>, com a qual se quer dizer: “Como eliminamos as antigas expressões pictóricas da sabedoria humana ancestral!”

Nós as eliminamos radicalmente quando não submergimos com amor fervoroso no curso evolutivo da humanidade através das diversas épocas. O que o clarividente, com o olho interior aberto, pesquisa fisiologicamente como sendo a natureza interior dos órgãos humanos, expressa-se em imagens que lhe permitem reconhecer que os mitos e as lendas, por assim dizer, contêm a origem humana. O clarividente vê expresso nos mitos e nas lendas esse processo maravilhoso pelo qual os mundos foram condensados em órgãos humanos. Ele vê como, no decorrer de um tempo infinitamente grande, os órgãos se cristalizaram para virem a ser o que atua em nós como baço, como fígado, como bile. Amanhã ainda falaremos mais a respeito. Para poder representar tudo isso em imagens, é realmente necessária uma sabedoria muito profunda, um conhecimento profundo do que podemos pressentir apenas por meio da ciência oculta. O que age no interior de nosso organismo humano origina-se de outros mundos como um microcosmo do macrocosmo, e

vemos todos esses conhecimentos incríveis expressos nos mitos e nas lendas. Por isso têm razão aqueles ocultistas que só encontram um sentido nos nomes dos mitos e das lendas quando neles reconhecem a fisiologia.<sup>21</sup>

Hoje queremos apenas indicar isso, pois pode ajudar-nos a adquirir a veneração de que falamos na primeira aula. Se exercitarmos essa abordagem; poderemos realmente apontar aquilo que se revela a uma pesquisa mais profunda do conteúdo espiritual dos órgãos internos humanos. Mesmo que possamos fazer essa demonstração apenas em poucos exemplos, será possível perceber que construção maravilhosa é esse organismo humano. Neste ciclo de conferências, tentaremos justamente iluminar um pouco essa essência interior do homem.

*23 de março de 1911*

## O sistema cósmico interior do homem

Prosseguiremos hoje com as considerações da última conferência, inicialmente sobre o significado de um dos órgãos que representam, por assim dizer, um sistema cósmico interior do homem. Depois procuraremos a transição para a descrição das funções de outros órgãos e sistemas orgânicos do homem.

Ontem me disseram, em referência ao exposto aqui, que poderia haver uma aparente contradição relativa à importante função atribuída ao baço, considerando-se a entidade global do homem. Essa contradição poderia aparecer ao considerarmos ser possível retirar o baço do corpo sem que isso prejudique as condições vitais do homem.

Naturalmente essa objeção é uma daquelas completamente justificadas por nossos pontos de vista atuais e que trazem certas dificuldades aos que procuram, honestamente, aproximar-se da cosmovisão da Ciência Espiritual. Na primeira conferência pública<sup>22</sup>, só foi possível apontar de maneira muito geral como nossos contemporâneos – especialmente quando dotados de uma consciência moral formada pelos métodos científicos – têm de superar dificuldades ao iniciar o caminho para a compreensão dos relatos sobre as profundezas ocultas da entidade cósmica. No decorrer das conferências veremos como uma tal objeção pode ser aos poucos desfeita. Quero, contudo, ressaltar hoje de antemão que a retirada do baço do organismo humano é perfeitamente compatível com tudo o que foi exposto ontem. Se os Senhores realmente quiserem ascender às verdades da Ciência Espiritual, aos poucos deverão aceitar que o que denominamos organismo humano, perceptível aos nossos sentidos exteriores – o que vemos de substancial, de material nesse organismo humano – não é o homem todo. É que o organismo físico (e isso ainda veremos com mais detalhes) tem como base organizações superiores, supra-sensíveis: o corpo etérico ou vital, o corpo astral e o eu; no organismo físico temos apenas a expressão exterior, física, da estruturação correspondente, dos processos correspondentes do corpo etérico, do corpo astral e do eu. Ao apontarmos para um órgão como o baço, do ponto de vista da Ciência Espiritual, entendemos que basicamente não apenas ocorre algo no baço físico exterior, mas que isso é apenas a expressão física de processos correlatos do corpo etérico ou do corpo astral. Poderíamos dizer que quanto mais um órgão for a expressão física direta de algo espiritual, tanto menos será importante a forma física desse órgão, ou seja, o que temos diante de nós sob forma de substância física. Quando contemplamos um pêndulo, o movimento pendular é apenas a expressão física da força da gravidade. Do mesmo modo, um órgão físico é apenas a expressão física de atuações supra-sensíveis de

forma e energia. Existe, porém, uma diferença entre as conseqüências da força da gravidade manifestas no movimento pendular e as conseqüências originadas da atuação do corpo etérico e do corpo astral no baço. Ao retirarmos o pêndulo, não existe mais um objeto que possa manifestar o ritmo causado pela gravidade. Isso ocorre na natureza inorgânica, sem vida; no organismo vivo é diferente. Quando não houver as razões que ainda serão abordadas, não será necessário que, com a extração do órgão físico, também deixem de existir os efeitos espirituais das organizações superiores.

Portanto, observando o homem em relação a seu baço, inicialmente nos ocuparemos com o baço físico e, depois, com um sistema de atuação forças que tem no baço apenas sua expressão física. Uma vez retirado o baço, os efeitos das forças que foram incorporadas ao organismo ainda existem – não cessam. Pode até acontecer que a presença de um órgão físico adoecido seja um obstáculo maior à preservação dos efeitos espirituais do que sua retirada. Isso acontece, por exemplo, em caso de grave afecção do baço. Se a retirada de um órgão gravemente doente for possível, em certas condições a falta desse órgão constitui um obstáculo menor ao desenvolvimento dos efeitos espirituais do que a presença do órgão doente, que se torna um empecilho constante ao desenvolvimento de forças espirituais. Por isso uma objeção como a que foi feita pertence àquelas inevitáveis quando ainda não se penetra mais profundamente na essência da Ciência Espiritual. Trata-se de uma objeção compreensível, mas ao mesmo tempo ela se extingue por si quando temos o tempo e a paciência para nos aprofundarmos mais no assunto. Certamente os Senhores passarão pela seguinte experiência: – Quando estudamos a Ciência Espiritual com um determinado conhecimento, adquirido pela ciência materialista moderna, é possível que surjam contradições uma após outra, de forma a não entendermos mais coisa alguma. E quando formamos muito rapidamente um julgamento, não podemos chegar a outra conclusão senão à de que a Ciência Espiritual é absurda, e de que seus resultados não concordam de forma alguma com os da Ciência Natural. Porém se nos ocuparmos com tempo e paciência do assunto verificaremos que não existe a mínima contradição entre os dados obtidos pela Ciência Espiritual e os dados provenientes da ciência exterior. A dificuldade reside no fato de a amplitude do conhecimento antropológico ou da Ciência Espiritual ser tão vasta que apenas partes podem ser consideradas. Quando as pessoas se aproximam dessas partes, podem facilmente sentir contradições como essa aqui caracterizada.

Mas isso não nos deve intimidar, pois então nem poderíamos começar a introduzir a cosmovisão antropológica na formação e no conhecimento globais de nossa época.

Ontem tentei mostrar-lhes a alteração do ritmo provocada pelo baço em relação à alimentação exterior arritmica do homem. Parti desse exemplo porque, de todas as funções do baço, esta é a mais compreensível. Todavia, embora sendo a função mais facilmente compreensível, não é a mais importante, nem a essencial – pois se assim fosse poderíamos concluir que, se o homem fizesse um esforço para reconhecer o ritmo correto de sua alimentação, gradativamente a atividade do baço se tornaria inútil, desse ponto de vista.

Já por isso se vê que essa função, da qual falamos ontem, é a menos importante. Muito mais importante é o fato de em nossa alimentação nos defrontarmos com os alimentos como substâncias exteriores, com composição própria, e de os ingerirmos tal qual se encontram em nosso meio ambiente. Enquanto formos da opinião de que esses alimentos são substâncias mortas – ou, no máximo, preenchidas da vida que atribuímos às plantas –, enquanto aceitarmos isso, poderá parecer-nos que a substância externa ingerida pelo organismo como alimento seja metabolizada pelo que designamos por digestão, em seu sentido mais amplo. Certamente muitas pessoas imaginam que, ao

ingerir alimentos, lidamos com uma substância indeterminada, completamente indiferente em sua relação conosco e que apenas espera ser metabolizada depois de ingerida. Mas não é assim que ocorre. Os alimentos não são como tijolos, passíveis de serem utilizados de qualquer forma numa construção a ser feita, Os tijolos permitem serem inseridos numa construção conforme o plano do arquiteto porque representam um material passivo, sem vida, pelo menos em relação à construção. Isso, porém, não acontece com os alimentos em relação ao homem. Tudo o que existe de substancial ao nosso redor tem certas forças internas, tem uma regularidade interior. E isso é o essencial de uma substância; ela tem regularidades interiores, dinamismos interiores. Portanto, quando introduzimos as substâncias alimentares exteriores em nosso organismo queremos inseri-las, por assim dizer, em nossa dinâmica interior; elas não permitem isso tão simplesmente, e sim fazem questão, no início, de manter suas próprias leis, seus próprios ritmos e suas próprias formas de movimento interior. E se o organismo humano quer utilizar as substâncias para seu próprio fim, precisa primeiro aniquilar a dinâmica própria delas, precisa anulá-la. Ele não precisa apenas metabolizar um material indiferente, mas também agir contra as leis próprias das substâncias, O homem pode facilmente perceber que elas têm leis próprias quando, por exemplo, ingere um veneno forte. Ele perceberá logo que as leis próprias do veneno se fazem notar e tomam conta dele. Assim como o veneno possui um conjunto de leis interiores com que ataca o organismo, todo alimento que ingerimos possuem-no do mesmo modo. Não se trata de algo indiferente, e sim de algo que se faz presente com sua própria natureza, sua própria entidade; tem seu ritmo próprio. E é a esse ritmo que o homem deve opor-se, de modo que no interior do organismo humano não apenas sejam metabohzados materiais construtivos indiferentes: primeiro deve ser superada a própria natureza desses materiais construtivos.

Assim, podemos dizer que nos órgãos que primeiro se defrontam com as substâncias alimentares no interior do homem temos os instrumentos capazes de opor-se à vida própria dessas substâncias, tomando-se a palavra 'vida' em seu sentido mais amplo. Não temos de transformar apenas o que nós mesmos provocamos pelo ritmo irregular da alimentação, mas também o que as substâncias alimentares contêm como ritmo próprio, que freqüentemente contraria o ritmo humano. Dos órgãos que têm essa função, o baço é o mais exterior. Mas no processo de adaptação do ritmo, nessa transformação e rejeição, os outros órgãos citados também têm uma atuação importante, de forma que temos no baço, no fígado e na bile um sistema orgânico atuante de forma sinérgica. A função básica desse sistema é fazer recuar a natureza própria dessas substâncias alimentares quando elas passam ao organismo. Assim, a atividade desenvolvida pelo estômago, até mesmo antes de o alimento o atingir, bem como os efeitos da secreção da bile e da atividade do fígado e do baço, isso tudo provoca a rejeição à natureza própria das substâncias alimentares exteriores. Portanto, só depois que a ação desses órgãos faz frente aos nossos alimentos é que estes se adequam ao ritmo interno do organismo humano. Somente depois de submetermos os alimentos ingeridos à ação dos órgãos citados, provocando sua transformação, é que temos dentro de nós aquilo que pode ser recebido pelo sistema orgânico portador e instrumento do nosso eu, que é o sangue. Antes de qualquer substância alimentar externa poder passar ao sangue, de modo que este possa ter a capacidade de ser o instrumento para o nosso eu, todas as leis próprias do mundo exterior devem ser anuladas e o sangue deve receber as substâncias alimentares de forma condizente com a própria natureza do organismo humano. No baço, no fígado e na bile, bem como na retroação de sua atividade sobre o estômago, temos os órgãos que adaptam as leis do mundo exterior, do qual retiramos nosso alimento, à organização interior, ao ritmo interior humano.

A natureza humana, como um todo, não se defronta com todos os seus membros apenas com o mundo interior; essa natureza humana interior precisa estar numa correspondência constante, numa constante interação viva com o mundo exterior. Essa interação viva com o mundo exterior é justamente interrompida pelo fato de os três sistemas orgânicos – fígado, bile e baço – se defrontarem com as leis do mundo exterior enquanto nos relacionamos com ele pelos alimentos. Através dos três sistemas orgânicos se anulam as leis exteriores a partir do interior. Se estivesse apenas sob a ação desses sistemas orgânicos, o organismo humano se isolaria completamente do mundo exterior, tornando-se uma entidade totalmente estanque. Por isso é igualmente necessário algo diferente. Tal como, por um lado, o homem precisa de sistemas orgânicos pelos quais o mundo exterior é transformado de maneira a adaptar-se a seu mundo interior, de outro lado ele precisa estar em condições de apresentar-se diretamente ao mundo exterior com o instrumento do seu eu, ou seja, deve relacionar seu organismo – que do contrário seria apenas uma entidade isolada em si mesma – diretamente com o mundo exterior. Enquanto o sangue, por um lado, se relaciona com o mundo exterior apenas para receber deste o que deixou de ter suas leis próprias, por outro lado ele se relaciona com o mundo exterior de modo a poder aproximar-se deste diretamente. Isso acontece quando o sangue circula pelos pulmões e entra em contato com o ar exterior. Então ele é renovado e estruturado de tal forma, pelo oxigênio do ar exterior, que nenhum atenuante pode confrontar-se com essa estruturação – de modo que, efetivamente, o oxigênio do ar se apresenta ao instrumento do eu humano de acordo com a própria natureza e essência deste último. Assim se evidencia diante de nossos olhos o fato bastante estranho de o sangue, o mais nobre instrumento do homem, a ferramenta de seu eu, se apresentar como uma entidade que recebe toda a substância alimentar cuidadosamente filtrada pelos sistemas orgânicos já mencionados. É por esse meio que o sangue é capaz de tornar-se uma expressão total da organização interior do homem, do ritmo interno do homem. Contudo é pelo fato de o sangue entrar em contato direto com as substâncias do mundo exterior – substâncias possíveis de serem admitidas em seu conjunto de leis e em sua dinâmica sem terem de ser diretamente combatidas – que esse organismo humano não é algo isolado em si, estando em pleno contato com o mundo exterior.

Também desse ponto de vista temos, pois, no sistema sangüíneo humano algo maravilhoso diante de nós. Temos nele um meio de expressão real, verdadeiro do eu humano que, de fato, se dirige tanto ao mundo exterior quanto à própria vida interior. Assim como vimos que o homem se dirige às impressões do mundo exterior por meio de seu sistema nervoso – ou seja, assimila o mundo exterior, por assim dizer, pelo desvio através dos nervos –, ele também entra em contato direto com o mundo exterior através de seu sangue à medida que este absorve o oxigênio do ar pelos pulmões. Desse modo podemos dizer que temos dois sistemas antagônicos tocando-se, por assim dizer, no sangue: o sistema do baço, fígado e bile, por um lado, e o sistema pulmonar, por outro. Os mundos exterior e interior se encontram diretamente no organismo humano, por intermédio do sangue, pelo fato de este entrar em contato com o ar exterior, de um lado, e de outro com as substâncias alimentares, das quais foi retirada a natureza própria. Podemos dizer que no homem se chocam duas atividades cósmicas com pólos de eletricidade positiva e negativa. E facilmente podemos imaginar onde se localiza o sistema orgânico destinado e adequado para receber a atuação do choque dos dois sistemas cósmicos de força. Os sucos alimentares transformados agem até no coração enquanto o sangue flui através dele. Até dentro do coração, enquanto este é atravessado pelo sangue, atua o oxigênio do ar que vem ao sangue diretamente do mundo exterior. Assim o coração é o órgão onde se encontram esses dois sistemas aos quais o homem está intercalado, aos

quais ele se une pelos dois lados. Podemos considerar esse coração humano unido, por um lado, ao organismo interior humano e, por outro, diretamente ao ritmo e à dinâmica do mundo exterior.

Ora, ao colidirem dois sistemas como esses, poderia acontecer que sua interação resultasse diretamente numa harmonia. Poderíamos imaginar que esses dois sistemas – o do macrocosmo, que atua em nós através do oxigênio ou do próprio ar que absorvemos, e o do microcosmo, do nosso próprio organismo interior, que transforma os alimentos – criasse uma compensação harmoniosa no sangue quando este fluísse pelo coração. Se assim fosse, o homem estaria inserido em dois mundos que, de certa forma, criariam seu equilíbrio interior. Veremos porém, no decorrer destas conferências, que não é isso o que acontece na relação entre o mundo e a entidade humana. Em realidade o mundo tem um comportamento, por assim dizer, totalmente passivo, apenas irradiando suas forças e concedendo ao homem criar, por meio de uma atividade interior própria, a compensação entre os dois sistemas em cujos efeitos estamos intercalados. Cada vez mais reconheceremos como essencial que, por fim, sempre resta ao homem algo para sua atividade interior, e que lhe cabe estabelecer a compensação, o equilíbrio interior, até mesmo em seus órgãos. Portanto, devemos procurar também no próprio organismo humano a compensação, a harmonização desses dois sistemas cósmicos. Temos de admitir de antemão que essa harmonização não se dá, sem mais nem menos, pelas leis do mundo exterior que penetram diretamente no homem e pelas leis interiores próprias em que ele transforma as do mundo exterior absorvidas pela alimentação. A harmonização deve estabelecer-se por um sistema de órgãos próprio. É necessário que o homem produza a harmonização dentro de si. Isso não ocorre por processos conscientes, mas por processos que se passam de modo totalmente inconsciente no interior do organismo humano. Essa compensação entre os dois sistemas é produzida pelo fato de, entre o sistema baço–fígado–bile, por um lado, e o sistema pulmonar, por outro – os quais se encontram face a face no sangue que circula pelo coração –, estar intercalado o que designamos como sistema renal, que também tem uma íntima ligação com a circulação sanguínea.

No sistema renal são harmonizados entre si os efeitos exteriores provindos do contato direto do sangue com o ar e aqueles originados dos órgãos internos do homem, onde os alimentos primeiro devem ser preparados para perderem sua natureza própria. No sistema renal temos, portanto, um sistema compensatório pelo qual o organismo é levado a entregar o excesso que resultaria de uma interação desarmônica entre os outros dois sistemas.

Com isso confrontamos a organização interior global, ou seja, os órgãos do aparelho digestivo – incluindo o fígado, o baço e a bile – com o sistema sanguíneo, para o qual esses órgãos inicialmente desenvolveram sua atividade preparatória. E por outro lado de-  
frontamos esse sistema sanguíneo com aqueles órgãos por cujo intermédio é enfrentado o isolamento unilateral, criando-se a compensação entre o sistema interno citado e o que vem de fora. Se imaginarmos o sistema sanguíneo e seu centro, o coração, colocados no meio do organismo (e ainda veremos o quanto isso se justifica), teremos ligado a esse sistema cardio-sanguíneo tanto o sistema fígado–bile–baço quanto o sistema pulmonar, que está relacionado de outra forma com o coração. Entre os dois está intercalado o sistema renal. Veremos ainda, mais tarde, quão interessante é a relação entre os sistemas pulmonar e renal. Por enquanto não nos aprofundaremos nisso, mas observaremos o todo em seu contexto. Se desenharmos os sistemas bem simples e esquematicamente lado a lado, já poderemos reconhecer, a partir dessa representação esquemática, como a organização interior humana se encontra numa determinada relação, apresentada por nós de modo a termos de reconhecer no coração e no sistema sanguíneo correspondente o

elemento mais importante.

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b0200000000  
50000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010  
2022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002  
d01000004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d65  
73204e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d010100050000  
000902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d01  
0000030000000000

Ora, já aponte o fato (e ainda veremos com mais detalhes até que ponto tais designações se justificam) de no ocultismo os efeitos do baço serem denominados saturninos, os do fígado jupiterianos e os da bile marcianos. Pelo mesmo motivo, o conhecimento oculto vê no coração e no sistema sangüíneo a ele pertencente algo que faz jus ao nome ‘Sol’, no organismo humano, tanto quanto o Sol exterior no sistema planetário. O sistema pulmonar é designado pelo ocultista, seguindo o mesmo princípio, como ‘Mercúrio’, e o sistema renal como ‘Vênus’. Com a designação desses sistemas do organismo humano (mesmo que não nos preocupemos, por enquanto, com a justificação desses nomes), já apontamos algo como um sistema cósmico interior, o que ainda complementamos pelo fato de isso nos ter colocado na posição de observar também a relação dos dois sistemas orgânicos que se ligam ao sistema sangüíneo. Somente ao observarmos as relações nesse sentido é que aquilo que podemos denominar mundo interior humano propriamente dito se nos apresenta numa totalidade. Nas próximas conferências tentarei mostrar-lhes ainda que o ocultista realmente tem razões para imaginar a relação do Sol com Mercúrio e Vênus de maneira análoga à relação que no organismo humano supomos haver entre o coração, o pulmão e os rins.

Disso podemos concluir que no instrumento de nosso eu, em nosso sistema sangüíneo – que expressa seu ritmo no coração – há algo, por assim dizer, determinado pelo sistema cósmico interior do homem em toda a sua estruturação, em sua natureza interior e em sua essência. Ele precisa estar encaixado nesse sistema global [macrocósmico] para poder viver, como de fato vive. Já mencionei freqüentemente que no sistema sangüíneo do homem devemos reconhecer o instrumento físico do nosso eu. E já sabemos que o eu, tal como o possuímos, só pode existir tendo como base um corpo físico, um corpo etérico e um corpo astral. Dentro do mundo que é o nosso, não podemos imaginar um eu humano voando livremente pelo Universo. Um eu humano pressupõe como base um corpo astral, um corpo etérico e um corpo físico. E assim como o eu pressupõe, espiritualmente, os três citados membros da entidade humana, seu órgão físico – o sistema sangüíneo – também pressupõe essas imagens físicas dos corpos astral e etérico. O sistema sangüíneo, portanto, só pode desenvolver-se fundamentado em algo diferente. Enquanto a planta se desenvolve simplesmente tendo por base a natureza inorgânica que a envolve e a partir da qual ela

por assim dizer cresce, temos de reconhecer que o mundo exterior não serve, sem mais nem menos, como base suficiente para o organismo sangüíneo do homem – a natureza exterior necessita primeiro sofrer uma transformação. Assim como o corpo físico do homem precisa primeiro dispor de um corpo etérico e de um corpo astral, o que flui para dentro como substância alimentar precisa primeiro ser transformado para poder servir de instrumento ao eu humano.

Mesmo se pudermos dizer que esse instrumento físico do eu humano, o sangue, é determinado pelo pulmão a partir de fora, o próprio pulmão é um órgão da organização corpórea física. Isso significa que não é esse órgão, mas o ar por ele inspirado, que permite a um ritmo exterior atuar sobre o sangue. Temos de distinguir entre o que chega ao homem de fora sob forma de ar inspirado, permitindo ao homem permear diretamente seu sistema sangüíneo, e aquilo que não atinge diretamente o instrumento vivo do eu no organismo – o sangue –, mas se aproxima, da forma já caracterizada, pelo desvio através da alma, sendo assimilado pelo homem ao receber este as impressões do mundo exterior pelos sentidos e estes últimos, por sua vez, transmitirem suas impressões até o quadro sangüíneo. Por isso podemos dizer que o homem não só entra em contato direto, substancial, com o mundo exterior por meio do ar, sendo que esse contato atua até seu sangue, mas também através dos órgãos dos sentidos, de forma a tratar-se de um contato não-material, tal como ocorre no processo perceptivo que a alma desenvolve ao entrar em relação com o mundo. Temos aí algo que se acrescenta ao processo respiratório como um processo mais elevado, como um processo respiratório espiritualizado. Enquanto absorvemos substancialmente o mundo exterior através do processo respiratório, absorvemos algo em nosso organismo, pelo processo de percepção (e com ‘percepção’ estou-me referindo a tudo o que o homem assimila como impressões exteriores), através de um processo respiratório espiritualizado.<sup>23</sup> Surge agora a seguinte pergunta: como esses dois processos agem conjuntamente, visto que no organismo humano tudo deve exercer uma influência recíproca?

Ocupemo-nos mais atentamente dessa questão – pois disso dependerá algo essencial – para podermos apresentar diante de nossa alma a resposta inicialmente hipotética a ser dada hoje. Devemos certificar-nos de como pode acontecer uma ação conjunta, uma influência recíproca entre tudo o que atua pelo sangue – com o que dele resultou devido ao fato de terem ocorrido todos esses processos internos – e o que resulta do sangue quando realizamos processos perceptivos externos. Temos de reconhecer que aí pode haver uma interação. Apesar de o sangue ser filtrado tão minuciosamente e de forma tão variada, apesar de tanta coisa acontecer a fim de fazer dele uma substância tão maravilhosamente organizada para tornar-se o instrumento de nosso eu, mesmo assim o sangue é uma substância física e, como tal, pertence ao corpo físico. Por isso podemos concluir que inicialmente nos parece haver uma distância muito, muito grande entre o que atua como processos físicos no sangue humano e o que reconhecemos como nossos processos de percepção realizados pela alma. Esta é uma realidade indubitável; pois quem quisesse negar que as percepções, os conceitos, as idéias, os sentimentos, os impulsos da vontade sejam tão reais como uma substância sangüínea, uma substância nervosa, uma substância hepática, uma substância biliar e assim por diante, seria *aquela* pessoa que, por motivo muito peculiar, *não* saberia pensar. O modo *como* essas coisas se relacionam pode ser o ponto controvertido das cosmovisões; estas podem discutir se, digamos, os pensamentos são apenas efeitos quaisquer da substância nervosa ou outra similar. Aí pode iniciar-se o atrito entre as cosmovisões. Mas não pode haver discussão, por se tratar de uma coisa óbvia, sobre o fato de nossa vida anímica interior, nossa vida de pensamentos, nossa vida de sentimentos, tudo o que se baseia em percepções e impressões exteriores,

representar uma realidade em si. Notem bem, não estou falando em realidade isolada, e sim numa realidade em si, pois nada no mundo está isolado. Com a expressão ‘realidade em si’ quero apenas apontar o que pode ser observado como realidade, e aí se incluem os pensamentos, os sentimentos e assim por diante, da mesma forma como o estômago, o fígado, a bile e o baço.

Ao colocarmos, porém, essas duas realidades em paralelo, podemos notar outra coisa: de um lado tudo o que representa algo material, físico, embora tão fortemente filtrado como o sangue, e de outro o que de início parece nada ter a ver com algo físico, ou seja, os conteúdos da alma, os sentimentos, os pensamentos e assim por diante. De fato, a observação desses dois tipos de realidades trouxe tantas dificuldades ao homem que a essa observação se associaram as mais diversas respostas, provenientes das mais diferentes cosmovisões. Há cosmovisões que admitem uma ação direta do anímico, do racional, do sentimental sobre a substância física, como se o pensamento pudesse atuar diretamente sobre ela. Há outras, as materialistas<sup>24</sup>, que se opõem a isso, supondo que os pensamentos, os sentimentos e assim por diante sejam simplesmente produzidos pelos processos fisio-substanciais. A disputa entre essas duas cosmovisões teve, durante longo tempo, um papel importante no mundo exterior, mas não para o ocultista, para quem essa contenda é uma contenda de palavras vazias. E finalmente, quando não se encontrava mais saída, apareceu nos últimos tempos algo que recebeu o estranho nome de ‘paralelismo psicofísico’.<sup>25</sup> Como não havia solução a respeito de qual dos dois pensamentos seria o correto – se é o espírito que age sobre os processos corporais ou se são os processos corporais que agem sobre o espírito –, admitiu-se simplesmente tratar-se de dois processos correndo paralelamente. Dizia-se que enquanto o homem pensa, sente e assim por diante, determinados processos ocorrem paralelamente em seus sistemas orgânicos físicos. A percepção “eu vejo vermelho” corresponderia a algum processo material dentro do sistema nervoso. O que nós vivenciamos frente a uma impressão vermelha, o que sentimos como alegria ou dor diante dela, corresponde a um processo material. Mas não se vai além de dizer que apenas “corresponde”. De fato, essa teoria anula todas as dificuldades à medida que simplesmente as afasta. Ora, todos os atritos desencadeados nesse campo, inclusive a ineficiência do paralelismo psicofísico, partem do fato de se querer resolver tais questões num nível em que não é possível resolvê-las. Lidamos com processos não-materiais quando focalizamos as atividades de nossa vida anímica interior, e lidamos com processos materiais mesmo quando observamos algo tão sutilmente organizado como o sangue. Se colocarmos essas duas coisas – a atividade física e a atividade anímica – frente a frente, e se quisermos descobrir, por meio de reflexão, como ambas interagem, essa reflexão não trará resultados. Pela reflexão podemos encontrar qualquer solução ou falta de solução arbitrariamente. Só podemos julgar algo a respeito dessas questões quando realmente nos apropriamos de um conhecimento superior, que não pára na contemplação física do mundo exterior nem no pensamento ligado meramente ao mundo exterior físico. Temos de encontrar uma forma de conhecimento que se eleve àquilo que, ultrapassando o físico, conduza ao mundo suprafísico. De um lado temos de elevar-nos do material ao supramaterial, ao supra-sensível; mas por outro lado temos de elevar-nos também de nossa vida anímica – que se passa no mundo físico – àquilo que subjaz à nossa vida anímica no mundo suprafísico, pois no mundo físico vivemos também com nossa vida anímica, com todos os nossos sentimentos e assim por diante. Portanto, precisamos elevar-nos a um mundo suprafísico partindo de dois lados.

Para nos elevarmos do lado material para o mundo suprafísico, são necessários os exercícios anímicos<sup>26</sup> que permitem ao homem olhar por trás dos sentidos exteriores, por

trás do véu de que falei, no qual se entrelaçam nossas impressões sensoriais. Essas impressões sensoriais, nós também as temos à nossa frente quando observamos o organismo humano exterior; e também no caso daquilo que é mais sutilmente organizado no organismo humano, o sangue, estamos lidando com algo físico-sensorial. São necessários exercícios anímicos para conduzir o homem ao mundo supra-sensível. Inicialmente ele precisa descer um nível abaixo daquele em que se encontrava quando podia absorver as impressões anímicas – um nível abaixo do plano do domínio físico. Nos subterrâneos do mundo físico-sensorial, o corpo etérico se lhe defronta como o elemento supra-sensível da organização humana. Esse corpo etérico, do qual ainda falaremos mais detalhada-mente do ponto de vista da fisiologia oculta, é uma organização supra-sensível que devemos imaginar simplesmente como sendo a substância básica da qual se estrutura o organismo sensível do homem, e da qual este é uma imagem, uma reprodução. Naturalmente o sangue também é uma reprodução desse corpo etérico. Portanto, enquanto nos colocamos um nível atrás do organismo físico-sensível, encontramos agora um membro supra-sensível no corpo etérico humano. Surge então a pergunta: será que podemos atingir esse domínio supra-sensível partindo também do outro lado, do lado anímico – de nossas sensações, pensamentos e sentimentos, os quais elaboramos a partir das impressões do mundo exterior?

Aí constatamos, no entanto, que não conseguimos chegar ao organismo etérico de modo tão imediato como vivenciamos nossa vida anímica. Todavia – e permitam-me terminar com isto as considerações de hoje –, quando trabalhamos em nossa alma acontece que primeiro recebemos as impressões exteriores, o mundo exterior age sobre os sentidos, e depois elaboramos as impressões exteriores em nossa alma; mas além disso fazemos ainda outra coisa: armazenamos, por assim dizer, essas impressões recebidas dentro de nós. Basta os Senhores pensarem no simples fenômeno da memória, da recordação. Ao se lembrarem de algo que, anos atrás, lhes proporcionou impressões baseadas em percepções exteriores, bem como a formação de representações mentais sujeitas a emergir das profundezas de suas almas, vindo-lhes então à lembrança, por exemplo, algo bem simples – uma árvore ou um odor –, os Senhores deverão admitir que armazenaram em suas almas, da impressão exterior, algo que pode permanecer. No entanto, uma observação da própria vida anímica, que por sua vez só pode ser obtida mediante exercícios da alma, mostra-nos o seguinte: no momento em que nossa vida anímica avançou a ponto de podermos chamar de volta as impressões armazenadas como representações de memória, nós não atuamos apenas em nosso eu, com nossas vivências anímicas. Inicialmente é o que acontece quando nos colocamos com o nosso eu perante o mundo exterior, absorvemos dele impressões e as elaboramos no corpo astral. Mas se fizéssemos apenas isso, esqueceríamos tudo logo em seguida. Quando tiramos conclusões, trabalhamos no corpo astral. Todavia, quando fixamos as impressões tão firmemente, dentro de nós, que podemos trazê-las à tona depois de algum tempo – até mesmo após alguns minutos –, impregnamos em nosso corpo etérico as impressões recebidas por meio de nosso eu e elaboradas por nosso corpo astral. De modo que nas representações da memória encontramos o resultado da atividade anímica em contato com o mundo exterior, e que, a partir do eu, foi comprimido para dentro do corpo etérico. Se então temos a capacidade de, a partir de nossa alma, comprimir nossas representações da memória para dentro do corpo etérico, e se, por outro lado, reconhecemos o corpo etérico como a expressão supra-sensível mais próxima de nosso organismo, resta-nos perguntar como se dá essa compressão. Em outras palavras: como se passa o fato de o homem levar realmente ao corpo etérico o que, em verdade, é elaborado no corpo astral? Como ele pode transferir isso ao corpo etérico?

Essa transferência acontece de maneira muito curiosa. Se observarmos bem esquematicamente a circulação do sangue por todo o corpo humano, compreendendo esse sangue como a manifestação física exterior do eu humano, veremos — observando-o agora como se estivéssemos colocados dentro do corpo etérico —, como o eu trabalha em correspondência com o mundo exterior, como ele recebe as impressões e as condensa em representações mentais. De fato, veremos que nesse processo o sangue não é apenas ativo, mas que em todo o seu curso — principalmente em direção ascendente e menos na descendente — ele estimula o corpo etérico, de modo que vemos desenvolver-se neste, por toda parte, correntes que tomam um curso bem determinado.<sup>27</sup> Elas aparecem como que associando-se ao sangue, dirigindo-se do coração à cabeça e concentrando-se nesta. Permitam-me usar agora uma analogia exterior: essas correntes juntam-se aproximadamente como correntes de eletricidade que fluem para uma ponta colocada diante de outra ponta a fim de procurar alcançar o equilíbrio entre a eletricidade positiva e a negativa.

Se observarmos agora esse processo de maneira esotérica, com a alma treinada adequadamente, veremos aquelas forças etéricas aglomerar-se num ponto sob uma enorme tensão; são forças etéricas provocadas pelas impressões que agora querem tornar-se certas representações, representações de memória, pretendendo gravar-se no corpo etérico. As forças etéricas mostram nitidamente que querem transformar-se em forças de memória. Quero desenhar de um modo realmente representativo as últimas ramificações dessas correntes etéricas em direção ao cérebro e sua

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000  
000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222  
53797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d0100  
0004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d6573204  
e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d01010005000000090  
2000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d0100000  
30000000000

condensação. Vemos aí uma poderosa tensão que se acumula num ponto, como que dizendo: “Quero entrar no corpo etérico!” Vemos também que outras correntes vêm em sentido contrário às correntes etéricas da cabeça, sendo que partem principalmente dos vasos linfáticos e se aglomeram de forma a contrapor-se à primeira corrente. Assim, quando uma representação da memória quer formar-se, temos no cérebro duas correntes etéricas opostas que se concentram com a maior força possível, analogamente à eletricidade positiva e negativa que se concentra com a maior tensão possível em seus pólos, procurando o equilíbrio. De fato, entre as duas correntes etéricas se estabelece um equilíbrio, e, uma vez estando este realizado, uma representação tornou-se representação de memória e incorporou-se ao corpo etérico.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000  
000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222  
53797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d0100  
0004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d6573204  
e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d01010005000000090  
2000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d0100000  
30000000000

Essas realidades supra-sensíveis, essas correntes supra-sensíveis no organismo humano expressam-se sempre de maneira a também criar para si um órgão físico, sensível, que devemos encarar como uma materialização dessas correntes. Assim temos, situado no mesencéfalo, um órgão que é a expressão física e sensível daquilo que quer formar-se como representação da memória. A esse órgão se opõe um outro, no cérebro, que é a expressão daquelas correntes, no corpo etérico, advindas dos órgãos inferiores. Esses dois órgãos no cérebro humano são a manifestação física e sensível dessas duas correntes no corpo etérico humano; constituem como que os últimos indícios da existência dessas correntes no corpo etérico. Essas correntes, por assim dizer, se condensam tão intensamente que apreendem a substância corpórea humana e a condensam, formando esses órgãos. Temos realmente a impressão de que de um órgão irradiam claras correntes luminosas fluindo para o outro órgão. O órgão físico que quer formar a representação da memória é a epífise, e a parte receptiva é a hipófise.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000  
000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222  
53797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d0100  
0004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d6573204  
e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d01010005000000090  
2000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d0100000  
30000000000

Aqui os Senhores têm, num lugar bem determinado do organismo físico, a expressão física exterior para a atuação conjunta entre o anímico e o corpóreo!

Isso deve ser apenas uma descrição preliminar, com a qual vamos terminar nossa

abordagem de hoje e que pretendemos continuar amanhã, acrescentando dados mais exatos e comprováveis. É importante retermos o pensamento de que podemos pesquisar no âmbito supra-sensível e depois indagar se a expressão física esperada para o supra-sensível realmente existe. Como se trata aqui, todavia, do portal de entrada do âmbito sensível para o supra-sensível, os Senhores compreenderão que esses órgãos são bastante dúbios para a ciência física, da qual obterão apenas informações insatisfatórias e insuficientes referentes a eles.

*24 de março de 1911*

## Os sistemas de forças supra-sensíveis

Antes de continuarmos nossas considerações, será minha tarefa apresentar hoje alguns conceitos necessários à seqüência de nossas exposições. Nesse sentido, é extremamente importante nos entendermos sobre o significado do que denominamos um órgão físico, ou melhor, a expressão física de um órgão, do ponto de vista da Ciência Espiritual, da Antroposofia. Pois os Senhores já viram que é possível, por exemplo, falar sobre o baço de um modo tal que o baço físico pode até ser retirado materialmente ou tornar-se inútil sem que o chamado ‘baço’ no sentido antroposófico seja desligado de suas atividades. Quando desligamos, retiramos um desses órgãos físicos, permanece no organismo a atividade, a mobilidade interior que era exercida pelo órgão. Disso podemos ver – e eu lhes peço encarecidamente assimilar um conceito para o que vou expor –, que mesmo abstraído de tudo o que pode ser visto, observado fisicamente num desses órgãos (naturalmente isso não vale para um órgão qualquer), ainda resta a função determinada de cada um. Devemos atribuir ao âmbito supra-sensível do organismo humano o que permanece e continua exercendo a função.

Mas quando falamos, no sentido de nossa Ciência Espiritual, de órgãos como o baço, o fígado, a bile, os rins, o pulmão e assim por diante, não nos referimos de imediato ao que vemos fisicamente; ao pronunciar esses nomes designamos, com eles, os sistemas de forças que atuam nesses órgãos, sistemas de natureza supra-sensível. Por isso devemos imaginar – principalmente no caso do baço – um sistema de forças não-visível exteriormente quando falamos a seu respeito no sentido da Ciência Espiritual. No desenho que agora faço, suponhamos um sistema de forças fisicamente não-visível, perceptível apenas a uma visão suprasensorial.

Algo assim, por exemplo, seria perceptível na região do nosso baço apenas como um sistema de forças supra-sensorial. Se atentarmos ao fato de que em realidade esse sistema de forças supra-sensorial está preenchido com matéria sensível no organismo humano diante de nós, deveremos perguntar-nos: como podemos imaginar a relação entre esse sistema de forças supra-sensorial e a matéria sensível?

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b0200000000  
5000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010  
2022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002  
d01000004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d65  
73204e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d010100050000  
000902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d01  
0000030000000000

Creio não lhes ser difícil imaginar que pelo espaço podem transitar forças a princípio não-visíveis sensorialmente. Basta lembrarmos o seguinte: quem, por exemplo, nunca ouviu falar da realidade do ar numa garrafa d'água esvaziada será da opinião de que a garrafa esta completamente vazia. Alguém que ignora a física ficará bastante surpreso ao ver que, ao colocarmos uma garrafa vazia sobre a mesa, tendo um funil de gargalo estreito bem adaptado ao gargalo, e rapidamente despejarmos água por ele, a água ficará retida no funil, não podendo escorrer para dentro da garrafa porque a contrapressão do ar impede a entrada da água na garrafa. Essa pessoa perceberá que na garrafa existe algo, invisível para ela, que retém a água. Imaginem esse conceito um pouco mais abrangente, e não será difícil compreenderem que o espaço pode estar permeado por sistemas de forças que, por enquanto, são de natureza supra-sensível, de modo que não podemos cortá-los com uma faca, e que eles tampouco podem ser atacados quando um órgão físico que é sua expressão material – por exemplo, o baço – adoece. Devemos imaginar que esse sistema de forças supra-sensível está numa relação tal com o que vemos como órgão físico e sensível que a matéria física se deposita nesse sistema de forças atraída pelos pontos e linhas de força, tornando-se assim um órgão físico. Sendo assim, podemos dizer que o motivo pelo qual na região do baço, por exemplo, aparece um órgão físico e sensorial é o fato de, ali, sistemas de forças preencherem o espaço de maneira bem determinada, atraindo a matéria de forma que esta se deposite tal qual o vemos no órgão externo do baço ao observá-lo anatomicamente.

Assim os Senhores podem imaginar os mais diferentes órgãos no organismo humano. Primeiro eles são predispostos no âmbito supra-sensível e depois preenchidos de matéria física sob a influência dos mais diversos sistemas de forças supra-sensíveis. Por isso devemos ver nesses sistemas de forças, antes de mais nada, um organismo supra-sensível diferenciado em si, que incorpora a matéria física das mais diferentes maneiras e cuja complexidade o órgão físico nele incorporado só consegue seguir de modo incompleto. Com isso não obtivemos somente o conceito da relação entre os sistemas de forças supra-sensíveis e os órgãos físico-materiais neles incorporados, mas ao mesmo tempo também um outro conceito, o da nutrição do organismo integral. Em que consiste essa nutrição do organismo integral? Ela consiste num preparo tal dos alimentos ingeridos que seja possível conduzi-los aos diferentes órgãos, que depois incorporarão as substâncias. Nas próximas conferências ainda veremos como esse conceito geral de nutrição, que se apresenta como uma força de atração dos diferentes sistemas orgânicos diante dos alimentos, se relaciona com a origem de cada homem, com a embriogênese de cada homem situada antes do

nascimento. O conceito mais amplo de nutrição é, portanto, aquele em que, por meio de sistemas de forças suprasensíveis, por meio de um organismo supra-sensível, as diferentes substâncias nutritivas são absorvidas e incorporadas das formas mais diversas no organismo físico.

Ora, devemos ver com clareza que o corpo etérico do homem, depois do corpo físico, é o próximo membro supra-sensível da organização humana. Esse corpo etérico, embora seja o mais grosseiro dos membros supra-sensíveis, serve de base ao organismo total, como um arquétipo supra-sensível. Ele é estruturado, diferenciado em si e contém os mais variados sistemas de forças para poder incorporar as substâncias ingeridas pela alimentação. Depois desse corpo etérico, que podemos considerar como sendo o arquétipo do organismo humano, temos um membro mais elevado da entidade humana, o assim chamado corpo astral. Veremos nas próximas conferências como ambos se ligam. O corpo astral só pode incorporar-se quando tanto o organismo físico quanto o etérico já estão preparados, de acordo com suas disposições. Os outros dois organismos são uma pré-condição para ele. Além disso, temos depois o que designamos por eu humano, de forma que a entidade humana se constitui desses quatro membros. Podemos imaginar, então, que já existem no próprio corpo etérico certos sistemas de forças que atraem as substâncias alimentares e depois as estruturam no organismo físico, de um modo bem determinado. Contudo, podemos imaginar também que um tal sistema de forças não seja determinado apenas pelo corpo etérico, mas também pelo corpo astral, e que este envia suas forças àquele. Deste modo, se nos abstraíssemos do órgão físico teríamos primeiro o sistema de forças etérico, depois o sistema de forças astral permeando o anterior de maneira bem determinada, e poderíamos imaginar que aí ainda penetram as radiações do eu.

Ora, pode haver órgãos integrados de tal maneira no organismo que sua característica essencial seja o fato de as correntes etéricas, segundo suas particularidades, terem atuado de maneira ainda pouco determinada. De modo que, se fizéssemos a pesquisa oculta do espaço onde se encontra um órgão nessas condições, notaríamos a parte etérica desse órgão bem pouco diferenciada em si própria, ou seja, contendo apenas uma parte reduzida desses sistemas de forças; mas, em contrapartida, essa parte do corpo etérico é influenciada por intensas forças astrais. Então, quando a matéria física se incorpora num órgão assim constituído, o corpo etérico exerce apenas uma fraca atração sobre as substâncias a serem incorporadas, e a principal força de atração sobre esse órgão será exercida pelo corpo astral, como se as respectivas substâncias fossem levadas para dentro dele diretamente por este último. A partir disso os Senhores podem concluir que os órgãos humanos têm valores bem distintos. Há órgãos dos quais podemos afirmar que são determinados principalmente por sistemas de forças do corpo etérico; outros são mais determinados por correntes ou forças do corpo astral, enquanto ainda outros são mais determinados por correntes do eu. Das considerações feitas nas conferências anteriores, os Senhores podem concluir que principalmente o sistema orgânico que conduz nosso sangue depende essencialmente das radiações oriundas do nosso eu. O sangue humano, portanto, está relacionado essencialmente com correntes e radiações do eu humano. Os outros sistemas orgânicos e seus conteúdos são determinados pelos membros supra-sensíveis da natureza humana nas mais diversas graduações.

Ao considerarmos o corpo físico em si, que também representa um sistema de forças, poderá ocorrer o contrário se nos abstrairmos de seus membros superiores. Podemos imaginar o corpo físico como que composto de substâncias do mundo exterior, as quais também possuem suas leis internas mas são introduzidas transformadas no corpo físico.

Portanto, o corpo físico também é um sistema de forças. Então os Senhores também podem imaginar que o organismo físico pode retroagir sobre o sistema de forças etérico, sobre o astral e até sobre o sistema do eu. Devemos supor que o sistema de forças etérico não seja apenas apreendido pelo sistema de forças astral ou do eu, mas que também seja possível haver órgãos onde as forças etéricas estejam de tal modo sujeitas ao sistema físico de forças que este acabe predominando. Os órgãos em que predomina o corpo físico, sendo, portanto, menos influenciados pelos membros superiores da organização humana, são principalmente aqueles considerados, no sentido mais amplo, órgãos secretores – todos os órgãos glandulares, todos os órgão de secreção em geral. Todos os órgãos que diretamente secretam substâncias são estimulados a realizar essa secreção de substâncias – ou seja, a um processo que tem seu significado essencial dentro do mundo puramente físico – principalmente pelas forças do organismo físico. Em qualquer parte do organismo humano onde existam esses órgãos, se eles estão destinados principalmente a secretar substâncias devemos estar cientes de que, sendo tais órgãos principalmente instrumentos dos sistemas de forças físicos, quando adoecem, tornam-se inúteis ou são retirados eles levam o organismo infalivelmente à destruição, não podendo este desenvolver-se adequadamente e, finalmente, não podendo mais viver. Os Senhores vêem, no exemplo de um órgão como o baço, do qual falamos ontem, que ele causa menos distúrbios às funções do corpo físico, quando adoece ou se torna inútil por qualquer outro motivo, ou mesmo quando tem de ser retirado cirurgicamente, do que ocorre com outros órgãos, porque é influenciado de maneira particularmente intensa pelas partes supra-sensíveis da natureza humana – pelo corpo etérico e principalmente pelo corpo astral. Nos órgãos em que predomina o sistema de forças físicas, é diferente. Um adoecimento da tireóide, por exemplo, que em determinadas doenças aumenta de volume formando o chamado bócio, pode ser prejudicial ao organismo todo. No entanto ela não pode tornar-se totalmente inútil ou ser completamente extirpada, pois tem de manifestar seus efeitos pelo fato de o processo físico causado por ela ser essencial à economia geral do organismo humano.

Pode haver órgãos dependentes em alto grau dos sistemas de forças supra-sensíveis da organização humana, mas também sujeitos ao organismo físico e estimulados a secretar substâncias por meio das forças deste. O fígado e os rins pertencem a esse tipo de órgão. Trata-se de órgãos que, como o baço, dependem dos membros supra-sensíveis do organismo humano – do corpo etérico e do corpo astral –, mas que, por assim dizer, em suas atividades são aprisionados pelas forças do organismo físico, são puxados para baixo até às forças do âmbito físico. Disso resulta ser de importância muito maior do que no caso de outros órgãos o fato de eles, como órgãos físicos, estarem sadios – visto que no baço, por exemplo, o físico é de pouca importância, sendo superado de longe pela influência provinda dos membros supra-sensíveis da organização humana. Do baço podemos dizer que se trata de um órgão muito espiritual, uma vez que a parte física desse órgão tem um significado bastante reduzido. Por esse motivo o baço sempre foi considerado e descrito como um órgão especialmente espiritual na literatura oculta de todos os tempos<sup>28</sup>, a qual teve sua origem em círculos onde realmente se sabia algo sobre esses assuntos.

Com isso obtivemos, por assim dizer, o conceito do organismo integral, em que cada órgão pode ser considerado um sistema de forças supra-sensível, onde a substância material é de algum modo incorporada pelo processo nutritivo integral. Um outro conceito que devemos adquirir é o seguinte: o que representa para o homem, em geral, a absorção seja de uma substância, seja de algo espiritual causado por nossa atividade anímica – por exemplo, a percepção? E o que significa a secreção, a emissão de uma substância?

Partamos inicialmente do processo secretório no sentido mais amplo. Já sabemos que, dos alimentos ingeridos, uma grande parte do elemento material é eliminada pelo

trato digestivo. Sabemos também que o gás carbônico é eliminado do organismo humano pelos pulmões. Temos mais um processo secretor ocorrendo por meio dos rins e ainda um outro pela pele. Neste último, que consiste inicialmente na formação de suor, mas também em tudo o que, num sentido mais amplo, deve ser considerado um processo secretor cutâneo, devemos reconhecer aquelas secreções – e eu lhes peço atentar a isso – que no homem ocorrem no limite exterior, na periferia mais externa de seu corpo. Então devemos indagar: que significado o processo secretor tem para o homem?

O significado de um processo secretor só pode tornar-se claro com o que veremos a seguir. Os Senhores verão que sem os conceitos desenvolvidos por nós hoje não poderemos prosseguir de forma alguma na observação do organismo humano. Para dirigir gradualmente nossos pensamentos à natureza essencial de um processo secretor, eu gostaria de apresentar-lhes um outro conceito que, aliás, tem apenas uma semelhança longínqua com o processo de secreção, isto é, o conceito de nossa autopercepção. Considerem que realmente possam dizer tratar-se de uma espécie de autopercepção quando entram num recinto e, por descuido, se chocam com algum objeto duro. Este choque é basicamente uma percepção de si mesmo. Trata-se de uma autopercepção pelo fato de o acontecimento devido ao choque ter-se tornado um acontecimento interior. O que representa para os Senhores esse choque com um objeto estranho? Ele é a causa de um sofrimento, de uma dor. O processo doloroso passa-se meramente no interior. Portanto, um processo interior é provocado quando os Senhores entram em contato com um objeto estranho que está em seu caminho, representando um obstáculo. A percepção desse obstáculo é que provoca o processo interior manifesto como dor. No fundo os Senhores podem facilmente imaginar que nada mais precisarão saber para vivenciar a percepção de si próprios causada pelo choque com um objeto exterior. Suponham que, no escuro, se choquem com um objeto do qual nada saibam, e com tal violência que nem consigam imaginar qual seja a sua natureza, percebendo apenas o efeito do choque como dor. Os Senhores sentem de tal modo os efeitos do choque que vivenciam o processo dentro de si mesmos. Não vivenciam outra coisa senão um processo interior, e isso é o essencial. Mesmo se disserem “choquei-me com um objeto exterior”, trata-se de uma conclusão relativamente inconsciente de uma vivência interior provocada por um obstáculo externo.

Disso os Senhores podem concluir que o homem percebe seu interior ao encontrar um obstáculo. Devemos ter o seguinte conceito: a percepção de si mesmo, a vivência do interior, o estar preenchido de vivências reais no interior resulta do encontro com um obstáculo. Trata-se de um conceito que desenvolvi grosseiramente, por assim dizer, para, partindo dele, passar a um outro conceito, o da secreção no organismo humano. Suponhamos que o organismo humano, num de seus sistemas orgânicos, digamos no estômago, absorva uma determinada substância, e que esse sistema orgânico seja formado de tal maneira que, por meio de sua atividade, segregue algo dessa substância incorporada; ele por assim dizer separa, retira algo da substância integral, de modo que através dessa atividade do órgão aquela se desintegra numa parte mais fina, isto é, mais filtrada, e uma parte mais grosseira, que é secretada. Realiza-se, portanto, uma diferenciação da substância, de modo que uma parte é transformada numa outra substância que continua útil, podendo ser absorvida por outros órgãos, e outra parte é primeiramente secretada e depois excretada.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000c0282  
02a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656d0002  
a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001c0000  
00fb02c4ff000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e00000000000000  
00000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a360000000100040000  
000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

Neste ponto em que as partes inúteis da substancialidade são eliminadas, ficando retidas as partes úteis, os Senhores têm, de forma modificada, algo como um chocar-se com um objeto exterior, como acabei de demonstrar. Ao aproximar-se de um órgão, a corrente de substâncias absorvidas choca-se, por assim dizer, com um obstáculo; ela não pode continuar assim – precisa transformar-se. É como se o órgão, por assim dizer, lhe dissesse: “Você não pode continuar como está; você precisa transformar-se.” Portanto, um obstáculo é colocado diante da substância que deve ter sua utilização posterior como outra substância, sendo que determinadas partes têm de ser eliminadas. Em nosso interior, o órgão se antepõe ao fluxo da substância tal como o objeto exterior com que nos chocamos se nos antepõe. Esses obstáculos encontram-se dentro do organismo integral nos mais diversos órgãos. Pelo fato de haver secreção em nosso organismo, e somente porque temos órgãos secretores, é que é dada a possibilidade de nosso organismo ser uma entidade fechada em si, uma entidade que se autopercebe. Uma entidade só pode vivenciar a si mesma pelo fato de chocar-se com um obstáculo. Assim, os processos secretórios são processos importantes da vida humana, por serem aqueles pelos quais o organismo vivo se fecha em de si. O homem não seria um ente fechado em si mesmo se não existissem esses processos secretórios.

Imaginem que a corrente alimentar absorvida ou o fluxo de oxigênio passassem pelo organismo humano como através de um tubo; não haveria resistência por parte dos órgãos. A consequência disso seria o organismo humano não poder vivenciar-se em si mesmo, mas apenas como pertencente ao grande mundo em geral. Aliás, poderíamos imaginar também que dentro do organismo humano pudesse ocorrer a forma mais grosseira de resistência, chocando-se então o fluxo de substâncias com uma forte muralha

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000

e vindo a refletir, a retornar. Isso, porém, não afetaria a vivência interior do organismo humano. Se a corrente alimentar ou o fluxo de oxigênio passassem pelo organismo humano como através de um tubo, entrando de um lado e saindo do outro, ou se fossem refletidos, isso não afetaria a vivência interior. Que é assim que ocorre os Senhores já podem deduzir do fato de – conforme mencionamos anteriormente –, ao conseguirmos que uma representação mental se volte sobre si mesma em nosso sistema nervoso, nós, por assim dizer, elevamos nosso sistema nervoso acima da vivência do organismo interior. Portanto, não faz diferença se estamos diante de uma reflexão total ou de uma simples passagem, pelo organismo humano, das correntes que penetram de fora. O que faz o organismo humano autovivenciar-se são as secreções.

Se os Senhores observarem aquele órgão que devemos considerar o elemento central do organismo humano, o sistema sangüíneo, notarão que de um lado o sangue sempre se renova pela absorção de oxigênio. Por outro lado, já vimos o sistema sangüíneo como sendo o instrumento do eu humano. Podemos dizer que se o sangue passasse inalterado pelo organismo humano, não poderia ser o órgão do eu humano – eminentemente aquele que torna possível ao homem vivenciar-se interiormente. E só pelo fato de o sangue sofrer transformações intrínsecas, voltando diferente – isto é, por ocorrerem secreções de sangue modificado –, só por isso é possível que o homem não apenas tenha o eu, mas possa vivenciá-lo com o auxílio de seu instrumento físico-sensorial, o sangue.

Do que expusemos até agora, chegamos ao conceito de secreção; e temos de indagar: como devemos compreender aquela secreção que antes apontamos ser pertencente à periferia externa do organismo humano? Não será difícil imaginar qual deve ser a atuação do organismo integral para que essa secreção possa ocorrer na periferia. Para isso é necessário que à totalidade das correntes do organismo humano se oponha um órgão justamente relacionado com esse processo secretor tão abrangente. Esse órgão, como é fácil imaginar, é a pele, com tudo o que lhe é pertinente em seu sentido mais amplo. Trata-se ao mesmo tempo daquele elemento que, para o olhar exterior, direto, se apresenta como elemento essencial da estrutura humana, da forma humana. Se imaginarmos agora o organismo humano, que pode vivenciar-se em seu contorno externo pelo fato de contrapor o órgão da pele à totalidade de suas correntes, devemos ver, na formação peculiar da pele, uma das expressões para as forças mais internas do organismo humano.

Teremos de perguntar agora: como devemos imaginar esse órgão da pele? Como devemos imaginá-lo, com tudo o que lhe pertence? Ainda veremos em detalhes de quê ele se compõe, mas hoje queremos caracterizá-lo de forma genérica. Primeiro devemos esclarecer que a estrutura expressa na formação de nossa pele não se inclui em nossa vivência consciente, da qual podemos ter conhecimento por meio de uma auto-observação qualquer. Mesmo se participamos, de modo limitado, da formação de nossa superfície corporal externa, essa atividade é algo que independe completamente do arbítrio direto. Somente quanto à mobilidade de nossa pele, em relação à mímica, aos gestos e assim por diante, é que temos uma influência próxima ao que podemos chamar de atividade consciente; mas sobre a estrutura, a forma de nossa superfície corporal, não temos influência alguma. Evidentemente devemos concordar que, dentro de certos limites, entre o nascimento e a morte o homem tem uma certa influência sobre sua forma corpórea exterior. Qualquer um que tenha conhecido uma pessoa em determinada idade e volte a vê-la após dez ou vinte anos pode convencer-se disso, principalmente se nesse intervalo

de tempo decorrido a pessoa em questão tiver passado por vivências interiores mais profundas, especialmente vivências cognitivas que não são objeto da ciência exterior mas ‘fazem suar sangue’, estando relacionadas com todo o nosso destino de vida. Vemos então que dentro de certos limites a fisionomia muda, tendo portanto o homem, respeitando esses limites, uma influência sobre a configuração de seu corpo. Mas devemos convir que isso só acontece limitadamente, pois o principal na estruturação humana não depende do nosso arbítrio e não é determinado por nossa consciência. Mesmo assim, devemos admitir que a forma humana global está adaptada à entidade humana. Quem aceita isso nunca poderá imaginar que o que denominamos a plenitude das capacidades humanas possa desenvolver-se num ser com uma forma diferente da que os homens possuem atualmente. Tudo o que existe como capacidades no homem está relacionado com esta forma humana. Suponham, por exemplo, que o osso frontal estivesse numa posição diferente da atual, em relação ao organismo inteiro. Essa alteração de forma pressuporia capacidades e forças totalmente diferentes no homem. Poder-se-ia fazer estudos a respeito, tentando evidenciar que existiriam outras capacidades decorrentes de uma estruturação exterior diferente da cabeça, do crânio e assim por diante. Portanto, devemos formar um conceito da adaptação da forma humana à globalidade da entidade humana interior – de uma correspondência total entre a forma exterior e a entidade interior do homem. O que encontramos nas forças dessa adaptação nada tem a ver com o que pertence à atividade própria do homem abarcada pela consciência. Mas como a forma humana se relaciona com sua atividade espiritual e também com sua vida anímica, os Senhores podem imaginar facilmente que entre as forças plasmadoras da configuração física do homem existam, por assim dizer, forças advindas de um outro lado ao encontro daquelas que o homem desenvolve dentro de si. Trata-se das forças da inteligência, do sentimento, da índole e outras, que o homem só pode desenvolver no mundo físico diante do pressuposto de sua configuração especial. Essa forma precisa ser-lhe dada. Ele deve receber essa forma adequada às suas capacidades – se me permitem essa expressão – preparada por forças de espécie semelhante, correspondentes àquelas que, a partir do outro lado, constroem primeiramente essa forma possibilitando ser ela usada para realizar o que é sua atribuição. Não é difícil alcançar esse conceito: basta imaginar que uma máquina a ser utilizada para uma certa atividade tenha de ser ajustada para esse fim de maneira inteligente e apropriada. Para construir uma máquina nessas condições, é necessário executar desempenhos semelhantes aos que ela deverá realizar; depois as partes que lhe darão a forma serão produzidas e integradas ao conjunto. Quando temos diante de nós uma máquina pronta, podemos explicá-la mecanicamente desde que vejamos e entendamos sua atuação. Como observadores pensantes, todavia, indagaremos: “Quem foi que a construiu?” – pois sua composição aponta uma atividade espiritual consciente que produziu essa máquina para um determinado fim. Essa atividade espiritual não precisa mais estar presente quando queremos dar uma explicação mecânica da máquina; no entanto, ela está *por trás* da máquina – foi ela que a produziu.

Do mesmo modo, podemos dizer o seguinte: tudo o que encontramos como sistemas de forças na estruturação do nosso organismo nos é dado principalmente para que possamos desenvolver nossas capacidades e forças como seres humanos. Mas por trás dessa estruturação do homem deve haver forças que conferem estrutura – forças plasmadoras que não encontramos na estrutura pronta, assim como na máquina não encontramos seu construtor.

Com essa idéia os Senhores compreenderão facilmente um outro ponto. Um pensador materialista poderia dizer: “Para que devemos supor a existência de forças inteligentes e entidades criadoras conscientes por trás do nosso mundo físico? Podemos explicar o mundo

físico a partir dele próprio, de suas próprias leis. Um relógio, uma máquina pode ser explicada a partir de suas próprias leis.” Esse é um ponto em que, tanto de um como de outro lado, cometem-se os piores erros — tanto dos que se baseiam numa cosmovisão espiritual como dos materialistas. Se, por exemplo, uma cosmovisão baseada na Ciência Espiritual pusesse em dúvida que o organismo humano, tal como se nos apresenta em sua forma atual, não fosse explicável de maneira puramente mecânica ou mecanicista a partir de suas próprias leis, isso naturalmente constituiria um exagero e seria totalmente injustificado. O organismo humano, tal como o relógio, é completamente explicável a partir de suas próprias leis. Mas não podemos concluir a inexistência do inventor do relógio, do relojoeiro e de sua atividade espiritual por trás do relógio pelo fato de este ser explicável a partir de suas próprias leis. Essa contestação possível de ser feita pelo lado materialista soluciona-se, portanto, por si. Mas o cientista do espiritual também deve concordar que o organismo humano, tal como se nos apresenta, pode ser explicado a partir de suas próprias leis. Se, porém, realmente tivermos um pensamento baseado na Ciência Espiritual, deveremos procurar atrás da estrutura integral do homem as entidades plasmadoras, ou seja, aquilo que é o fundamento da forma geral da entidade humana. Se quisermos elaborar um conceito sobre o aparecimento da forma humana, deveremos imaginar que ela se origina, por um lado, pelo desenvolvimento das forças plasmadoras, que então estruturam o homem por isolarem-se nos limites da própria forma humana. A formação da pele indica do modo mais puro o que significa a autolimitação das forças formativas do homem no espaço. Fazendo um desenho esquemático, podemos imaginar as forças formativas fluindo para a periferia, isolando-se na forma exterior, que deve apenas ser indicada na linha AB.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b020000000005  
0000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102  
022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d  
01000004000000020101001c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d657  
3204e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d0101000500000  
00902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d010  
0000300000000000

Veremos agora como teremos de utilizar esse conceito para poder reconhecer o que acontece por dentro da pele. Outrossim, devemos estar conscientes de que esses processos de isolamento não ocorrem apenas na pele; também dentro do organismo humano encontramos esse isolamento perante as atividades e entidades que agem de fora. Basta os Senhores pensarem no que foi dito até agora para perceber que também no interior do homem encontramos atividades isoladoras sobre as quais temos tão pouca influência quanto na formação de nossa superfície; são justamente as atividades que se realizam nos órgãos como o fígado, a bile, o baço e outros. Neles é retido o que flui para o organismo através das forças contidas nas substâncias alimentares. A essas forças

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b020000000005  
0000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102  
022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d  
01000004000000020101001c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d657  
3204e657720526f6d616e00040000002d0101000500000  
00902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d010  
0000300000000000

se contrapõe um obstáculo – seu fluxo é obstruído, isto é, nesses órgãos a mobilidade exterior, própria das substâncias, se transforma.

Ora, enquanto devemos pensar nas forças plasmadoras atuando somente até a pele, sendo que por fora da pele nada mais temos delas, convém imaginar que nas forças que penetram em nosso interior com a corrente alimentar ou aérea não acontece um isolamento total do que aí existe como fluxo vindo do exterior, e sim ocorre uma transformação. Não devemos imaginar esses órgãos como a pele – que provoca um tal isolamento a ponto de nada existir do lado de fora –, e sim tendo em vista que eles transformam a mobilidade das substâncias a ponto de a corrente alimentar absorvida por parte deles ser transportada de outra maneira [b] depois que um obstáculo se lhe antepôs. Trata-se aqui, portanto, de uma transformação, aplicada principalmente aos órgãos que denominamos como o sistema cósmico interior do homem. Esses órgãos transformam a mobilidade exterior das substâncias. Podemos denominar essas forças como forças dinâmicas, do movimento, em contraposição às forças formativas que plasmam o organismo todo. Em nosso sistema cósmico interior, essas forças que transformam a mobilidade interior dos alimentos tornam-se movimento, de modo que podemos falar aqui de forças dinâmicas nos órgãos.

Já nos adiantamos o suficiente, nas observações do organismo humano, para poder dizer que sobre o corpo do homem atuam forças vindas de fora, cuja atividade não conseguimos perceber com nossa consciência. Tudo o que realizamos como atividade se passa abaixo do nosso horizonte de consciência; ninguém pode observar em estado de consciência normal a atividade de seu fígado, de sua bile ou de seu baço. Agora surge a pergunta: o que nos impede de sabermos algo sobre as forças de estruturação e de movimento que atuam em nossos órgãos internos, visto que nossa vida anímica está integrada no organismo? Afinal, em nosso interior ocorrem atividades muito poderosas. Como é que nada sabemos a respeito delas?

Ora, assim como nosso sistema nervoso central tem por função levar as impressões exteriores que recebemos por meio dos nossos sentidos até o sangue, ou seja, acolher as impressões de processos exteriores em nosso sangue – no instrumento do eu –, assim como o sistema nervoso central tem por função servir ao eu na consciência comum, do mesmo modo o sistema nervoso simpático, que por assim dizer se encontra diante do sistema cósmico interior com suas sinapses e ramificações, tem por função impedir que os processos ocorridos no interior do organismo atinjam o sangue, o instrumento do eu, detendo-os diante dele.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b020000000005  
0000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102  
022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d  
01000004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d657  
3204e657720526f6d616e0000000000000000000000000000000040000002d0101000500000  
00902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d010  
0000300000000000

Os Senhores vêem, portanto, que o sistema nervoso simpático tem uma função oposta à do sistema nervoso central, o que explica a diferença na estrutura e na natureza desses dois sistemas. Enquanto o sistema nervoso central precisa esforçar-se para transmitir ao sangue, da melhor maneira possível, as impressões exteriores, o sistema nervoso simpático, que atua de modo oposto, deve afastar constantemente do sangue – o instrumento do eu – a mobilidade própria das substâncias absorvidas. Quando observamos o processo digestivo, temos inicialmente a absorção dos alimentos exteriores, depois a retenção da atividade própria das substâncias alimentares e em seguida a transformação dessa atividade pelo sistema cósmico interior do homem. Para impedir que, do modo como estamos colocados no mundo, percebamos tudo o que se processa em nossos órgãos internos, o fluxo dos processos precisa ser mantido afastado do sangue pela ação do sistema nervoso simpático, tal qual, justamente, pelo sistema nervoso central é levado ao sangue o que é recebido de fora. Aí os Senhores têm a função do sistema nervoso simpático, que é a de manter nossos processos interiores dentro de nós, não permitindo atingirem o sangue, o instrumento do eu – impedindo a entrada desses processos interiores na consciência do eu.

Ontem já chamei a atenção para o fato de que a vida exterior e a vida interior do homem, tal como se expressam no corpo etérico, contrastam entre si, sendo que essa oposição entre a vida exterior e a interior se expressa em tensões, as quais, como vimos, tornam-se mais fortes nos órgãos cerebrais denominados epífise e hipófise.<sup>29</sup>

Conjugando as considerações de ontem com as de hoje, os Senhores poderão facilmente admitir que tudo o que penetra de fora tende a unir-se com seu oposto – o que vem de dentro e é detido pelo sistema nervoso simpático – para poder entrar num contato bastante íntimo com a circulação sanguínea. Na epífise temos o ponto onde o que é trazido de fora até o sangue pelo sistema nervoso central quer unir-se ao que provém do outro lado, e a hipófise também é o último posto avançado a impedir a vida interior humana de aproximar-se do sangue. Dois órgãos muito importantes estão frente a frente nesse ponto do cérebro. Toda a nossa vivência interior permanece abaixo de nossa consciência; para nós seria terrivelmente perturbador se participássemos conscientemente de todos os processos digestivos; isto é detido pelo sistema nervoso simpático. Somente quando a inter-relação dos dois sistemas nervosos – tal como se apresenta na situação de tensão entre a epífise e a hipófise – não está em ordem é que surge algo comparável a um

transluzir de um lado para o outro, uma perturbação num lado a partir do outro. Isso já ocorre, por exemplo, quando uma atividade irregular dos nossos órgãos digestivos vem à consciência por meio de sentimentos de desconforto. Embora ainda bem indefinida, temos aí uma irradiação, para dentro da consciência, da vida interior humana normalmente inconsciente – que, aliás, transformou-se consideravelmente nessa trajetória, ou seja, não aparece na consciência como realmente transcorreu. Ou então em emoções como a raiva, a fúria, o susto e outras que têm sua origem na consciência, temos uma forte irradiação de dentro do organismo humano. Dá-se então o caso em que emoções, especialmente excitações internas da alma, podem influenciar de modo muito prejudicial a digestão, o sistema respiratório e, conseqüentemente, também a circulação sangüínea e tudo o que está abaixo da consciência. Assim, esses dois lados da natureza humana podem agir um sobre o outro.

Assim estamos, de fato, como homens, colocados no mundo como uma dualidade, e hoje tivemos oportunidade de vê-la: de um lado a vivência consciente do mundo exterior pelo sistema nervoso central, que leva as impressões exteriores até o sangue, o instrumento do eu; de outro lado a vivência inconsciente do mundo interior— inconsciente porque é detida pelo sistema nervoso simpático, não chegando até o sangue. Esses dois opostos defrontam-se continuamente. Encontramos, todavia, sua expressão específica na tensão existente entre os dois órgãos que mencionamos: a epífise e a hipófise.

Da próxima vez continuaremos nossas considerações a partir desse ponto.

*26 de março de 1911*

## O sangue como expressão e instrumento do eu humano

Nas últimas conferências pudemos ver que o homem, como organização física, isola-se por assim dizer do exterior por meio de sua pele. Se quisermos compreender o organismo humano no sentido das considerações feitas até agora, será necessário afirmar que é o próprio organismo humano, com seus diversos sistemas de forças, que se delimita frente ao exterior pela pele. Em outras palavras: devemos ter bem claro que no organismo humano existe um sistema global de forças determinadas, por sua inter-relação, de modo a proporcionarem exatamente o contorno da forma que aparece na pele como sendo o limite exterior da configuração humana. Podemos dizer, portanto, que em relação ao processo vital do homem ocorre o fato interessante de termos, na forma que delimita o exterior, por assim dizer uma expressão metafórica da atividade integral do sistema de forças atuantes no organismo. Se, todavia, a própria pele deve representar essa expressão do organismo, é de pressupor que devemos encontrar dentro dela, de certa forma, o homem como um todo. Visto que, tal como se apresenta, o homem deve ser formado de modo que a pele externa, como limite de sua forma, expresse o que ele é, então devemos encontrar na pele tudo o que pertence à organização total do homem. De fato, se nos aprofundarmos no que é pertinente à organização integral do homem, poderemos perceber que cada fator presente em seu sistema de forças também está presente dentro da pele.

Vimos primeiramente que o homem integral, tal como se nos apresenta na forma terrena, tem o instrumento de seu eu no sangue, sendo homem pelo fato de ser portador de um eu e de esse eu poder criar uma expressão para si no sistema físico, criar um instrumento para si no sangue. Então se nossa superfície corpórea, o limite de nossa forma, é um membro essencial de nossa organização integral, será válido dizer que essa

organização integral precisa agir por meio do sangue até dentro da pele para que possa haver uma expressão de toda a entidade humana, enquanto física, na pele. Observemos como a pele, sendo formada de diversas camadas, se estende sobre toda a superfície do corpo; veremos que, de fato, vasos sanguíneos bem finos penetram nela. Por esses vasinhos sanguíneos o eu pode enviar suas forças e criar para si, até à pele, uma expressão da entidade humana. Sabemos também que o sistema nervoso é o instrumento físico de tudo o que denominamos consciência. Se, agora, o limite superficial do corpo é uma expressão de todo o organismo humano, os nervos também devem prolongar-se até à pele para que a consciência humana possa estender-se até este órgão. Vemos, portanto, que ao lado dos delicados vasos sanguíneos situados dentro das camadas da pele correm as terminações nervosas mais diversas, habitualmente denominadas – embora isso não seja totalmente correto – corpúsculos táteis por se julgar que o homem percebe o mundo exterior pelo sentido do tato com o auxílio desses corpúsculos táteis, tal como percebe a luz e o som por meio dos olhos e dos ouvidos. No entanto, não é isso o que acontece. Observando-se melhor, esse sentido do tato é a expressão de diversas atividades sensoriais, como por exemplo o sentido térmico e outros. Ainda veremos qual é a situação real.

Na pele encontramos, portanto, a expressão ou o órgão físico do eu humano: o sangue. Mas também vemos algo que é a expressão da consciência humana: o sistema nervoso, que envia suas terminações para a pele.

Agora cumpre procurarmos a expressão do que se pode considerar o instrumento essencial do processo vital. Já na última conferência chamamos a atenção para esse instrumento do processo vital ao falarmos da secreção. Na secreção, em que vimos ocorrer, por assim dizer, uma espécie de obstáculo, devemos reconhecer a expressão do processo vital à medida que um ser vivo, querendo existir no mundo, precisa isolar-se do exterior. Isso só pode acontecer quando o organismo vivencia um obstáculo em si mesmo. Essa vivência de um obstáculo em si mesmo é mediada por órgãos secretores que podem ser chamados, no mais amplo sentido, de glândulas. Glândulas são órgãos secretores, e o obstáculo se manifesta no fato de elas, por assim dizer, oporem uma resistência interior às substâncias alimentares que lhes vêm ao encontro. Devemos, portanto, supor que esses órgãos secretores, assim como estão espalhados pelo organismo, também devem pertencer à pele. E é realmente o que acontece, pois também na pele encontramos órgãos secretores, glândulas dos mais diferentes tipos – glândulas sudoríparas, sebáceas – que realizam o processo secretor, ou seja, um processo vital, dentro da pele.

E se, finalmente, pesquisarmos o que está abaixo do processo vital, encontraremos o que poderemos denominar processo substancial puro, o transporte da substância de um órgão a outro. Agora eu gostaria de pedir-lhes que diferenciassem claramente entre um processo secretor, que cria um obstáculo interior, pertencendo aos processos vitais, e aqueles processos que provocam puras transposições de substâncias, ou seja, meras transferências de substâncias de um local para outro. É que não se trata da mesma coisa. Para uma visão materialista poderia ser, mas para uma plena compreensão da realidade da vida não é. No organismo humano não temos apenas o mero transporte de substâncias. Com efeito, em toda parte ocorre uma condução das substâncias, dos produtos provenientes da alimentação, para os diversos órgãos. Mas no momento em que as substâncias alimentares são absorvidas estamos diante de um processo vital, de processos secretores, que ao mesmo tempo criam obstáculos internos. É preciso distinguir isso do simples processo de transferência de substâncias. Descemos do processo vital aos processos propriamente físicos ao dizermos que aparentemente os alimentos absorvidos são transportados para as mais variadas regiões do corpo físico. Trata-se, contudo, de uma

atividade viva, por assim dizer de uma autopercepção do organismo em seu próprio interior, onde se criam obstáculos interiores pelos órgãos secretores.

Simultaneamente aos processos vitais ocorre um transporte de substâncias, tanto na pele como nas demais partes do organismo. Os restos das substâncias alimentares são excretados, secretados, conduzidos para fora através da pele pelo processo de secreção de suor, da sudorese, de modo que aqui também aparece um transporte puramente físico de substâncias.

Caracterizamos assim, em sua essência, o fato de que no órgão exterior da pele se encontram tanto o sistema sangüíneo, como expressão do eu, quanto o sistema nervoso, como expressão da consciência. E agora quero aos poucos conduzir à idéia de que se justifica reunirmos todas as manifestações da consciência sob a expressão 'corpo astral', ou seja, poderemos considerar o sistema nervoso uma expressão do corpo astral, o sistema glandular uma expressão do corpo etérico ou vital e o processo alimentar propriamente dito, o processo de transposição, uma expressão do corpo físico. Até aqui todas as formações isoladas da organização humana realmente estão presentes no sistema cutâneo, pelo qual o homem se limita frente ao exterior. Devemos considerar, contudo, que todos os membros da organização humana – o sistema sangüíneo, o sistema nervoso, o sistema alimentar e assim por diante – formam uma totalidade em suas inter-relações. Ao observarmos esses quatro sistemas da organização humana, contemplando-os no corpo físico, podemos, por assim dizer, considerar o organismo humano por dois lados. Realmente ele se mostra de dois lados, e de princípio podemos mesmo afirmar que o organismo humano só tem sentido dentro da existência terrena quando, como organismo integral, é o instrumento do eu. Contudo só pode sê-lo quando o sistema sangüíneo, o instrumento mais próximo de que o eu humano se pode servir, está presente nele. A existência do sistema sangüíneo, todavia, só é possível se os demais sistemas o precedem em formação. O sangue não é apenas, como diz o poeta, "um muito especial extrato"<sup>30</sup> é fácil perceber que, tal como é, ele nem pode existir sem inserir-se no restante do organismo humano. É necessário que sua existência seja preparada pelo restante do organismo. Assim como está presente no homem, o sangue não pode ser encontrado em qualquer outro lugar senão no organismo humano. Não podemos transferir sem mais nem menos o que dissemos do sangue humano para qualquer outro ser vivo na Terra. Talvez mais tarde eu ainda tenha oportunidade de falar da relação entre o sangue humano e o sangue animal.<sup>31</sup> Será uma consideração muito importante, pois a ciência exterior não leva muito em conta essa diferença. Hoje mencionaremos o sangue apenas como expressão do eu humano. Estando o restante do organismo humano estruturado, ele se torna capaz de ser o portador do sangue, de receber em si a circulação sangüínea; somente então pode conter o dispositivo que serve de instrumento para o nosso eu. Para isso é preciso, primeiro, que o organismo integral do homem tenha sido construído.

Os Senhores sabem que, ao lado do homem, ainda existem na Terra outros seres aparentemente tendo um certo parentesco com ele, porém impossibilitados de manifestar um eu humano. Neles se revela que os elementos semelhantes aos sistemas correspondentes na disposição humana têm uma estrutura diferente da do homem. Em todos esses sistemas que antecedem o sistema sangüíneo já deve estar disposta a possibilidade de receber o sangue. Ou seja, precisamos ter um sistema nervoso capaz de receber um sistema sangüíneo no sentido do sistema sangüíneo *humano*. Precisamos ter um sistema glandular e também um sistema digestivo que estejam preparados para receber um sistema sangüíneo humano. Isto significa que, por exemplo, no sistema alimentar, que caracterizamos como sendo o representante do corpo físico do homem propriamente dito, o eu precisa estar latente. Todo o processo de formação do sistema nutritivo deve ser

dirigido e conduzido através do organismo de tal modo que o sangue, por fim, possa movimentar-se em seus trajetos corretos. O que significa isso?

Isso significa que a circulação sanguínea é determinada em sua forma, em todo o seu modo de mover-se, pela entidade humana do eu. Imaginando esquematicamente a circulação sanguínea nessa linha oval [v. desenho], devemos dizer que ela precisa ser

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b020000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
000000000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

recebida pelo restante do organismo. Isto significa que todos os outros sistemas orgânicos devem estar ordenados de modo que a circulação sanguínea possa inserir-se neles. O tecido de nossos vasos sanguíneos – quer seja na cabeça ou em outra parte do organismo – não poderia ser como é se aos lugares onde o sangue precisa circular não fossem dirigidas as coisas correspondentes ali necessárias. Isto quer dizer que os sistemas de forças no organismo humano, a começar pelo sistema alimentar, devem atuar de forma a levar todo o material nutritivo aos lugares correspondentes, estruturando-os de tal modo que nesses lugares o sangue possa manter exatamente a forma de seu trajeto, necessário para ele poder tornar-se uma expressão do eu. Portanto, em todos os impulsos do nosso aparelho nutritivo, ou seja, do sistema inferior de nosso organismo, já deve estar contido o que faz do homem um ser dotado de um eu. A forma que o homem apresenta, por fim, em sua perfeição física já deve estar inserida nos sistemas orgânicos até onde se constituem os diferentes processos nutritivos do homem. Então, do sangue baixamos o olhar aos sistemas orgânicos preparadores da circulação sanguínea – aos processos que, longe de nosso eu, transcorrem na escuridão do nosso organismo. Enquanto o sangue é a expressão de nossa atividade do eu, ou seja, é a expressão do que possuímos de mais consciente, não temos capacidade para olhar para as profundezas desconhecidas do corpo físico. Não sabemos como as substâncias são levadas, conduzidas aos diferentes lugares do nosso organismo em que devem ser utilizadas para estruturá-lo, dar-lhe forma, para possibilitar-lhe ser um instrumento do nosso eu. Isso nos mostra que, desde o início do processo nutritivo, todas as leis que por fim levam à estruturação da circulação sanguínea já existem no organismo humano.

O sangue como tal se nos apresenta como o sistema mais móvel, mais ativo que possuímos. Sabemos muito bem que se interviermos, por pouco que seja, no trajeto sanguíneo, o sangue logo tomará outros caminhos. Basta nos picarmos num lugar qualquer

para que o sangue tome um caminho diferente do que seguiria normalmente. É muito importante considerar isso, pois daí podemos depreender que o sangue é o elemento mais determinável do corpo humano. Ele tem uma boa base nos demais sistemas orgânicos, mas ao mesmo tempo é o sistema mais determinável, o que tem a menor estabilidade interior, O sangue pode ser fortemente determinado pelas vivências do eu consciente. Não quero abordar as teorias fantásticas elaboradas pela ciência exterior sobre o corar ou o empalidecer em decorrência dos sentimentos de vergonha ou medo. Quero apenas apontar o fato puramente exterior de que vivências como medo ou pavor e vergonha se fundamentam em vivências do eu que podemos reconhecer em seus efeitos sobre o sangue. No sentimento de medo ou pavor queremos, por assim dizer, defender-nos de alguma coisa da qual cremos que nos ameaça; então encolhemo-nos com nosso eu. No sentimento de vergonha gostaríamos de ocultar-nos, retrair-nos atrás do sangue, apagar nosso eu. Em ambos os casos – e quero considerar apenas os fatos exteriores – o sangue acompanha materialmente, como instrumento material exterior, o que o eu vivencia em si mesmo. No sentimento de medo e pavor, em que o homem quer encolher-se tão intensamente diante de algo que o faz sentir-se ameaçado, ele empalidece; o sangue se retrai da periferia para o centro, para o interior. Quando o homem quer esconder-se devido ao sentimento de vergonha, querendo apagar-se – quando, de preferência, ele nem queria estar presente, e sim ocultar-se em qualquer lugar –, o sangue se espalha até à periferia sob a impressão do que o eu está vivenciando, e o homem enrubesce. Vemos, assim, que o sangue é o sistema mais determinável no organismo humano, capaz de acompanhar rapidamente as vivências do eu.

Quanto mais descemos em nossos sistemas orgânicos, menos suas disposições obedecem ao nosso eu, e tanto menos estão inclinados a adaptar-se às vivências do eu. Quanto ao sistema nervoso, sabemos que está arranjado em certos trajetos nervosos, e que estes, em seu percurso, representam algo relativamente rijo. Enquanto o sangue é móvel e, dependendo das vivências interiores do eu, pode ser dirigido de uma parte a outra do corpo, até à periferia, o que acontece nos nervos é que ao longo dos trajetos nervosos correm as forças que podemos resumir como ‘forças da consciência’. Estas não podem transportar a matéria nervosa de um lugar para outro, como acontece com o sangue em seu percurso. Portanto, o sistema nervoso já é menos determinável que o sangue; e menos determinável ainda é o sistema glandular, que nos revela glândulas para atuações bem determinadas em lugares bem determinados do organismo. Se algo deve ativar uma glândula para uma determinada finalidade, esta não pode ser estimulada por um feixe semelhante ao feixe nervoso; essa glândula deve ser estimulada no local em que se situa. Portanto, o sistema glandular ainda é menos determinável – devemos estimular as glândulas onde elas se encontram. Enquanto podemos conduzir a atividade nervosa ao longo dos feixes nervosos – e ainda encontramos aí fibras de ligação que conectam as sinapses entre si –, uma glândula só pode ser estimulada para uma atividade no local em que se encontra. Este processo de enrijecimento, este processo de determinação interior, de não ser determinável [de fora], ainda é mais nítido em tudo o que pertence ao sistema alimentar, pelo qual o homem incorpora diretamente as substâncias que o tornam uma entidade físico-sensorial. Mesmo assim, a singularidade dessa incorporação de substâncias deve fundamentar um preparo total para o instrumento do eu.

Observemos agora o organismo humano em relação a seu sistema inferior, o sistema nutritivo no mais amplo sentido, por cujo intermédio as substâncias são transportadas para todos os membros do organismo. A distribuição dessas substâncias deve ser tal que a formação, a estruturação exterior do homem se realize no sentido de tornar possível a expressão do eu no organismo humano. Para isso necessita-se de muita coisa – não apenas

que as substâncias nutritivas sejam transportadas das mais diversas maneiras e depositadas nos mais diferentes lugares do organismo, mas também que todas as providências possíveis sejam tomadas para determinar a forma externa do organismo humano.

É importante termos clareza sobre o seguinte: — Embora todos os sistemas do organismo humano — até mesmo o sistema mais inferior, o sistema nutritivo — estejam representados no que denominamos pele, tivemos ensejo de dizer que na pele se distribui tudo o que pertence ao sistema físico do homem, em sentido mais elevado. Mas os Senhores facilmente podem imaginar que, apesar de conter todos esses sistemas, essa pele contém um grande defeito, por mais paradoxal que isso possa parecer. Do modo como se apresenta no homem, ela tem a forma do organismo humano. No entanto, não teria essa forma por si mesma; por si mesma ela não teria condições de proporcionar ao homem sua delimitação formal característica. Sem apoio a pele sucumbiria, e o homem não poderia manter-se em posição ereta. Concluímos então que não devem ocorrer apenas os processos nutritivos mantenedores da pele, mas também devem ocorrer e interagir vários outros processos responsáveis pela forma integral do organismo humano. Não será difícil compreendermos que é preciso considerar também como processos nutritivos modificados aqueles que ocorrem nas cartilagens e nos ossos. Que processos são esses?

Quando o material de nossos alimentos é levado até uma cartilagem ou um osso, basicamente é apenas material físico que é transportado para lá. O que encontramos, por fim, na cartilagem ou no osso nada mais é do que substâncias nutritivas transformadas; mas elas são transformadas de modo diferente do que, por exemplo, na pele. Por isso podemos afirmar que é preciso ver na pele as substâncias nutritivas transformadas que se depositam no limite mais externo configurativo de nosso corpo. No entanto, na maneira como o material nutritivo se deposita no osso temos de reconhecer um processo nutritivo em que o material se arredonda em função da forma humana. Trata-se, porém, de um processo inverso ao que ocorre na pele humana. E agora não será difícil, recorrendo ao modelo de observação que já aplicamos ao sistema nervoso, imaginar também esse processo nutritivo integral, o sistema de transporte dos alimentos.

Ao contemplarmos a pele e olharmos para as substâncias alimentares formadoras desse limite exterior que estrutura a superfície do homem sem, todavia, produzir por si mesmo a forma humana, fica-nos evidente que a nutrição cutânea é o tipo de alimentação mais recente no organismo. Na maneira como os ossos são alimentados podemos reconhecer, em sua relação com a nutrição cutânea, um processo semelhante ao que constatamos quanto à formação do cérebro em relação ao processo formativo da medula espinhal. Teremos a mesma razão ao dizer que o que de início vemos aparecer exteriormente, no processo da nutrição da pele, pode ser visto, posteriormente, transformado na forma sólida da estrutura óssea. Tal observação do organismo humano indica que antigamente nosso sistema ósseo consistia numa substância mais mole, tendo endurecido apenas no decorrer da evolução. Isso também pode ser provado pela ciência exterior; esta nos ensina que certas estruturas, mais tarde nitidamente tornadas ossos, na idade infantil se apresentam moles, cartilaginosas, formando-se pouco a pouco a massa óssea a partir de uma massa cartilaginosa mais macia, pela inclusão de material nutritivo. Temos aí a transformação de uma substância mais mole em outra mais dura, como também acontece em cada homem. Devemos ver, portanto, na cartilagem um precursor do osso, podendo dizer que a inclusão do sistema ósseo no organismo se nos evidencia como resultado final dos processos que notamos na nutrição da pele. Em primeiro lugar, as substâncias ingeridas são transformadas de maneira muito simples numa substância macia, maleável; feito isso pode desenrolar-se o processo alimentar, pelo qual determinadas

partes então se endurecem a fim de constituir o material ósseo, para que finalmente apareça a forma do organismo humano integral. O modo pelo qual os ossos se nos apresentam nos dá o ensejo de afirmar que para além da formação óssea não encontramos um progresso ulterior do processo nutritivo em direção ao endurecimento, à medida que considerarmos o homem em seu atual estado evolutivo. Enquanto temos no sangue a substância mais determinável no homem, na substância óssea, de outro lado, podemos ver algo totalmente indeterminável, que se endureceu, solidificou até um limite além do qual não há mais transformação, pois ela atingiu sua forma mais rígida. Prosseguindo em nossas considerações anteriores, cumpre dizer que o sangue é o mais determinável instrumento do eu no homem; os nervos já o são menos, e no sistema ósseo está o elemento que atingiu o último ponto de sua evolução, representando um produto final de transformação quanto à sua determinação pelo eu. Por isso, tudo o que pertence à formação do sistema ósseo acontece de maneira que os ossos possam, por fim, ser os portadores e os suportes de um organismo mais mole, onde processos vitais e nutritivos decorrem de um modo que o sangue possa fluir corretamente em suas trajetórias, para que o eu humano possa ter nele um instrumento.

Eu gostaria de saber quem não ficaria tomado da maior admiração e veneração ao olhar para dentro do organismo humano e imaginar o seguinte: “No sistema ósseo tenho à minha frente algo que passou pelo maior número de transformações, que deve ter percorrido o maior número de etapas, que se elevou do grau inferior para chegar ao sistema ósseo atual no decurso de muitas, muitas eras. Finalmente ele se configurou de modo a poder ser o firme esteio, o firme suporte do eu.” Quando percebemos como a tendência do eu atua na formação de cada osso, só podemos ficar tomados da mais profunda admiração diante dessa construção do organismo humano.

Olhando para esse ser humano, estamos diante de dois pólos da existência física: um deles é o sistema sangüíneo, que é o instrumento mais determinável do eu, e o outro o sistema ósseo, que na forma exterior e na estrutura interior é o mais rijo, o mais indeterminável, o menos mutável, o mais adiantado no indeterminismo. Portanto, podemos dizer que a organização física do homem encontrou provisoriamente sua expressão final, sua conclusão no sistema ósseo, enquanto no sistema sangüíneo assumiu, em certo sentido, um novo início. Olhando para o nosso sistema ósseo, podemos afirmar que nele veneramos a última conclusão da organização física humana. Já olhando para o nosso sistema sangüíneo podemos dizer que nele vemos um começo, algo que só pôde ter início depois que todos os outros sistemas o precederam. A respeito do sistema ósseo, é lícito dizer que uma certa disposição, as primeiras forças para a formação do sistema ósseo já deviam estar presentes antes que o sistema glandular e o sistema nervoso pudessem desenvolver-se no organismo, pois estes deviam ser conduzidos a seus respectivos lugares pelo sistema ósseo. O mais antigo sistema de forças do organismo humano é o nosso sistema ósseo.

Ao designar o sistema sangüíneo e o sistema ósseo como dois pólos, quisemos expressar, numa imagem, que neles encontramos, por assim dizer, os dois extremos externos da organização humana. No sistema sangüíneo temos diante de nós o elemento mais móvel, tão móvel que segue cada movimento do nosso eu. E no sistema ósseo temos o elemento quase totalmente subtraído à influência desse eu, o elemento que não mais atingimos com nosso eu. Contudo, a organização total do eu já está contida em sua forma. Desse modo, pela simples observação exterior, o sistema sangüíneo e o sistema ósseo se antepõem, no homem, como um início e um fim. Contemplando nosso sistema sangüíneo, que continuamente segue todos os movimentos do eu, concluímos que no sangue móvel se expressa a vida humana. Considerando o sistema ósseo, concluímos que ele simboliza tudo

o que se subtrai de nossa vida, servindo apenas de suporte ao organismo. Nosso sangue pulsante é nossa vida; nosso sistema ósseo, por ser um senhor tão velho, é o que já se subtraiu da vida imediata, é algo que já se desligou e só quer servir de suporte, só quer dar forma. Enquanto estamos organicamente vivos em nosso sangue, basicamente já morremos em nosso sistema ósseo. E eu lhes peço considerar essa proposição como um *leitmotiv* para as próximas conferências, pois dela decorrerão fatos fisiológicos significativos. Enquanto vivemos em nosso sangue, já morremos em nosso sistema ósseo. Nosso sistema ósseo é como um arcabouço, é o que menos tem vida – é apenas o suporte que nos dá apoio.

Já no início deste ciclo de conferências vimos uma dualidade no homem. Agora essa dualidade nos aparece mais uma vez, de outra maneira. No sangue temos, de um lado, o que há de mais móvel, de mais vivo; de outro lado temos no sistema ósseo aquilo que mais se subtraiu à mobilidade orgânica, já carregando em si a morte. Nosso sistema ósseo já chegou a uma certa conclusão – pelo menos no que tange à sua forma, mesmo ainda crescendo depois – naquela época da vida humana a partir da qual as vivências do eu começam a manifestar-se. Até à troca dos dentes, no sétimo ano de vida, o sistema ósseo já adquiriu essencialmente sua forma. Justamente na época em que nós mesmos ainda estamos subtraídos, em grande parte, da mobilidade do nosso eu é que ocorre o principal desenvolvimento do nosso sistema ósseo. É nesse período, quando o sistema ósseo se estrutura a partir das forças e das profundezas obscuras do nosso organismo, que podem ser feitos os maiores erros alimentares. É nesses primeiros sete anos de vida que podemos cometer, na alimentação das crianças, erros cujas conseqüências sobre o sistema ósseo podem ser especialmente sérias – como as doenças de caráter raquítico, decorrentes de processos alimentares mal orientados nessa faixa etária, quando, por exemplo, cedemos à gulodice das crianças e lhes damos tudo o que desejam. Vemos, assim, agir em nosso sistema ósseo o que é subtraído ao eu.

Bem diferente é o que se passa no sistema sangüíneo, que obedece ativamente à nossa vida individual, dependendo, mais do que qualquer outra coisa, dos processos de nossa vivência interior. Trata-se apenas de uma espécie de miopia por parte da ciência exterior acreditar que o sistema nervoso é mais dependente das vivências interiores do que o sistema sangüíneo. Apontarei apenas a forma mais simples da influência das vivências do eu sobre o sistema sangüíneo: nos casos da vergonha e do medo, quando ocorre um deslocamento do sangue, que expressa nitidamente as vivências do eu em seu instrumento, o sangue. Os Senhores podem imaginar que, se esses processos passageiros se expressam dessa maneira, como deverão expressar-se as vivências contínuas ou habituais do eu no elemento excitável do sangue. Não existe paixão, instinto ou emoção, quer habituais, quer esporádicos e explosivos, que não sejam transmitidos como vivências interiores ao sangue, instrumento do eu. Todos os elementos não-sadios das vivências do eu se expressam no sistema sangüíneo.

Sempre que quisermos compreender o que ocorre no sistema sanguíneo, será importante investigar não apenas o processo alimentar, mas principalmente os processos anímicos enquanto vivências do eu – como estados emocionais, paixões persistentes, emoções e assim por diante. Somente uma mentalidade materialista dirigirá sua atenção principal à alimentação no caso de perturbações do sistema sangüíneo; pois a nutrição sangüínea baseia-se na nutrição do sistema físico, do sistema glandular, do sistema nervoso e assim por diante, e basicamente as substâncias alimentares já estão muito filtradas quando atingem o sangue. Por isso, para o sangue ser afetado por essa via é preciso ter surgido urna doença grave no organismo; em contrapartida, todos os processos anímicos, todos os processos do eu retroagem diretamente sobre o sangue.

Assim, nosso sistema ósseo é o que mais se subtrai aos processos do eu, ao passo que nosso sistema sangüíneo é o que mais se sujeita a esses processos. O sistema ósseo é o que tem a menor disposição para seguir o eu, podendo-se até dizer que é totalmente independente dele, embora seja organizado em função desse eu.

Apenas uma pequena parte do sistema ósseo faz exceção a essa indeterminação por parte do eu, mostrando um cunho individual; são os ossos cranianos, principalmente a parte superior do crânio. Esse fato originou várias confusões.

Os Senhores conhecem a existência da frenologia, o estudo dos ossos do crânio.<sup>32</sup> Pouco a pouco ela assumiu um matiz materialista em função das tendências do nosso tempo, embora seja considerada uma superstição pelas tendências materialistas. Fazendo uma caracterização grosseira, podemos dizer que em geral a frenologia é descrita como se procurasse, nas formas de nossa estruturação craniana, a expressão para a natureza interior do nosso eu. Elaboram-se, por assim dizer, pontos de vista gerais e explica-se que esta proeminência significa isso, aquela outra significa aquilo e assim por diante. Pretende-se localizar as características humanas nas diferentes protuberâncias que aparecem em nosso crânio. Assim, a frenologia procura uma espécie de expressão plástica do nosso eu no sistema ósseo craniano. Mas isso é uma tolice quando feito dessa maneira, embora aparentemente se procurem expressões espirituais na estruturação de cada osso. Quem realmente é bom observador sabe que nenhum crânio humano se parece com outro, e que nunca poderíamos indicar elevações ou depressões genericamente típicas para esta ou aquela qualidade. Cada crânio se diferencia de outro, de modo que cada crânio humano nos apresenta formas diferentes.

Dissemos que a estrutura óssea é a que mais se subtrai, é a que menos segue o nosso eu, ao qual o sangue, com sua mobilidade, segue ao máximo. É estranho que mesmo assim a estruturação do crânio e dos ossos da face pareçam formados de acordo com o eu, enquanto a ossatura [corporal] se mostre tipicamente mais genérica. Quem observa a estrutura do crânio sabe: o fato de o próprio homem ser individual é tão verdadeiro quanto é verdadeiro que sua estrutura craniana é individual.

Como é possível que essa maravilhosa configuração do crânio seja disposta, desde o princípio, de acordo com a individualidade humana singular, se o eu não tem influência sobre a ossatura? Por que o crânio, que deve desenvolver-se tal qual os outros ossos, é diferente em cada homem? Por quê? O motivo é o mesmo pelo qual se desenvolvem as características individuais do homem: a vida individual humana integral não transcorre apenas no período entre o nascimento e a morte, e sim em muitas encarnações. Enquanto não tem influência sobre a estrutura craniana na encarnação atual, nosso eu desenvolveu as forças que determinam a estrutura do crânio, a forma craniana na encarnação atual com as vivências de sua encarnação anterior, no tempo entre a morte e o próximo nascimento. A característica do eu na encarnação precedente determina a forma craniana da encarnação atual. Desse modo, a expressão plástica exterior da estrutura craniana expressa a maneira como cada um de nós, como individualidade, viveu e atuou na encarnação anterior. Enquanto todos os outros ossos em nós exprimem algo humanamente genérico, o crânio, em sua forma externa, expressa o que fomos e o que fizemos na encarnação anterior.

O elemento extremamente móvel do sangue pode, portanto, ser determinado pelo eu na presente encarnação. Nossos ossos, porém, já se subtraíram totalmente à influência do eu na encarnação atual, até o último remanescente — os ossos cranianos, que na encarnação atual tampouco podem mais seguir o eu. O osso craniano, que se desenvolveu a partir da maciez da substância germinadora, onde o eu ainda podia ter uma atuação plasmadora, expressa nossa maneira de ser na encarnação precedente. Não existe uma

frenologia geral. Aliás, se quisermos considerar a frenologia, ela não pode ser uma ciência esquematizante, e sim deveria observar as características plásticas da estrutura craniana de maneira artística. Devemos apreciar nossa estrutura craniana como uma obra de arte. Mas devemos ver na conformação craniana algo individual, que é a expressão da história do eu numa encarnação anterior. Vemos, portanto, que até essa forma da ossatura exibida na estrutura craniana se subtrai ao eu à medida que este não tem qualquer influência sobre ela na presente encarnação. Contudo ele ainda a influencia na passagem entre a morte e o novo nascimento, período em que, de certa maneira, recolhe novamente as forças que já se lhe haviam subtraído na vida anterior e que, sob sua influência, estruturam o sistema ósseo, principalmente o crânio, para a vida seguinte.

Por isso, ao se falar da idéia da reencarnação dizendo tratar-se de um assunto geralmente subtraído ao julgamento racional, sendo preciso acreditar no que diz o pesquisador do espiritual, isso não é correto. Podemos responder o seguinte: é possível convencer-se de modo palpável de que o eu humano deve ter estado presente numa encarnação anterior; o crânio humano é a prova palpável de como o homem foi na encarnação precedente. Quem não admite isso, quem vê algo paradoxal em concluir a existência de algo anteriormente vivo que, a partir da vida precedente, formou o aspecto exterior, tampouco tem o direito de deduzir algo anteriormente vivo onde quer que se lhe apresente uma estrutura plástica. Quem não admite, como conclusão rigorosamente lógica, que a configuração do eu de encarnações anteriores se expressa na forma craniana individual, não tem o direito de concluir, a partir da forma externa de uma concha vazia encontrada ao acaso, que esta tenha alguma vez abrigado um ser vivo. Quem quiser concluir, a partir da concha morta, que em seu interior houve um ser vivo que a formou, não poderá rejeitar a conclusão igualmente lógica de que na estruturação individual do nosso crânio reside a prova direta da atuação de uma vida anterior sobre a atual.

Assim os Senhores vêem que aqui temos um dos portais através dos quais podemos iluminar, pela fisiologia, a idéia da reencarnação. Existem muitos desses portais; basta apenas dar tempo ao tempo. Se formos pacientes e esperarmos, encontraremos os lugares onde se apresentam as provas e o modo de levantá-las. E se alguém quisesse negar que o conteúdo aqui exposto tenha lógica, deveria negar também toda a paleontologia, que se baseia nas mesmas conclusões. Vemos, assim, como através da investigação das formas do organismo humano podemos reconduzi-lo às suas bases espirituais.

*27 de março de 1911*

## A vida consciente do homem

No decorrer destas conferências, certamente tivemos a impressão de que os diferentes sistemas orgânicos e as divisões do organismo humano participam, das mais variadas maneiras, do processo geral desse organismo. Pudemos apontar diferentes fenômenos nesse sentido e julgamos oportuno, no decorrer das conferências proferidas até agora, atribuir provisoriamente as atividades que atuam nos diferentes sistemas orgânicos a membros superiores, supra-sensíveis da organização humana. Assim, por exemplo, afirmamos que a circulação sanguínea humana se relaciona intimamente com o que denominamos eu humano, de modo que pudemos considerar o sangue um instrumento deste. Também pudemos atribuir o que denominamos vida consciente ao sistema nervoso. Mas também mostramos como uma parte especial do sistema nervoso – o sistema nervoso simpático – tem função oposta à da outra parte do sistema nervoso, uma tarefa que

consiste em reprimir, por assim dizer, tudo o que se passa nas profundezas do organismo humano – tudo o que é provocado pela atividade do nosso sistema cósmico interior –, de modo que isso não possa aflorar no horizonte do eu na constituição corpórea normal, isto é, não possa aflorar na consciência diurna. Ontem tentamos mostrar ainda, pelo menos aproximadamente, que à vida consciente do homem o que mais se subtrai é aquilo que se estrutura no sólido arcabouço ósseo. No entanto, tivemos de chamar a atenção para o fato de que algo, em sua essência, deve estar ativo nesse arcabouço ósseo sólido, algo que p fim permite ao homem desenvolver o órgão para sua vida de eu consciente: a circulação sanguínea. Sendo assim, podemos dizer também que a incorporação do sistema ósseo humano significa, para o organismo integral do homem, que ele pode assumir a forma humana, e que tudo o que se passa dentro dos processos transcorridos no sistema ósseo sólido mantêm-se abaixo do nível da consciência. Na organização humana sempre lidamos com aspectos semelhantes, ou seja – e é importante que nos entendamos bem neste ponto –, o que existe dentro da organização humana é, por assim dizer, protegido contra as influências exteriores que acontecem em nossa periferia e no grande âmbito do Universo. Dissemos que os sete membros do sistema cósmico interior, aqueles sete órgãos que, por assim dizer, espelham o sistema planetário exterior em nosso interior – especialmente o baço – detêm as leis exteriores do que ingerimos como alimentos, libertando-os, por assim dizer, dessas leis; desse modo as substâncias nutritivas podem ser absorvidas pelo organismo humano filtradas, não penetrando nele de forma a permitir que se mantenha no organismo sua própria regularidade e sua própria mobilidade. *Grosso modo*, digamos, no caso do homem e dos animais superiores é no calor do sangue que encontramos essa proteção dos processos internos frente às influências exteriores. A temperatura sanguínea, que oscila dentro de limites muito estreitos, é regulada por leis internas, sendo independente dos processos térmicos do macrocosmo, do grande mundo exterior. Na constância do calor sanguíneo os Senhores têm uma espécie de fenômeno básico bem palpável. Cumpre sempre apontar como um aspecto sumamente essencial da organização interna humana consiste no fato de um elemento limitado do ente humano ser isolado em relação ao macrocosmo, desenvolvendo sua própria dinâmica.

Para chegarmos a uma compreensão melhor do organismo humano, será bom partirmos hoje de um do outro lado, para contemplar um pouco a vida consciente. Já sabemos, das conferências anteriores, como a vida consciente do homem se utiliza dos instrumentos do sangue e do sistema nervoso, mas ainda não pudemos abordar os processos mais sutis. O que tenho a dizer agora tende a chocar de maneira profunda – confesso isso abertamente – o mundo exterior, a Ciência Natural atual. Contudo, qualquer pessoa que se baseie no ocultismo autêntico, verdadeiro lhes dirá que a tendência da Ciência Natural se dirige a confirmar e reconhecer, dentro de alguns decênios, aquilo que hoje podemos afirmar apenas a partir de observações ocultas. Se, em vez de uma série tão curta de palestras, eu pudesse dispor de meio ano para falar aqui sobre essas coisas<sup>33</sup>, ser-me-ia possível trazer, dos resultados da Ciência Natural atual, todo o necessário para justificar, também por dados exteriores, o que deverá ser afirmado na palestra de hoje. Por enquanto devo deixar algumas asserções na dependência da boa vontade e das capacidades dos prezados ouvintes. É sempre possível procurar os caminhos para a ciência exterior, pois esta, quando não parte de preconceitos teóricos e sim de fatos, já hoje pode encontrar as confirmações para o que é dito no campo do ocultismo. Peço que todas essas exposições sejam consideradas neste sentido.

Quando partimos de nossa vida consciente, principalmente para observar a relação de nossa vida anímica consciente com nosso organismo, é necessário primeiro focalizar o que denominamos nossa atividade pensante em seu sentido mais amplo. Não precisamos

entrar em discussões sobre diferenciações lógicas ou psicológicas sutis; devemos apenas colocar diante de nossa alma o fato de estarmos lidando com a vida do pensamento, com a vida dos sentimentos e com a vida da vontade do homem.

Os Senhores jamais encontrarão uma contradição entre os que se baseiam no verdadeiro ocultismo ao se afirmar que mediante todos esses processos desenrolados em nossa vida anímica, em consciência de vigília, enquadrados nas categorias do que pode ser pensado ou sentido ou dos impulsos de vontade, engendram-se processos realmente materiais no organismo – sejam eles vivos ou outros. De modo que podemos encontrar, para tudo o que acontece em nossa alma, os processos materiais correspondentes em nosso organismo. Isso é do maior interesse – pois nos próximos decênios será possível descobrir realmente, a partir de certas tendências que somente hoje apareceram na Ciência Natural, essas correspondências entre processos anímicos e processos fisiológicos no organismo, confirmando os ensinamentos provenientes do ocultismo.

A cada processo do pensamento, assim como a cada processo do sentimento e também a cada processo que pode ser designado por impulso volitivo, corresponde um processo em nosso organismo. Poderíamos dizer também que ao acontecer algo em nossa vida anímica desencadeia-se uma onda que se propaga para baixo, até o organismo físico.

Tomemos primeiro o processo do pensamento. É melhor focalizar um processo de pensamento que, como o pensamento matemático puro ou um pensamento objetivo semelhante, não influencia nossos sentimentos nem nossa vontade. Consideremos então processos de pensamento que são processos intelectuais ‘puros’. O que se passa em nosso organismo quando esses processos de pensamento se desenrolam em nossa vida anímica? Sempre que pensamos, que captamos pensamentos, ocorre em nosso organismo um processo comparável – não me refiro a uma analogia, mas a um fato: a comparação deve levar-nos a fatos – ao processo de cristalização. Quando, num copo, temos água aquecida até certo grau e nela dissolvemos um sal qualquer – por exemplo, sal-gema –, e por meio do resfriamento da água levamos esse sal dissolvido a se cristalizar, efetuamos um processo oposto à dissolução. Quando o sal está totalmente dissolvido, a água é transparente. Quando a água é resfriada novamente e se dá o processo oposto ao da dissolução na água, o sal se cristaliza novamente; acontece uma neoformação de sal, uma inclusão de sal na água. O processo se manifesta de modo que podemos ver o seguinte: na água que antes era morna aparece algo sólido quando a resfriamos; no líquido surge um sólido, uma deposição salina. Como foi dito e anteposto por mim, a pessoa que, de modo pedante, num sentido puramente filisteu, só queira admitir *os fatos registrados pela ciência*, pode ficar inicialmente chocada com as indicações de resultados ocultos.

Um processo bem semelhante acontece em nosso organismo quando pensamos. Ao processo do pensar corresponde um processo de deposição de sais, que tem sua origem numa atuação do sangue e retroage excitando nosso sistema nervoso – um processo, portanto, que se passa no limite entre nosso sangue e nosso sistema nervoso. E assim como pudemos observar a cristalização do sal quando olhamos a água no copo, ao observarmos uma pessoa em condições satisfatórias para poder pensar podemos ver como, de fato, se desenrola esse processo – e isso pode ser percebido nitidamente no supra-sensível pelo clarividente.

Deste modo pusemos diante de nossa alma esse equivalente físico do processo pensante.

Perguntemo-nos agora: como se apresenta o correspondente no caso do sentir? No caso do sentir, não encontramos nada que se pareça com uma deposição de sais em processo de solidificação, ou seja, com um processo contrário ao de dissolução, mas no organismo ocorrem processos sutis que se passam tal qual quando um líquido se torna

semi-sólido. Imaginem que um líquido se torne semi-sólido como albumina líquida e coagule, adquirindo a consistência de proteína engrossada; trata-se, portanto, da solidificação de algo líquido. Enquanto no processo do pensamento temos a separação de algo sólido, salino de um líquido, e que depois se deposita, na esfera dos sentimentos temos uma passagem de determinadas partículas do sangue de um estado mais líquido para um estado mais denso. A própria substância é levada a um estado mais denso por uma espécie de coagulação. A observação clarividente mostra-se a formação de pequenos flocos, assim como num copo contendo um determinado líquido os Senhores podem provocar, por meio de certas reações, um processo de floculação interior, uma secreção de pequenas gotículas intumescidas de uma substância líquida.

Passando agora ao que designamos por nossos impulsos volitivos, vemos que seu equivalente físico é ainda diferente. Isto é até mais facilmente compreensível, pois chegamos a um ponto em que a coisa se torna mais manifesta. O processo físico correspondente aos nossos impulsos de vontade é uma espécie de processo de aquecimento, que produz elevações de temperatura, uma espécie de aquecimento do organismo. Como esse aquecimento está intimamente relacionado com a pulsação do sangue, podemos afirmar que os impulsos da vontade estão relacionados com o aumento de temperatura do sangue. Não é preciso muito para isso; tendo apenas um pouco de bom senso para fazer reais observações, notaremos que até no organismo animal os impulsos de vontade têm seu equivalente físico no aquecimento do sangue.

É assim que podemos caracterizar, aproximadamente, os equivalentes físicos que se passam nos processos anímicos interiores. O que acabei de caracterizar não é, certamente, algo que transcorre de modo grosseiro; trata-se de processos extremamente sutis, minuciosos, processos de tamanha sutileza que normalmente nem conseguimos imaginá-la. Com exceção dos processos de aquecimento, os demais ocorrem de modo a manifestar uma incrível sutileza em relação aos processos semelhantes que conhecemos no mundo físico exterior. São processos que o organismo produz com todas as suas forças quando o eu está em atividade, com o auxílio do instrumento do sangue. Da deposição de sal até a formação de flocos e o aquecimento, esses processos se passam de tal forma que todo o organismo é atingido – ou especialmente também, por exemplo, no processo do pensamento, uma parte do nosso organismo: o cérebro e o sistema medular. Esses processos que são conseqüências da atuação de processos anímicos estão distribuídos dos modos mais diversos no organismo humano. Quando reconhecemos pouco a pouco essas coisas como fatos, temos de admitir, aliás, que o que chamamos de pensamentos, sentimentos ou impulsos de vontade são forças reais, que têm conseqüências reais no organismo e se expressam por meio de efeitos reais. As observações ocultas autorizam-nos a falar de um efeito real da alma sobre o organismo humano. Nos próximos decênios esses efeitos reais se desvendarão gradativamente para a ciência. Esses processos sutis no organismo se tornarão acessíveis aos métodos de investigação mais cuidadosos e sutis da ciência. Aí a oposição – não baseada em fatos pesquisados pela ciência, mas em certas teorias preconcebidas referentes a esses fatos – que hoje se levanta contra as afirmações provenientes do conhecimento oculto cessará por si mesma.

Ora, já apontamos que o que consideramos uma atividade consciente do eu é apenas uma parte da entidade humana. Abaixo do limiar daquilo que penetra em nosso horizonte de consciência desenrolam-se processos situados abaixo dela, os quais, por assim dizer, são afastados de nossa consciência pelo sistema nervoso simpático. Partindo de vários lados, pudemos mostrar como o que trazemos inconscientemente em nós também está, de certa forma, relacionado com nosso eu. A respeito do mais inconsciente, do nosso sistema ósseo, dissemos que a princípio este é formado de maneira a poder fornecer a base ao

instrumento do eu consciente. Assim, uma organização do eu inconsciente cresce, a partir do inconsciente, em direção à organização do eu consciente. O homem, por assim dizer, se divide em duas partes: de um lado atua nele a organização do eu consciente, e de outro a organização do eu inconsciente [v. desenho abaixo].

Vimos que, nesse sentido, o sistema sanguíneo e o sistema ósseo formam um certo contraste, comportando-se como dois pólos opostos. Enquanto o sangue, com sua mobilidade interior, acompanha a atividade do eu como um instrumento flexível, o outro pólo, o sistema ósseo, subtrai-se de tal modo da mobilidade do eu que este não tem consciência do que ocorre no sistema ósseo. Isso significa que todos os processos ocorrentes no sistema ósseo se passam abaixo da superfície dos acontecimentos conscientes do eu. É verdade que são processos correspondentes à nossa atividade do eu, porém tão mortos quanto nossos processos sanguíneos são vivos; trata-se, basicamente, apenas de uma parte dos processos que se mantêm inconscientes para o eu, e que apenas gradativamente emergem do inconsciente para o consciente.

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b02000000000  
50000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010  
2022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002  
d01000004000000020101001c000000fb02c4ff000000000000900100000000440001254696d65  
73204e657720526f6d616e000000000000000000000000000000000040000002d010100050000  
000902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d01  
0000030000000000

Se observarmos atentamente o sistema ósseo em sua função integral no organismo humano, notaremos que ele se subtrai à vida consciente de modo mais intenso que os demais sistemas orgânicos. Mas ao passarmos do sistema ósseo para os sistemas orgânicos que designamos por sistema cósmico interior do homem – o sistema fígado–bile–baço, o sistema cardiopulmonar e assim por diante –, temos de afirmar, de acordo com o que dissemos a esse respeito nas conferências anteriores, que os processos ocorrentes nesses sistemas também se subtraem em alto grau à nossa consciência, mas não tanto quanto os processos do nosso sistema ósseo. Temos de pensar bem menos, dar menos atenção a este do que aos órgãos recém-mencionados. Alguns desses órgãos citados manifestam nitidamente ao homem suas funções como algo que se salienta do inconsciente. É como um objeto que flutua no mar e que emerge parcialmente, tornando-se visível na superfície como uma ilha. Assim, por exemplo, algumas coisas que ocorrem no coração atingem a consciência. Os Senhores sabem, por experiência, que especialmente as naturezas hipocondríacas – para sua desvantagem, naturalmente – percebem algo dessas coisas que ocorrem em seus órgãos internos, porém de maneira diferente do que de fato ocorre em

seu interior — contudo o per cebem. Não estou referindo-me agora ao que ocorre quando já se estabeleceu um certo grau de doença — pois com o adoecimento tomamos consciência de nossos órgãos, e então existe uma causa real pela qual os efeitos dos sistemas cósmicos interiores sobem à consciência. Refiro-me, isso sim, ao fato de nem de longe ser necessário atingir o limite que um homem sadio tem diante da doença. Infelizmente esse limite se desloca com bastante freqüência. O que muitas vezes já é tido como doença pode, certamente, ser considerado um grau maior ou menor do aforamento dos processos interiores na consciência. Portanto, devemos realmente pesquisar as causas das diferentes doenças de modo a questionar o seguinte: no caso das doenças, estarão as origens das dores nos órgãos ou devemos procurá-las em outro lugar? Ora, é sabido que somos protegidos, pelo sistema nervoso simpático, da entrada na consciência do que acontece nas profundezas do organismo.

Considerando que o sistema ósseo estrutura o homem em sua forma, em sua configuração de modo que nele o sistema sangüíneo possa ser um instrumento para seu eu, devemos ter bem claro que também os demais sistemas orgânicos, de certo modo, crescem de encontro à vida consciente do homem, que finalmente deve desabrochar como uma flor. Deve-nos ser claro que todos esses órgãos, embora não estejam impregnados da vida completamente consciente, também já contêm o elemento que cresce ao encontro de nossa vida anímica consciente, assim como, conforme vimos, nosso sistema ósseo cresce de encontro à vida do eu.

Devemos questionar agora: até que ponto esse sistema interior, que designamos como sistema cósmico interior, cresce de encontro à vida anímica consciente do homem? Se, por um lado, consideramos o fato de termos no sistema ósseo o suporte mais sólido em nosso corpo físico, determinando o sistema sangüíneo no sentido de este atuar nos locais adequados para desenvolver-se em instrumento do eu, de outro lado devemos afirmar que o sistema ósseo também sustenta e mantém na posição correta os órgãos que anteriormente denominamos sistema cósmico interior. Ora, o que ocorre com o sangue também favorece esses órgãos. Se os Senhores observarem todos esses sistemas orgânicos, notarão que nada poderão descobrir, em sua disposição, que esteja tão íntima e essencialmente relacionado com a forma exterior do homem como o sistema ósseo. Ele é a base da forma humana, e o que se dispõe e acumula ao seu redor só pode fazê-lo desse modo porque o sistema ósseo fornece a forma fundamental. Também a pele como limite corporal exterior é, por assim dizer, prefigurada por toda a estruturação do sistema ósseo. Göethe disse isso numa bela afirmação, não apenas do ponto de vista estético, mas também científico: “Nada existe na pele que não esteja no osso.”<sup>34</sup> Isto significa que na estrutura exterior da pele já se expressa o que está pré-moldado no sistema ósseo. Não podemos dizer a mesma coisa do nosso sistema cósmico interior. Por outro lado, o aforamento dos efeitos do sistema cósmico interior em níveis inferiores da consciência evidencia um certo relacionamento desse sistema cósmico interior com nosso corpo astral, pois este é o portador da consciência. Podemos concluir, então, que o sistema cósmico interior não nos pode parecer uma expressão do eu inconsciente, do eu estruturante, situado nas profundezas, mas pode manifestar-se como aquilo que nos foi incorporado por todo o processo cósmico como expressão do mundo circundante, de modo que sua relação com o corpo astral é semelhante àquela expressa no sistema ósseo, que fornece a base para a forma humana que engloba o eu. Podemos, pois, dizer que no sistema ósseo já temos pré-formado, profundamente no inconsciente, o eu humano, e no que denominamos nosso sistema cósmico interior está pré-formado o assim chamado corpo astral.

O sistema cósmico interior não se origina, em toda a sua organização, da vida anímica consciente, já que se situa abaixo da consciência; ele é introduzido em nosso

organismo a partir do macrocosmo. Desse modo, algo que podemos denominar astral cósmico se introduz no homem de forma a expressar-se como nosso sistema cósmico interior. E através de nosso sistema ósseo temos incorporado em nosso organismo, por sua vez, algo do nosso derredor, do grande sistema cósmico; e pelo fato de isso estar relacionado com a forma integral do nosso organismo físico, temos de concluir o seguinte: esse sistema ósseo se torna a base para o nosso eu em nosso corpo físico por ser um sistema macrocósmico, ou simplesmente cósmico, que faz de nós esse homem fisicamente estruturado. Enquanto nosso eu se manifesta como eu consciente, tem como instrumento o sistema sanguíneo; enquanto está pré-moldado como forma e estrutura, baseia-se num sistema de forças cósmico que tende à estrutura sólida, que tem sua expressão mais densa em nosso sistema ósseo.

Focalizemos o assunto de mais outro ponto de vista. Já sabemos que tudo o que denominamos atividade consciente do pensar, realizada pelo eu, expressa-se por uma espécie de depósito de sal muito fino no sangue. E, portanto, por uma espécie de deposição salina interior que o pensar consciente pode ser reconhecido. É de esperar, portanto, que no local onde o nosso sistema ósseo é pré-formado a partir do Cosmo, de modo que o organismo possa formar o suporte material para o homem como ser pensante, também deveríamos encontrar o processo físico de uma deposição salina. Deveríamos, portanto, encontrar depósitos de sal no sistema ósseo. E os ossos realmente são constituídos, em parte, de fosfato e carbonato de cálcio, ou seja, de sais de cálcio depositados.<sup>35</sup>

Também aqui encontramos os dois pólos opostos. Enquanto o homem está ativo como ser pensante, são os processos de pensamento que o tornam interiormente um ser sólido. Nossos pensamentos são, de certa forma, nossa estrutura óssea interior. O homem tem pensamentos determinados e bem delimitados; nossos sentimentos, do contrário, são imprecisos, oscilantes, diferindo de um homem para outro. Os pensamentos formam inclusões sólidas no sistema dos sentimentos. Enquanto essas inclusões sólidas se expressam na vida consciente por uma espécie de processo de deposição salina móvel, dinâmica, aquilo que é preparado pelo eu se expressa no sistema ósseo; isso se manifesta no fato de o macrocosmo plasmar o sistema ósseo de modo que uma parte de sua estrutura se constitua de sais depositados. Estes são o elemento repousante em nós, o pólo oposto ao dos processos da mobilidade interior que se desenrolam nos processos de deposição salina no sangue. Assim, o homem se torna um ser pensante a partir de dois lados de nossa organização: de um lado, inconscientemente, pela estruturação do nosso sistema ósseo; de outro, conscientemente, quando em plena consciência realizamos — seguindo o modelo do processo de nossa estruturação óssea — os mesmos processos que se apresentam no organismo como processos de deposição salina, dos quais podemos dizer que têm mobilidade interior. Os sais formados pelo pensar precisam ser dissolvidos, removidos logo pelo sono a fim de não provocarem processos de desintegração, de dissolução no organismo. Temos de reconhecer que o pensar é um verdadeiro processo de destruição. O sono benéfico exerce um processo de involução, cujo efeito é o sangue ficar livre dos sais depositados, o que nos permite desenvolver novamente pensamentos conscientes quando em vigília diurna.

Entretanto não cabe simplesmente dizermos que pensar é um processo de formação de sais — pois se os homens não compreenderem isso de maneira correta, alguém poderia muito bem dizer que a Ciência Espiritual afirma as maiores tolices.

Agora prossigamos. Podemos ter em mente que entre os dois pólos extremos da formação de sal se desenrolam todos os processos no organismo humano, principalmente aqueles que já indicamos. Assim como o pensar desencadeia processos flexíveis de for-

mação salina, tendo sua contrapartida no processo de formação de sal nos ossos – sendo que este, até certo grau, chegou a um repouso –, temos também uma contrapartida para aquilo que designamos um processo de intumescimento interior, coagulação, processo de floculação – uma espécie de inclusões proteiformes que, sob a influência de nossa vida emocional, surgem como manifestação exterior dessa nossa vida emocional. Esse pólo contrário se mostra mai nos processos interiores do nosso organismo e participa desse intumescimento inconsciente, dessa condensação de substâncias que se formam e se incorporam como consequência do sistema astral macrocósmico. Trata-se do colágeno ósseo, que participa do processo de formação óssea e é inserido nas outras substâncias ósseas. Este é o outro pólo do processo de intumescimento, oposto ao que surge como equivalente físico mediante nosso sentimento.

Nossos impulsos volitivos expressam-se organicamente num processo calórico, num processo de aquecimento interior. Em todo o nosso organismo encontramos ligações que podemos chamar de produtos de processos de combustão interior, de processos de oxidação interior. Enquanto ocorrem abaixo do limiar da consciência, completamente independentes da vida consciente, eles pertencem ao outro lado, ao pólo oposto isolado da fonte de influências sobre a vida consciente. Desse modo o homem é protegido interiormente, por uma parte de seu organismo, para que dentro dele possam realizar-se processos da maior sutileza, provocados pela vida anímica.

Como já sabemos, em nosso organismo ocorrem processos fisiológicos – como a formação de sais, a formação de intumescimentos e a formação de calor – que seguem nossa vida consciente, e processos que se passam fora da nossa vida consciente de maneira a fornecerem a base para o que se prepara no organismo humano, permitindo que a vida consciente possa desenvolver-se. Portanto nosso organismo, como um todo, é um entrelaçamento de processos pertencentes à nossa vida consciente e outros, que consideramos pertencentes à nossa vida inconsciente. É um fato extraordinariamente significativo que o nosso organismo se apresente constituído de duas polaridades: de um lado, processos semelhantes se realizam penetrando no organismo a partir do macrocosmo e, por assim dizer, ocorrem mais grosseiramente; de outro, os processos ocorrem como consequência da vida consciente do homem, passando-se de modo mais sutil.

Ora, no organismo completo atual todos esses processos interagem entre si, e da maneira como o organismo se nos apresenta não podemos simplesmente separá-los, colocando limites nítidos por toda parte; um processo interfere no outro. Basta os Senhores observarem o sistema sangüíneo, o elemento mais móvel e mais sutil do organismo. No sangue os Senhores vêem o agente tanto dos processos de deposição salina como dos processos de coagulação de uma substância líquida, e ainda dos processos de calor. Encontramos esses processos também em outros sistemas orgânicos, estabelecendo, de modo semelhante, uma íntima relação. Quando, por exemplo, absorvemos substâncias alimentares procedentes do exterior em nosso trato digestivo, esses alimentos ainda contêm o que eu denominei sua mobilidade exterior. Eles sofrem um primeiro grau de peneiração na boca ao serem preparados pela mastigação para o processo digestivo do estômago. Em seguida são devidamente metabolizados pelos órgãos que designamos por sistema cósmico interior e, finalmente, são conduzidos para onde podem alimentar o instrumento mais sutil do organismo humano, o sangue. Depois de termos indicado, de certo modo, a seqüência da peneiração dos alimentos pelos sistemas orgânicos interiores, podemos imaginar facilmente que de fato o sistema sangüíneo, o sistema mais sutil, precisa absorver a mobilidade das substâncias alimentares o mais peneirada possível, contendo o que chega até o sangue o menos possível da dinâmica própria dos alimentos ao serem ingeridos. Ao serem ingeridas, as substâncias ainda mantêm boa parte de sua

mobilidade e natureza próprias. Ao atravessar o estômago e os outros sistemas orgânicos, precisam desfazer-se delas, e chegando ao sangue se tornaram algo completamente novo. Por isso o sangue é também o órgão mais protegido contra as influências do mundo exterior, desenvolvendo seus processos da forma mais independente possível do mundo externo. Este é um lado; mas já mostramos detalhadamente que o sangue se volta para dois lados: como uma lousa, ele recebe influências tanto de uma como de outra direção. Por um lado ele é dirigido aos órgãos situados nas regiões mais profundas do organismo humano, onde todos os processos são contidos, repelidos pelo sistema nervoso simpático, de modo que não chegam à consciência. Mas o sangue também tem de dirigir-se ao outro lado, às vivências da vida anímica consciente. Ele não deve assimilar apenas os processos inconscientes – também o eu consciente deve impregnar-se nele. Nossas atividades anímicas conscientes precisam transformar-se de tal modo, antes de atingir o sangue, que possam ser nele a expressão do que nos cerca. O que é que nos cerca? O mundo físico-sensorial, visto que o corpo etérico, incorporado ao mundo vegetal, não existe para a consciência normal. Para a consciência nítida diurna, o homem pertence apenas ao mundo físico; o mundo vital é invisível para nós.

Sendo assim, nós nos defrontamos com o mundo físico-sensorial no outro lado do quadro sangüíneo. A totalidade da vida anímica – como ela transcorre sob as impressões do mundo físico-sensorial, como produz os pensamentos, como inflama os sentimentos, como estimula os impulsos da vontade –, enfim, tudo isso precisa encontrar seu instrumento no sangue, desde que seja vida consciente do eu. Tudo deve pulsar no sangue. O que significa isso? Significa apenas que não podemos ter em nosso sangue somente o que resultou dos alimentos depois de terem sido estes altamente filtrados, destituídos de sua dinâmica própria, protegidos contra todas as leis macrocósmicas, e sim – para que a inscrição no quadro sangüíneo seja possível também pelo outro lado – encontremos no sangue também algo que tenha parentesco com o físico-sensorial, com o aspecto morto do mundo físico-sensorial. O que diz respeito à vida pode ser reconhecido pela consciência comum apenas por meio da combinação de impressões físico-sensoriais; em sua realidade, pode ser reconhecido somente pelo membro supra-sensível inferior da entidade humana, o corpo etérico.

Portanto, o sangue deve ter um parentesco com o mundo físico-sensorial, tal como este se apresenta diretamente. Veremos agora que ao sangue se incorpora algo do qual podemos dizer que não está aí presente *tal qual* se fosse determinado pelos processos que emergem de *nossa* entidade, das profundezas de *nosso* organismo até o sangue e cuja dinâmica é, portanto, adaptada à *nossa*; ao contrário, é como se fosse incorporado ao nosso sangue pela atividade de dinâmicas e mobilidades macrocósmicas exteriores. Devemos ter em nosso sangue algo que é e atua como os processos exteriores diretos, mas que interiormente transcorrem do mesmo modo como exteriormente no macrocosmo, ou seja, não perdendo sua dinâmica própria. Portanto, em nosso sangue devem desenrolar-se processos físicos, químicos, inorgânicos, necessários para que nosso eu possa participar do mundo físico. Precisamos procurar no sangue substâncias que possam agir de maneira que sua característica física, sua dinâmica própria seja mantida. E realmente encontramos isso no sangue. Em nossos glóbulos vermelhos temos algo nos mostrando nitidamente que, mal começa a viver, já está no momento de transição da vida para a falta de vida. Por outro lado, acha-se incorporado ao sangue um processo de aquecimento contínuo comparável a um processo de combustão exterior, em que o processo de oxidação gera novas possibilidades de vida. Temos, portanto, adaptado ao sangue aquilo que faz do homem um ser físico-sensorial.

Assim nos fica evidente, até na organização do sangue, como o exame físico, o exame

químico pode ser esclarecido por revelações a partir da contemplação oculta, e como esta torna compreensível o que se mostra à visão exterior direta.

Em resumo, podemos dizer que no organismo humano, no sangue, temos processos estimulados pela atuação do mundo exterior, sendo eles de natureza físico-sensorial; além disso, também encontramos no sangue processos que emergem do outro lado, baseando-se na incorporação das substâncias alimentares modificadas e filtradas ao máximo. Sob esse enfoque, o sangue se nos revela significativamente como “um muito especial extrato”, pois de um lado volta sua essência ao reino mais baixo, inferior que conhecemos e apresenta-se como uma matéria capaz de realizar processos químicos exteriores, a fim de poder ser um instrumento para o eu; de outro lado é aquela substância mais protegida, a fim de executar processos interiores impossíveis de serem realizados em outro lugar, porque todos os outros processos orgânicos são precondições para isso.

Os processos mais sutis, mais elevados que são estimulados nas profundezas de nosso organismo unem-se, em nosso sangue, aos processos físico-químicos que se nos deparam por toda parte no mundo. Em nenhuma outra substância o mundo físico-sensorial se encontra tão diretamente com um outro mundo, interior – que pressupõe a existência, a atividade de sistemas de forças supra-sensíveis – como em nossa substância sangüínea. Nenhuma outra substância revela isso como o sangue que flui por nosso organismo. De fato, no sangue se juntam o que o homem pode encontrar de mais baixo ao seu redor e aquilo que se pode formar, organicamente, de mais elevado em sua natureza. Isso torna evidente, em relação aos processos complicados ocorrentes no sangue, estarmos nos deparando com algo que, ao se tornar irregular ou sofrer perturbações, pode provocar irregularidades de alto grau em nosso organismo como um todo. E quando tais irregularidades se apresentam, devemos sempre refletir sobre sua origem. É difícil distinguir, num caso particular, se devemos atribuir essas irregularidades aos processos que transcorrem segundo o padrão dos processos físicos ou químicos ou se elas correspondem a outros processos no sangue. Se for segundo o padrão dos processos físico-químicos, precisamos estar cientes de que devemos combatê-los a partir do lado da consciência, no sentido da relação que a consciência tem com o plano físico. Abre-se aqui um campo terapêutico cuja característica é verificar se determinadas irregularidades se relacionam com os processos que podemos denominar físico-químicos. Diante dessa premissa, é favorável interferir, mediante impressões exteriores, pela regulação adequada destas, visto que elas produzem esses processos físico-químicos. Referimo-nos menos às impressões anímico-espirituais e mais, principalmente, ao que podemos provocar por meio de uma regulação do processo respiratório e pelo controle dos processos de interação do organismo interior com o mundo exterior através da pele.

Mas também podemos comprovar por outro lado os processos orgânicos mais sutis no sangue, devendo estar cientes de que nisso temos de reconhecer, por assim dizer, o terceiro grau de refinamento de nossos alimentos previamente elaborados. Se no organismo sangüíneo os processos sutis de formação salina, do entumescimento do calor podem ser provocados por processos exteriores, ou seja, podem ser determinados de fora em seu processo químico, podemos perguntar, por outro lado, o que determina os processos sangüíneos a partir de dentro. Temos de distinguir entre a função do sangue e o fato de este dever ser nutrido como qualquer outro órgão. Por outro lado, devemos reconhecê-lo também como o órgão que se encontra no mais elevado grau da atividade orgânica. Cumpre aqui considerarmos o que se pode desiguar como apoio interior da vida humana. O sangue deve ser protegido principalmente da atuação direta do mundo exterior exercida pelas substâncias alimentares, do contrário sua atividade como instrumento de nosso pensar é impedida, sendo perturbado o processo que acima caracterizamos como

processo de deposição salina. Essa proteção precisa partir do próprio sangue. Ele deve estar em condições de, por assim dizer, erigir um sistema ósseo espiritual por meio dos processos de deposição salina que se repetem diariamente. Essa é uma tarefa que distingue o sangue de outros órgãos. Para sua realização, ele recebe um apoio mínimo dos demais órgãos do organismo humano. Os outros órgãos têm uma influência mínima nesse processo de formação salina do sangue, de modo que este, quanto aos processos determinados pelo pensar, é o que há de mais interiorizado, tal como nossos pensamentos são, de fato, o que temos de mais interior. Com nossos sentimentos situamo-nos no limite entre o exterior e o interior. Quanto a seus impulsos volitivos, o homem flui com tal intensidade para fora que, em certas circunstâncias, nem mesmo se reconhece. Em seu pensar o homem sempre se reconhecerá, mas não em seus impulsos volitivos. Os Senhores podem perceber que, pelo fato de se discutir tanto a respeito da liberdade ou da falta de liberdade da vontade humana, não está tão claro o modo como surgem os impulsos volitivos. É em nosso pensar, portanto, que temos o aspecto mais interiorizado daquilo que o sangue, como instrumento do eu, deve realizar. Como o processo da deposição salina é o mais interiorizado e o que necessita maior proteção, em caso de irregularidades ou anormalidades do sangue será também esta atividade sangüínea a que mais sofrerá. Ao percebermos que o sangue está incapacitado a ponto de não mais evidenciar sua atividade nessa direção, devemos estar cientes de que deve ser estimulado a ter uma atividade rítmica, caso sua vida própria haja caído abaixo de um determinado limite.

Mas também pode ocorrer outro caso, em que a mobilidade interior do sangue ultrapasse uma certa medida, tornando-se essa vida própria mais tormentosa. Essa situação é mais importante, pois é mais freqüente nos casos de adoecimento. Raramente vemos o contrário. Em geral, a atividade dos órgãos internos é estimulada exageradamente, atuando da mesma forma sobre o sangue. Quando o sangue tende a desenvolver uma atuação exagerada em direção à atividade volitiva, temos de combater terapêuticamente esse ímpeto. Podemos fazer isso administrando substâncias que levem à formação salina normal, ao depósito salino normal no sentido de processos anímicos ligados aos pensamentos. Isso nos leva a reconhecer que podemos introduzir um determinado sistema na maneira de agir contra essas irregularidades do nosso organismo. Naturalmente podemos apenas apontar isso; indicações mais precisas ultrapassariam os limites deste ciclo de conferências.

Assim como tivemos de atribuir doenças a uma atividade exagerada do sistema sangüíneo, cumpre também perguntarmo-nos como compreender os órgãos do nosso mundo astral interior, do nosso sistema cósmico interior – baço, fígado, bile e assim por diante –, estando eles em atividade exagerada quanto à sua mobilidade interna. Aí temos de ter consciente que a ação desses órgãos se estende à circulação sangüínea, sendo que eles devem receber as substâncias alimentares tal como estas lhes são passadas pelo tubo digestivo e conduzi-las, com sua mobilidade já alterada, até o sangue – ou seja, que eles são os mediadores entre esses dois sistemas. Assim como o sistema sangüíneo se apresenta como um instrumento da maior mobilidade interior, da vida de pensamentos conscientes, ele também é estimulado a exercer uma atividade relacionada com nossa vida de sentimentos, que já descrevemos como um processo de condensação interior, de entumescimento interior. Desconsiderando influências exteriores, aqui o sangue recebe o estímulo da atividade dos sistemas Cósmicos interiores, que podem irradiar, cada um segundo sua característica, suas atuações para o sangue. Já apontamos, no sangue, uma atividade que ultrapassa sua vida própria e cuja origem pertence ao sistema cósmico interior. Agora podemos levantar a seguinte questão: esses órgãos – fígado, bile, rins, pulmões, coração – não podem também desenvolver uma mobilidade exagerada, uma vida

transbordante e, conseqüentemente, uma influência irregular sobre o sangue? E se o fazem, como podemos, de modo semelhante ao que acontece com o sangue, paralisar a dinâmica exagerada desses órgãos? Como esses órgãos estão numa relação direta com o sistema astral cósmico, temos de administrar substâncias que desenvolvam a dinâmica da vida cósmica. Assim como podemos evitar a mobilidade interior exagerada do sangue com a administração de substâncias que contenham sal, podemos atenuar a mobilidade patológica dos órgãos internos administrando substâncias cuja energia corresponda à dos órgãos em questão, sendo apropriadas para restabelecer a harmonia com a normalidade geral.

Surge então a pergunta: como podemos agir sobre esses órgãos? Como podemos entender as irregularidades dos diferentes sistemas orgânicos e também o sistema digestivo? E com isso vem a questão principal: como se nos apresenta um quadro patológico no sentido da fisiologia oculta, e como podemos curar as manifestações das doenças? Amanhã responderemos essas questões e consideraremos também, por exemplo, o sistema muscular. Finalizaremos nossas observações mostrando como aquilo que se nos apresenta como um maravilhoso organismo inteiramente formado já se anuncia como organismo em formação na vida embrionária. Então se nos evidenciará espontaneamente como os membros supra-sensíveis participam da organização humana.

*28 de março de 1911*

## Forma humana e integração de forças

Será minha tarefa hoje, nesta última conferência, fazer um apanhando geral das observações feitas nos últimos dias sobre a fisiologia oculta, as quais tentaram mostrar, embora um tanto esquematicamente, algo dos processos da organização humana. Esse panorama geral, que por sua vez também será apenas esquemático, nos dará condições de termos uma visão da vida e do fluxo dinâmicos do organismo humano. O mais conveniente será partirmos novamente do mais grosseiro, da inter-relação do organismo humano com o mundo exterior, com nossa Terra física, na ingestão dos alimentos.

Depois de ingeridos, os alimentos são transformados das mais diferentes maneiras e modificados gradativamente pelas diversas atuações orgânicas, de modo a poderem ser levados aos diferentes membros do organismo humano, a cada sistema da entidade física humana. Não é difícil reconhecer que o homem, tal como se nos apresenta no mundo físico, é constituído basicamente daquilo em que se transformaram os alimentos no organismo humano. Encontramos aqui uma certa dificuldade de compreensão. Contudo, se levarmos a sério os princípios observados até agora e aplicarmos realmente o conhecimento supra-sensível à observação do homem, teremos de admitir que apenas os alimentos são incorporados, como substâncias do mundo exterior, ao organismo humano. Devemos, no fundo, imaginar todas as outras forças que influenciam o homem como forças supra-sensíveis, invisíveis. Se por um momento os Senhores abstraírem do que preenche o organismo humano a partir das substâncias alimentares, sobrar-lhes-á, do ponto de vista físico – desculpem-me a expressão trivial –, muito menos do que um saco vazio, ou seja, nada. Pois também o que aparece como pele, como envoltório do organismo físico, só existe porque substâncias nutritivas elaboradas adequadamente foram conduzidas às regiões correspondentes. Se os Senhores subtraírem as substâncias nutritivas e o que delas resulta, deverão imaginar o organismo humano por trás disso apenas como um sistema de forças supra-sensível provocando a distribuição, em todas as direções, das substâncias

alimentares assimiladas. Tendo em vista este pensamento, tal como agora foi enunciado, terão de admitir o seguinte: para que qualquer coisa, por menor que seja, possa ser absorvida dos alimentos, existe uma condição prévia — pois essas substâncias não podem ser introduzidas do mundo exterior em qualquer ser para nele ocorrer o que ocorre no organismo humano. O homem precisa poder opor aos alimentos físicos, já na primeira ingestão dos mesmos, uma atuação interior de forças proveniente dos mundos supra-sensíveis, e nesse sistema interior de forças deve estar presente o próprio homem. Aquilo que inicialmente se apresenta às substâncias de preenchimento físico do homem, e que já deve ser concebido como de essência supra-sensível, denomina-se em sentido mais amplo, no ocultismo, ‘forma humana’. Enfocando o limite inferior da organização humana, devemos imaginar encontrando-se frente a frente a matéria física e a forma supra-sensível, a qual, como sistema de forças oriundo dos mundos supra-sensíveis, tem como função absorver a matéria<sup>36</sup> — não como um saco ou um fole, mas como algo supra-físico, supra-sensível — e estruturar aquilo que permite ao homem aparecer de modo físico-sensorial. Somente pelo fato de a substância nutritiva assimilada se incorporar nessa forma supra-sensível é que o organismo humano, normalmente possuindo essência puramente supra-sensível, torna-se um organismo físico-sensorial, possível de ser visto e apalpado. Denominamos ‘forma’ o que é apresentado à matéria física em função de uma lei que atua em toda a natureza, uma lei sempre igual, denominada em geral ‘princípio da forma’. Se observarmos o mundo exterior, notaremos que o princípio da forma atua mesmo no reino inferior, no cristal. As substâncias que penetram nele devem ser apreendidas pelo princípio da forma para se tornarem o que o cristal representa — ou seja, somente com o auxílio das substâncias o princípio da forma faz do cristal o que ele é. Tomem, por exemplo, o cloreto de sódio, o sal de cozinha, e terão ligadas entre si, como substâncias físicas, o cloro e o sódio — um gás e um metal. Os Senhores reconhecerão facilmente que essas duas substâncias, assim como se apresentam antes de serem apreendidas por uma entidade plasmadora, cujo resultado se apresenta numa combinação química que cristaliza em cubos, mostram, cada uma por si, formas completamente distintas. Antes de penetrar nesse princípio da forma, elas nada têm em comum; no entanto são apreendidas, sujeitadas por esse princípio da forma, que então estrutura o corpo físico ‘sal de cozinha’.

Assim, tudo o que aparece no organismo humano como substância alimentar transformada pressupõe a entidade supra-sensível mais baixa, a forma supra-sensível. Ora, se novas substâncias nutritivas devem penetrar no organismo humano, estando este, todavia, já delimitado externamente pela atuação do princípio da forma, sob condições normais elas devem ser introduzidas no trato digestivo pela boca. Já a partir da boca sofrem logo a primeira transformação, sendo que o trato digestivo ainda provoca transformações adicionais. Essas transformações complicadíssimas não poderiam ocorrer se no organismo humano não estivesse incorporado um princípio superior que denominamos ‘princípio da forma’, capaz de modificar as substâncias alimentares — as quais, de início, ao serem absorvidas, têm um comportamento neutro, indiferente —, de modo que elas tenham condições de formar órgãos vivos. Podemos imaginar essa transformação dos alimentos no canal digestivo humano analogamente à absorção das substâncias nutritivas do solo mineral pelas plantas, que as transformam de modo a se estruturarem de acordo com sua forma vegetal própria — embora no homem o processo seja bem diferente, por ocorrer em outro nível. No caso da planta, isso é possível apenas porque nela o fluxo alimentar é acolhido por um processo vital — ou, como dizemos no ocultismo, pelo corpo etérico, o primeiro princípio supra-sensível. Assim, também no homem os alimentos que penetram no organismo são elaborados pelo corpo etérico, isto é, o corpo etérico cuida de sua transformação, de sua incorporação nas regularidades

interiores do organismo humano. Temos de considerar, portanto, esse primeiro membro supra-sensível do homem, o corpo etérico, como o causador da primeira transformação das substâncias alimentares. Estando suficientemente transformados para serem recebidas pelo processo vital, estas devem continuar a ser elaboradas e adequadas ao organismo humano no sentido descrito nas conferências anteriores. Elas devem ser elaboradas de maneira que, aos poucos, possam servir aos órgãos do organismo humano que expressam os princípios supra-sensíveis mais elevados— o corpo astral e o eu. Em resumo, devemos estar cientes de que os princípios superiores — o corpo astral e o eu — precisam enviar a característica de sua atividade aos processos dos órgãos digestivos, necessitando atuar até nos alimentos transformados.

Então se contrapõem ao fluxo alimentar aqueles órgãos que já conhecemos e que denominamos os sete órgãos do sistema cósmico interior. Desenhemos mais uma vez, bem esquematicamente, o sistema cósmico interior do homem:

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526fd616e000000000  
00000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

Os alimentos são ingeridos e transformados das mais diferentes maneiras no tubo digestivo; depois se lhes opõem o fígado, a bile, o baço, o coração, os pulmões, os rins e assim por diante. Sabendo agora que esses órgãos são determinados, pelos respectivos sistemas de forças, a prosseguir na elaboração do fluxo alimentar, podemos perguntar o seguinte: que sentido tem o prosseguimento dessa transformação? Se a corrente alimentar fosse trabalhada apenas como ocorre no tubo digestivo, para poder servir à forma vital, o homem só poderia levar uma vida vegetal inconsciente, pois não teria chegado à formação de órgãos que pudessem ser instrumentos para suas faculdades superiores. Os sete órgãos, todavia, continuam transformando a corrente alimentar, e sabemos que esses processos são impedidos, pelo sistema nervoso simpático, de atingir a consciência humana. Por isso temos no sistema nervoso simpático, aliado aos sete órgãos, aquilo que se opõe à corrente alimentar.

Com isso já adentramos profundamente o interior do organismo humano, partindo do exterior. Mas o que se passa no interior como, digamos, a interação dos sete órgãos, é algo que não poderia ocorrer assim em qualquer outro lugar de nosso mundo terreno. Isso só ocorre pelo fato de esse interior estar totalmente isolado do mundo exterior, sendo que para essa atividade do interior as substâncias são preparadas pelo tubo digestivo. Com isso

já estamos, portanto, bem no interior do organismo humano.

Ora, estando tão interiorizados no organismo, cumpre constatar-mos o fato peculiar de que o organismo precisa organizar-se, diferenciar-se internamente. Para satisfazer às diferentes exigências que se aproximam dele, o organismo deve formar uma multiplicidade de órgãos interagentes. Para a variedade de funções interiores é necessária justamente essa multiplicidade de órgãos. O que eles devem atingir é o que veremos em seguida.

Supondo-se que apenas o fluxo alimentar fosse transformado pelos sete órgãos do sistema cósmico interior, o homem jamais poderia abrir sua entidade à consciência. Ele nem poderia ter a forma mais embotada de consciência, pois tudo o que aí se passa é encoberto, é desviado da consciência pelo sistema nervoso simpático. É preciso, portanto, existir uma ligação entre esses sistemas orgânicos interiores, construídos, por assim dizer, a partir do exterior, e o que ainda existe no interior do organismo humano. Essa conexão é efetivamente realizada pelo fato de, mediante tudo o que é produzido pela totalidade do processo digestivo, a forma global do organismo humano ser permeada pelo que, em sentido amplo, denominamos tecido conjuntivo. Uma determinada espécie de tecido, de organização muito simples, permeia cada parte da entidade humana, sendo capaz de modificar-se e estruturar-se de maneira tal que os mais diversos órgãos possam formar-se. Alguns tipos desse tecido, por exemplo, transformam-se de tal modo que, pela inclusão de células especiais, vão constituir os músculos; outros se transformam de modo a tornar-se sólidos, e ao assimilar as substâncias necessárias permitem a inclusão de células ósseas. Assim, em relação a cada órgão do organismo humano devemos lembrar o que lhe serve de base, ou seja, o tecido conjuntivo que permeia o corpo em todas as direções e do qual se formam os diversos órgãos. Esse tecido plasmável, porém, por mais que crescesse e formasse os órgãos mais diversos, representaria apenas algo vegetal; pois a essência da entidade vegetal é que os seres vegetais crescem, fazem brotar órgãos a partir de si mesmos e assim por diante. Porém naquilo que no homem transcende a condição vegetal se nos deve apresentar um elemento totalmente novo, que torne o homem capaz de acrescentar à vida vegetal o fator que irá elevá-lo acima dela. O homem tem de acrescentar a consciência — inicialmente a forma mais simples de consciência, a consciência embotada —, que lhe permite perceber a própria vida interior. Enquanto um ser não for capaz de vivenciar a própria vida interior, não conseguindo, por assim dizer, refletir-se internamente para vivenciar sua própria vida interior, não podemos dizer que se haja elevado acima da característica vegetal. Um ser somente transcende a característica vegetal quando não apenas tem vida dentro de si, mas também vivencia conscientemente essa vida, refletindo e vivenciando esses processos internos.

Como é que surge a vivência? Já elaboramos o conceito para isso. Nas conferências anteriores mostramos que a vivência se forma por meio de processos de secreção. Por isso devemos procurar nos processos de secreção a base da vivência interior, da vida consciente embotada que permeia os processos vitais internos. Devemos pressupor que a partir de todos os tecidos ocorram processos de secreção; de fato, esses processos de secreção já se nos apresentam à observação exterior do organismo humano quando vemos substâncias serem constantemente absorvidas de todas as partes do tecido pelos chamados vasos linfáticos, os quais, como uma espécie de sistema diferente, permeiam o organismo todo ao lado do sistema sanguíneo. Os processos secretores que intermedeiam a vivência interior embotada desembocam no sistema dos vasos linfáticos, partindo, por assim dizer, de todas as regiões do organismo humano. Se abstratamente pudéssemos subtrair todo o sistema sanguíneo e supor o tecido conjuntivo de um modo que este nada tivesse do caráter sanguíneo, deveríamos imaginar que no sistema sanguíneo se passam processos

mais elevados em relação aos processos do sistema linfático. Nestas secreções o homem sente seu próprio corpo físico, por assim dizer, com uma consciência animal embotada. E de maneira embotada que ele reflete sua organização. E assim como, de um lado, todas as ocorrências dos processos digestivo e nutritivo e dos sete órgãos que querem emergir são barradas da consciência pela ação do sistema nervoso simpático, por outro lado se forma, para o homem de hoje, uma consciência embotada pela reflexão da atividade do sistema nervoso simpático, pela ligação e interação com as correntes linfáticas, porém certamente ofuscada pela clara consciência de vigília. A consciência embotada é ofuscada pela clara consciência de vigília do eu tal como uma luz fraca é ofuscada por uma forte. Essa consciência embotada é, por assim dizer, o outro lado daquela consciência que se utiliza do sistema nervoso simpático como seu instrumento.

Se o homem tivesse desenvolvido seu organismo até à formação do tecido conjuntivo corpóreo e dos órgãos necessários à ocorrência dos processos digestivos internos e às secreções para os vasos linfáticos, teria apenas uma consciência embotada de sua vida interior. Porém ele não atingiria uma formação da consciência do eu; esta só lhe é possível adquirir quando ele não se vivencia apenas em seu interior, mas também se abre para fora. Aqui devemos registrar novamente um abrir-se para o exterior. Já mencionamos antes como o homem pode entrar diretamente em contato com o mundo exterior pela respiração. Podemos agora prosseguir dizendo que, observando o homem interior, nós só podemos chegar realmente até o sistema digestivo. Isso porque, à medida que prolongamentos dos órgãos do sistema cósmico interior se dirigem para o tubo digestivo, já devemos reconhecer nesse encontro do sistema cósmico interior com o tubo digestivo uma abertura para fora, pelo fato de o homem estar disposto, por assim dizer, a ingerir os alimentos do exterior. Ao entrar num estreito contato com os alimentos retirados do mundo que o cerca, ele deixa de ser apenas interior.

Uma outra abertura para o exterior foi reconhecida por nós no processo respiratório, tornando-se ainda mais acentuada nos órgãos que servem às funções anímicas.

Vemos, assim, como a vida consciente do homem se baseia, de um lado, numa vida interior embotada e, de outro, na capacidade de abrir-se ao mundo exterior, de relacionar-se com o mundo externo. Só assim o homem pode constituir uma entidade dotada de um eu. O homem pode desenvolver sua consciência do eu não apenas por perceber as resistências no próprio interior, nos processos de secreção, mas também por perceber as resistências que o mundo exterior lhe antepõe. É no fato de o homem poder abrir-se novamente ao exterior que está dada a condição para sua 'egoidade' física. Para isso, contudo, ele deve ter a possibilidade de estruturar o órgão dessa 'egoidade' dos mais diversos modos. E já vimos como de fato o órgão do eu, o sangue, se incorpora no organismo, e como a circulação sangüínea permeia todos os órgãos para constituir-se em instrumento para o eu. Assim como o eu permeia anímico-espiritualmente o homem todo, a circulação sangüínea permeia fisicamente todo o organismo humano. Ela se dirige, por assim dizer, a dois lados: à entidade interior do homem, com os sete órgãos e assim por diante, e então temos novamente uma abertura para fora, uma entrada em contato com o mundo exterior. Podemos falar, portanto, no mais elevado sentido da palavra, de uma circulação de forças situadas atrás das manifestações físicas e que têm um ponto de ligação através do eu.

Agora devemos ocupar-nos com cada fase dessa circulação. De início trata-se de acompanharmos uma vez mais o processo nutritivo, a ingestão dos alimentos, que pelo fato de serem apreendidos pelo corpo etérico, ou melhor, pela força do corpo etérico, tornam-se uma corrente viva no organismo humano. Depois se lhes opõe o sistema cósmico interior, os sete órgãos, a fim de que, como já vimos, o homem possa transcender a

existência vegetal. Num nível seguinte, superior, torna-se necessário que as funções desses sete órgãos se oponham ao fluxo digestivo. Assim sendo, o que se origina da verdadeira natureza astral do homem vai de encontro à corrente alimentar vivificada; esta vem de fora, e a natureza interior do homem age contra ela. Inicialmente a corrente alimentar, isto é, o mundo exterior assimilado, encontra o corpo etérico, que transforma as substâncias alimentares no sistema digestivo; depois ela se depara com o corpo astral do homem, que continua transformando os alimentos e os incorpora de modo que estes se adaptem cada vez mais à mobilidade interior do organismo. Em seu decurso subsequente, o fluxo alimentar também precisa ser apreendido pelas forças do eu, pelo próprio sangue. Isso significa que o instrumento do eu deve descer, com sua atuação, até o ponto onde a corrente alimentar é absorvida. Será que o sangue faz isso? Acaso podemos comprovar o que temos a dizer a partir da contemplação oculta?

Sim, o sangue é impelido para baixo, para os órgãos alimentares, assim como para todos os outros. Nos órgãos alimentares ele passa por um processo graças ao qual pode ser o instrumento integral do eu humano no mundo físico. Sabemos que o sangue, como instrumento do eu, deve sofrer a transformação de arterial para venoso. O eu atua através de seu instrumento, o sangue, até nos primórdios dos processos nutritivos e digestivos. Estamos novamente lidando com uma resistência. Como isso acontece? Isso ocorre à medida que o sangue penetra no fígado pelo sistema da veia porta, produzindo aí a bile a partir de sangue por assim dizer transformado, e a bile, por sua vez, se opõe diretamente à corrente alimentar. Aqui na bile temos uma ligação maravilhosa dos dois extremos da organização humana interior. De um lado a corrente alimentar, absorvida pelo tubo digestivo, representa o elemento material mais extremo que penetra em nosso organismo físico, e de outro está o eu, o que de mais nobre o homem pode ter no mundo terreno, com seu instrumento, o sangue. O eu estabelece uma ligação direta com a materialidade extrema quando, no final do processo sangüíneo, produz a bile, fazendo o desvio pelo fígado, sendo que na bile – no sangue transformado, modificado – o eu humano se opõe à corrente alimentar.

Aí vemos o eu agir para baixo, até o âmbito material mais grosseiro, e depois produzir, a partir de si mesmo, outra vez substâncias altamente organizadas como a bile. E quem quiser compreender esses processos íntimos que se passam entre o sangue, a bile e o processo alimentar poderá encontrar justamente nesses fatos algo que lhe fará parecer mais claros os inúmeros segredos do organismo humano; e se quiser continuar seguindo esses processos poderá, por exemplo, julgar e tratar mais adequadamente também processos anômalos, decorrentes de uma estase biliar, de um refluxo de bile para o sangue, como na assim chamada icterícia. Se ainda tratássemos desse assunto hoje, isso nos levaria muito longe.

Vemos assim como, de fato, os sete órgãos prolongam sua atividade descendentemente até a atuação do corpo etérico, e como recebem de cima as influências do eu. Temos, portanto, na bile algo que se opõe diretamente ao fluxo alimentar pela atuação do eu. Querendo atuar sobre a corrente alimentar que já se tornou algo vivo no processo digestivo, a bile precisa poder apresentar-se também como uma substância viva. Isso acontece por ser ela formada a partir de um órgão pertencente aos sete membros do sistema cósmico interior, os quais vivificam o interior do homem de um modo tal que é como vida interior que a bile encontra a vida oriunda de fora.

Assim como a bile está relacionada com o fígado, este, por sua vez, está em conexão com o baço. Ao focalizarmos esses órgãos – o fígado, a bile e o baço –, temos de constatar que eles se opõem diretamente ao fluxo alimentar e o transformam de tal modo que este se torna capaz de ascender a níveis mais elevados da organização humana. Porém

eles também precisam nutrir os órgãos que se abrem para fora como o coração, os pulmões, o próprio tubo digestivo e principalmente os órgãos da cabeça, os órgãos dos sentidos.

Já nos ficou claro, das exposições anteriores, que toda vivência interior está intimamente ligada a processos de secreção. Por isso também observamos esses processos de secreção de forma especial. O fígado, a bile e o baço não têm, no sentido daqueles processos na organização global, uma relação direta com os processos de secreção; embora secretem substâncias, isto nada tem a ver com a alimentação. Eles promovem a vida ascendente, dirigida das formas vitais mais baixas ao órgão da consciência, à própria consciência. Mas como a esses órgãos se junta, como quarto órgão, o coração, e este se abre para fora através da circulação sanguínea, o homem adquire sua consciência do eu. Contudo ele não estaria em condições de vivenciar esse eu como aquilo que defronta o mundo exterior caso não pudesse relacionar esse eu que olha para fora com o que ele já possui como consciência embotada de sua vida corpórea interior. É preciso juntar, aos processos de secreção do organismo interior, um outro processo que também lhe transmita uma vivência de seu interior com o eu, que tem seu instrumento no sangue.

Inicialmente o homem vivencia, por meio da secreção da linfa, sua vida interior apenas com uma consciência embotada. Mas depois também deve haver uma secreção do sangue, e nessa secreção o homem se percebe como uma entidade própria frente ao mundo exterior, como um eu interior. Todavia o homem se apresentaria de tal modo, em sua vivência do mundo exterior, que se perderia interiormente a si próprio caso não soubesse que quem respira o ar e ingere os alimentos do exterior é o mesmo ser que ele vivencia no interior. O fato de o homem não se perder, de se defrontar com o mundo exterior com sua própria entidade só é possível porque ele elimina pelos pulmões o gás carbônico do sangue transformado e elimina pelos rins as substâncias transformadas provenientes do sangue.

Assim caracterizamos, de acordo com suas funções, tanto os órgãos que intermedeiam um processo ascendente – fígado, bile, baço – como também os órgãos que intermedeiam um processo descendente – rins e pulmões. Não podemos esquematizar – isso não é possível em observações teosóficas –, mas temos de constatar que os pulmões, ao abrir-se para fora, também possibilitam um processo ascendente. Vemos, portanto, como esses sete membros mais importantes do sistema cósmico interior humano se relacionam com a vivência interior do homem e com o abrir-se para fora. Esses sete membros transformam, por um lado, a mobilidade própria das substâncias alimentares em mobilidade interior do organismo humano e o nutrem com as substâncias transformadas, possibilitando ao homem abrir-se novamente para o exterior; mas também possibilitam que aquilo que o homem desenvolve como mobilidade interior muito acentuada seja eliminado pelos processos de secreção dos pulmões e dos rins. Na função pulmonar e renal temos, portanto, uma regularização contínua da mobilidade dos sistemas orgânicos humanos. Toda essa inter-relação em que se encontram os sistemas orgânicos do homem expressa-se de tal modo que, de fato, não poderia haver uma imagem melhor no ocultismo do que a seguinte: o coração, tal como o Sol, está situado no centro e influencia os três órgãos do sistema cósmico interior que cuidam dos processos ascendentes – o fígado, a bile e o baço. Assim como no macrocosmo, no sistema planetário, o Sol está em relação com os planetas exteriores Saturno, Júpiter e Marte, também no microcosmo, no organismo humano, o sol interior, o coração, está em relação com Saturno-baço, Júpiter-fígado e Marte-bile. Eu teria de falar-lhes durante meses, e não apenas semanas, se quisesse expor-lhes todas as razões porque, diante de uma observação oculta exata e íntima, a relação do Sol com os planetas exteriores do nosso sistema planetário realmente

pode ser colocada em paralelo, à relação que no organismo humano o coração tem com o sistema cósmico interior – com o fígado, a bile e o baço. De fato, a relação que ocorre no grande mundo macrocósmico, em nosso sistema solar, reflete-se na atuação recíproca desses órgãos, que a incorporaram perfeitamente. Do mesmo modo, é lícito dizer que os processos que se passam entre o Sol e os planetas interiores até chegar à Terra se refletem na relação existente entre o coração e os pulmões e o coração e os rins. Temos, pois, no sistema cósmico interior do homem algo que reflete o sistema cósmico exterior.

No decorrer destas conferências já apontamos também o fato de que, ao submergirmos de maneira clarividente no próprio interior, nós deixamos de perceber nossos órgãos internos apenas do modo como eles se apresentam à visão exterior do olho físico. Precisamos transcender a imagem fantasiosa que a anatomia exterior faz de nossos órgãos elevando-nos à observação da estrutura *real* desses órgãos, considerando que eles são sistemas de forças. A anatomia exterior não pode investigar a verdadeira natureza desses órgãos, pois vê apenas as substâncias alimentai'es transformadas introduzidas neles. E é justamente por aceitar somente este ponto de vista que a ciência acadêmica não pode reconhecer os sistemas de forças que fundamentam os órgãos. Mas quem estiver em condições de observar, pela clarividência, o que fundamenta esses órgãos como sistemas de forças perceberá que é válido denominar esses órgãos com os nomes dos planetas, pois reconhecerá que a relação entre os planetas do nosso sistema cósmico exterior se repete em nosso sistema orgânico interior.

Ontem já dissemos que os órgãos podem desenvolver uma mobilidade interior exagerada. Cada um deles pode desenvolver uma mobilidade exagerada, e essa irregularidade pode expressar-se de maneira a atuar no organismo todo. Ontem apontei também o seguinte fato: quando uma mobilidade interior exagerada faz surgir algo como uma vida própria nos órgãos internos, é necessário opor-lhes algo que atenua essas mobilidades interiores. Isso significa que, quando os órgãos internos transformam, modificam exageradamente as mobilidades externas das substâncias alimentares, entregando um produto muito forte da transformação interior, então devemos opor-lhes algo de fora capaz de limitá-los, de atenuar a mobilidade interior exagerada.

Como se dá isso? Se quisermos atingir um órgão do sistema interior que esteja desenvolvendo uma atividade interior exagerada, teremos de procurar no mundo exterior algo com atividade oposta, para assim combater a atividade excessiva do órgão. Isso significa que devemos tentar encontrar as atividades exteriores correspondentes às atividades de cada órgão. Na Idade Média os homens ainda sabiam como as substâncias do mundo ambiente, ou seja, as substâncias exteriores, podiam combater a atividade exagerada dos órgãos. Para o homem de hoje, que toma conhecimento desses fatos apenas através de escritos medievais deturpados, onde ele nada consegue ver senão uma colorida superstição, isso soa muito estranho. No entanto, a relação dos órgãos do sistema cósmico interior com determinadas substâncias exteriores foi estudada cuidadosamente, de modo profundo e meticoloso, pela ciência oculta, durante milênios. Inúmeras observações realizadas com o olhar clarividente constataram que, por exemplo, a atuação excessiva do Júpiter interior – o fígado – pode ser detida pela substância metálica do estanho. Combatemos a atividade interior excessiva da bile com o que se expressa na substância metálica do ferro. Isso não deve causar estranheza, visto que o ferro é o único metal que precisamos ter no sangue como parte integrante essencial para o instrumento do eu, e também vimos que a bile é justamente o órgão que estabelece a ligação entre o eu e a materialidade mais densa incorporada ao homem, o fluxo alimentar. Do mesmo modo, podemos dizer que o baço tem sua correspondência exterior no chumbo. Ao coração-Sol corresponde o ouro. Aos pulmões-Mercúrio, o próprio nome já o diz, corresponde o metal

mercúrio, e o metal cobre corresponde aos rins, ou seja, a Vênus. [É escrito na lousa:]

Saturno	Baço	Chumbo
Júpiter	Fígado	Estanho
Marte	Bile	Ferro
Sol	Coração	Ouro
Mercúrio	Pulmões	Mercúrio
Vênus	Rins	Cobre

Se quisermos combater as atividades exageradas do organismo interior com as atividades encontradas nos metais, deveremos ter bem presente que tddo no organismo está mais ou menos inter-relacionado, e que os diferentes sistemas orgânicos são formados paralelamente. Não acontece de o homem surgir primeiro como um ser acéfalo; naturalmente os órgãos relacionados com a circulação sanguínea superior – o cérebro e o sistema da medula espinhal – formam-se ao mesmo tempo em que os órgãos do sistema cosmlco interior.

Tal como vimos a existência de uma circulação sanguínea dirigida para cima e outra para baixo, temos também uma atuação ascendente do sistema linfático, ao qual conferimos uma consciência embotada, em direção às partes superiores do organismo humano. Existe agora o seguinte fato: ao que está incorporado à corrente sanguínea superior corresponde, de certo modo, o que está incorporado à corrente sanguínea inferior, e podemos ver que os metais acima citados também têm um parentesco com o sistema orgânico superior do homem. Os Senhores sabem que o pulmão, abrindo-se para o exterior pela laringe, é um órgão do organismo humano superior. Assim como vemos no sistema orgânico inferior uma correspondência entre a bile e o ferro, podemos relacionar o ferro, no sistema orgânico superior, com a laringe. Isso é bastante complicado, mas ainda quero apontar algo nessa direção. Assim como notamos uma correspondência entre a bile e a laringe em relação ao ferro, também existe, em relação ao estanho-Júpiter, uma certa correspondência entre a parte superior de nossa cabeça, incluindo a região frontal e a formação cerebral, com o fígado; e em relação ao chumbo-Saturno, existe uma correspondência entre a parte posterior da cabeça e o baço.

Desse modo pudemos estender nossas considerações a tudo o que está incorporado à circulação sanguínea humana através dos sete membros do sistema cósmico interior, e como este está relacionado com o mundo exterior. Podemos observar essas relações tanto no caso da vida normal como da anormal. Nessa correspondência entre os metais e os órgãos internos há um fato interessantíssimo. E se as múltiplas informações contidas em nossos livros terapêuticos fossem estudadas e ordenadas de modo sistemático, e não caótico, essas correspondências surgiriam espontaneamente a partir dos fatos exteriores. E se hoje essas menções são vistas como imagens fantasiosas, o ocultista pode permanecer tranquilo, pois sabe que virá o tempo em que os fatos exteriores comprovarão suas afirmações.

Não devemos pensar, todavia, que deveríamos administrar sem mais nem menos, por exemplo, cobre comum no caso de uma patologia renal; isso naturalmente seria errôneo. Querendo administrar substâncias metálicas ao organismo, devemos aquecê-los para que passem a uma espécie de vapor metálico.<sup>37</sup> Nesse processo se desenvolve algo como corpúsculos gaseiformes, e sob essa forma a metalicidade pode atuar sobre os órgãos internos. Considerando agora o sistema sanguíneo, os metais não ajudariam em caso de adocimento. Já apontamos o fato de que no sistema sanguíneo se passa uma espécie de deposição salina. E assim como o elemento metálico age sobre os órgãos internos, o

elemento salino age sobre o sistema sangüíneo. Se quisermos influenciar o sistema sangüíneo por meios externos, devemos administrar-lhe o elemento salino. Isso pode ocorrer por meio da inspiração de ar rico em sal, de banhos de sal ou outros métodos análogos. Mas também podemos administrar sais ou substâncias geradoras de sal a partir do outro lado, do processo digestivo. De modo que temos a possibilidade de provocar o processo de formação de sal, de incorporação de sal, a partir de dois lados.

Se os Senhores se lembrarem do que eu expus ontem sobre os efeitos físicos dos processos anímico-espirituais interiores, também poderão imaginar facilmente que tudo o que se opõe a esses processos de atuação no elemento metálico é o efeito físico dos processos emocionais. Estes estão numa íntima relação com os processos de tumefação no sangue, que todavia podem ser contidos pela administração de substâncias metálicas exteriores, as quais apresentam a atividade oposta. Quando, por exemplo, a atividade digestiva é exagerada, desenvolvendo uma atividade própria em que a corrente alimentar é captada pelo corpo etérico, podemos atuar contra ela pela administração do sal correspondente. Se o corpo etérico exagera esse processo de captação do fluxo alimentar, isso significa uma absorção excessiva de sal. Aquele dever ser atenuado pela administração da atividade exterior de um sal.

Temos, a seguir, processos que se passam exteriormente, como processos de combustão ou de oxidação; são processos em que algo se combina com o oxigênio do ar. As substâncias que se combinam facilmente com o oxigênio do ar, quando absorvidas pelo organismo, irradiam-no mais profundamente com sua atividade. Enquanto os sais, quando administrados ao organismo, só atuam sobre ele moderadamente, os metais atingem até o sistema cósmico interior. No ar, ou seja, nas substâncias que se combinam facilmente com o oxigênio do ar, temos algo que, quando absorvido pelo corpo, irradia pelo organismo todo, atingindo até o sistema sangüíneo. Podemos, assim, compreender como esses processos que geram uma atividade interior exagerada na produção de calor, que é a expressão exterior do impulso volitivo, influenciam nosso organismo global. Isso não acontece com as retroações orgânicas do elemento do pensar; dirigindo nossa atenção a elas, podemos sentir que esses efeitos só podem desenrolar-se em determinados órgãos. A partir dessas observações, os Senhores podem concluir quão complicado é o aparato do organismo humano e quão complicado é seu relacionamento com o mundo exterior.

Mostramos agora como podemos opor ao organismo humano, com suas atividades interiores próprias, a natureza exterior, inorgânica, sem vida, e como podemos atuar no organismo por meio de sais e do elemento metálico volatilizado. Mas também temos a possibilidade de atuar no homem a partir de outros âmbitos da natureza. Podemos, do mesmo modo, opor ao organismo humano as forças ativas existentes no mundo vegetal. Se ingeríssemos um medicamento vegetal simplesmente como alimento, não alcançaríamos muito – pois, como já vimos, os órgãos internos cuidam de tirar das substâncias ingeridas sua atividade própria. Portanto, se uma planta deve ser absorvida pelo organismo humano de modo que continue agindo com sua qualidade vegetal, isso não ocorre quando a ingerimos como alimento. Esse elemento vegetal não pode atuar sobre o eu, pois a planta tem como membro mais elevado apenas um corpo etérico. A essência da planta é simplesmente absorvida onde a corrente alimentar é captada pelo corpo etérico, de modo que ela ainda não pode ser considerada um medicamento no tubo digestivo, mas apenas naqueles órgãos em que já atua, ao lado do corpo etérico, também o corpo astral do homem. Por essa razão, o elemento vegetal passa a atuar apenas sobre o sistema cósmico interior, sobre o sistema nervoso simpático e sobre o sistema linfático. O elemento vegetal não se estende até onde o homem novamente se abre ao mundo exterior através do sangue. A planta está relacionada com a parte média do organismo humano; sendo assim,

tudo o que pode ser procurado como atividade vegetal só pode atuar sobre algo pertencente ao sistema cósmico interior e aos órgãos correspondentes da cabeça e da parte superior do organismo. Quando as atividades, as funções desses órgãos estão perturbadas, quando apresentam anormalidades, então devemos considerar o efeito da atividade vegetal para combatê-las.

Já falamos dos efeitos dos metais, dos sais e das plantas. Neste momento de nossas considerações, não é oportuno aprofundar-nos em outras maneiras de combater as irregularidades ou 'distúrbios do organismo humano – não só devido à escassez de tempo, mas principalmente porque os teósofos [O emprego das palavras 'teósofo' e Teosofia' se deve aqui ao fato de, na ocasião, Steiner ainda estar ligado à Sociedade Teosófica, da qual só se desvinculou dois anos mais tarde, para fundar a Sociedade Antroposófica. (N.E.)] devem manter-se afastados de todos os assuntos que constituem motivo de discórdia partidária. O que foi considerado até agora não pertence à disputa entre grupos antagônicos. Pode-se simplesmente tomar conhecimento disso e mais tarde reconhecer sua veracidade; ou então as pessoas o consideram puro absurdo, mera fantasia. Não faz mal. Porque então, como teósofos, deveríamos calar de vez se não quiséssemos falar sobre coisas tidas como tolice pelas pessoas em geral. Porém se fôssemos estudar a atuação de substâncias animais no organismo humano entraríamos logo na disputa partidária, e então poderia surgir a opinião de que a Teosofia quer intrometer-se nessa disputa que se desenrola entre os defensores e os oponentes dos métodos terapêuticos no âmbito do elemento animal. Jamais deve ser tarefa do teósofo imiscuir-se nessas brigas fanáticas, pois senão correríamos o risco de deixar o ponto de vista objetivo, genericamente humano.

Uma coisa, porém, nós vimos, embora as indicações tenham sido todas esquemáticas: que esse organismo humano é um sistema complicado de órgãos isolados, os quais se encontram em diferentes níveis de desenvolvimento e estão relacionados entre si e como organismo global das mais diversas maneiras. O que, como organismo físico do homem, é visível aos olhos, palpável às mãos, é apenas uma parte da organização humana; mas não podemos perceber sensorialmente, da mesma maneira, a parte supra-sensível que aí atua; esta somente se manifesta à contemplação espiritual do clarividente. Não podemos dizer, contudo, que todos os órgãos se formaram de maneira uniforme, mas ficou claro que devemos considerar o organismo humano de modo a nele reconhecermos elementos mais antigos e elementos mais novos. Já salientamos que, por exemplo, devemos ver o cérebro como um órgão mais antigo, mais evoluído que e a medula espinhal, e que antigamente o cérebro, por assim dizer, esteve no nível da medula espinhal. De maneira análoga, podemos observar o sistema digestivo e o sistema sangüíneo em relação ao sistema linfático. Aqui temos de colocar analogamente o sistema linfático no nível da medula espinhal: ele é mais novo, enquanto os sistemas digestivo e sangüíneo, mais complicados e bastante transformados, são mais velhos; ele não pode abrir-se para o exterior, mas apenas secreta sua produção de substâncias para dentro, para os tecidos. Este é um ponto de vista muito importante. Devemos focalizar o sistema linfático atual como algo que, se não estivesse incorporado aos outros sistemas, numa evolução progressiva se transformaria num sistema digestivo e num sistema sangüíneo.

No sistema linfático temos um sistema mediador mais simples para a consciência; e o que é mais complicado se encontra no sistema digestivo-sangüíneo. Temos portanto de procurar, no organismo humano, órgãos originários de sistemas orgânicos que antigamente tinham outras funções. As comunicações que fizemos aqui a esse respeito também seriam facilmente comprovadas pela ciência exterior, caso os cientistas se familiarizassem com elas. Tudo o que foi dito sobre a transformação dos órgãos pode ser comprovado por pesquisas embriológicas.<sup>38</sup> Em qualquer ser vivo, aquilo que aparece posteriormente, no

decorrer da evolução, já preexiste na disposição embrionária. Se retrocedêssemos do organismo humano desenvolvido até o germe fecundado, poderíamos encontrar, por meio de métodos adequados, os sistemas orgânicos já esboçados em suas primeiríssimas disposições, e de tal maneira que mesmo nesses primórdios já mostram seu relacionamento recíproco.

Se os Senhores observarem o que se nos apresenta como envoltório exterior, como limite do homem em sua pele, e depois o que nos conduz aos órgãos dos sentidos acomodados nela, poderão afirmar que tudo o que existe nesse limite exterior do homem já deve ter sido transformado a partir de alguma outra coisa. Pois trata-se de um sistema muito complicado, ao qual também pertence um cérebro; e é impossível imaginar um cérebro sem um longo preparo. Devemos imaginar, portanto, que o envoltório exterior do homem seja um produto de transformação, semelhante à consideração que fizemos sobre o cérebro como uma medula espinhal transformada, e o sistema digestivo-sangüíneo como um produto de transformação do sistema linfático. Enquanto a medula espinhal e o sistema linfático mostravam, em níveis anteriores, uma tendência ascendente, devemos afirmar dos atuais sistemas medular e linfático que eles se encontram em desenvolvimento descendente. Seria possível mostrar também que o sangue, em sua atual configuração, é um produto de dupla transformação.<sup>39</sup> Pelo fato de se abrir para o exterior, o sistema digestivo-sangüíneo se torna um sistema linfático transformado. Se o sistema digestivo, com seus movimentos, se tivesse desenvolvido apenas para dentro, estaria totalmente fechado no interior e teria uma atividade semelhante à da atual atividade linfática. Esta absorve apenas o que é transportado pelos tecidos.

Devemos considerar, de um lado, no limite exterior do homem, no sistema da pele, algo que se transformou a partir de um outro sistema, o sistema sangüíneo, que quero desenhar aqui deste modo:

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b0200000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
000000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

— e também no sistema digestivo podemos ver a transformação a partir de um outro sistema, que hoje está em desenvolvimento descendente. Agora precisamos constatar se já é possível encontrar a disposição para essa natureza ascendente e descendente dos sistemas orgânicos no germe embrionário. De fato, encontramos o organismo global esboçado no germe embrionário — quero desenhá-lo esquematicamente — nos quatro folículos germinativos superpostos, denominados folículo germinativo exterior ou

ectoderma, folículo germinativo interior ou endoderma e os folículos intermediários interior e exterior ou mesoderma.

Devemos ver, no sentido de nossa concepção evolutiva, o folículo germinativo exterior – o ectoderma, denominado pela anatomia moderna como folículo dérmico-sensorial – como um produto de transformação que mostra seus primórdios no folículo intermediário exterior ou mesoderma exterior. Neste podemos

0100090000037800000002001c00000000000400000003010800050000000b020000000005  
0000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102  
022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c00c020000040000002d  
01000004000000020101001c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d657  
3204e657720526f6d616e0040000002d0101000500000  
00902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d010  
0000300000000000

distinguir, como broto germinativo, o que numa escala superior se nos apresenta no folículo dérmico-sensorial. E no folículo intermediário interior, o mesoderma interior, temos diante de nós a formação mais recente, que se mostra posteriormente no endoderma, no folículo intestinal-glandular.

Quando observamos o embrião humano em sua evolução, temos esboçada a primeira disposição do homem nos dois folículos germinativos intermediários, nos mesodermas; os dois outros folículos, o ectoderma e o endoderma, já estão transformados. Os dois folículos intermediários são os que representam o estado original, enquanto o ectoderma e o endoderma nos mostram a evolução superior.

Sabemos que o germe embrionário do homem conflui de duas disposições, a masculina e a feminina, e que uma neoformação só pode surgir pela interação viva dessas duas tendências. É necessário que nas duas disposições embrionárias estejam contidos separadamente todos os processos que, unidos, formam o embrião do organismo humano.

O que o ocultismo nos mostra sobre as relações que imperam aqui? Ele nos mostra que, nas condições físicas atuais, o germe feminino [endoderma] só é capaz de produzir uma disposição corpórea humana que, caso fosse evoluir isoladamente, não conseguiria desenvolver o que denominamos o princípio da forma, o qual leva finalmente à formação do sistema ósseo, que confere ao homem sua solidez. Tampouco o sistema dérmico-sensorial poderia ser fornecido pelo germe feminino. Este é de natureza a nos permitir afirmar que o que se originaria então seria demasiado bom para o mundo, nas condições em que este se encontra hoje; não existem, no mundo físico exterior, todos os processos necessários a um organismo assim. Esse organismo humano feminino não poderia

progredir, por assim dizer, até aquela ‘terrenização’ que se expressa no sistema ósseo incorporado, e nem teria a possibilidade de ligar-se ao mundo exterior por meio dos sentidos. Ele teria de encontrar um apoio nas condições externas para compensar sua matéria interior mais mole, existente nele em lugar da estrutura óssea sólida. Ele tampouco poderia abrir-se para o exterior, e sim se manteria fechado em sua vida interior. Eis o que representa a parte feminina do embrião; ela ultrapassaria a meta do que hoje é possível em nossa existência terrena, simplesmente porque nas situações físicas atuais da Terra não existem as condições que um organismo tão sutil, com tão pouca tendência à solidificação e à abertura ao exterior, necessitaria. Um organismo desses estaria condenado de antemão à morte nas condições terrenas atuais. Assim, a causa para o fato de o homem ser determinado a morrer já está, realmente, impregnada no embrião humano, justamente por sua tendência a poder ir além do previsto em seu desenvolvimento.

A outra parte da disposição embrionária humana, a masculina [ectoderma], está em posição exatamente oposta. Se o germe masculino fosse desenvolver-se sozinho, isso levaria ao desenvolvimento exagerado daquilo que se manifesta na abertura para o exterior pelo sistema dérmico-sensorial, e do que leva ao endurecimento do sistema ósseo, ou seja, excederia os limites do outro lado. Uma unilateralidade desse tipo daria origem a um embrião tão pouco viável quanto o do germe feminino, pois o organismo desenvolvido pela disposição germinativa masculina ostentaria forças tão exageradas que ele mesmo se destruiria e sucumbiria sob as condições que existem atualmente no mundo; ou seja, ele não poderia subsistir como organismo nas condições atuais da Terra. O germe masculino só pode ter uma expressão viável quando interage com o germe feminino. Somente pelo fato de as duas disposições germinativas se compensarem, e aquilo que está destinado à morte no germe feminino se equilibrar com o germe masculino pelo processo da fecundação, é que se torna possível a disposição global viva do homem. Se as forças comprimidas no germe masculino fossem crescer isoladamente, isso levaria tudo infinitamente abaixo do elemento terreno, conduziria a um endurecimento muito maior do sistema ósseo, a uma abertura e uma entrega muito maior ao mundo exterior. É necessário que os dois germes orgânicos já se encontrem para um ulterior desenvolvimento em sua origem primordial, visto que cada um deles, isoladamente, está fadado a morrer. Somente a interação viva daquilo que, para os dois lados, evita a supremacia de um sobre o outro, resulta no embrião viável para a existência terrena do ser humano.

Vemos assim, mesmo só tendo sido possível mostrá-lo de modo esquemático, que podemos seguir retroativamente os fatos espirituais até onde o homem gera um ser semelhante a si mesmo. Naturalmente poderíamos detalhar isso muito melhor, mas num ciclo curto de conferências não é possível dizer tudo. Se ainda nos aprofundássemos mais, veríamos a constatação de que também os dados mais minuciosos se fundamentam em fatos espirituais, até chegarmos ao que foi dito aqui sobre os sistemas de forças supra-sensíveis que encontram sua expressão exterior nos sistemas orgânicos desenvolvidos pelo homem para que sua espécie possa viver na Terra.

Vimos que a Terra produziu em nós o sistema ósseo como resultado do mais denso ‘processo de terrenização’, e como algo menos denso, mais ativo, o sistema sanguíneo. E queremos ainda acrescentar que tudo o que ocorre no organismo humano terreno-físico emerge até os processos ocorrentes no sangue — são os processos de aquecimento. Devemos considerar esses processos de aquecimento do sangue como a expressão direta do eu, sendo dessa forma o nível mais elevado, abaixo do qual se passam os outros processos do organismo humano. O processo de aquecimento é, portanto, o que há de mais elevado, e nossa atividade do eu e da alma o influencia diretamente. Por isso

também sentimos nossa atividade do eu e da alma como uma transformação que gera um aquecimento interior, podendo ir até o aquecimento do sangue. Vemos, portanto, como o elemento espiritual-anímico interfere no elemento orgânico, fisiológico, de cima para baixo, através do processo de aquecimento, e por meio de muitos outros fatos ainda poderíamos mostrar como o espiritual-anímico se encontra com o orgânico em processos de aquecimento. Pela atividade dos complicados aparelhos do sistema nutritivo ocorrem as mais diversas transformações que geram os processos de aquecimento no organismo físico. Estes se dirigem de baixo para cima. Portanto, no processo de aquecimento o organismo físico do homem alcança o espiritual-anímico. Será que as transformações cessam aí ou ainda continuam? O que se segue pode ser apenas esboçado: deve ficar por conta, inicialmente, de uma reflexão posterior, e principalmente de um sentimento ulterior de cada ouvinte. Se pudermos observar essas transformações com sentimentos de real devoção diante do organismo humano, reconheceremos que a Fisiologia não precisa ser uma ciência árida, e sim uma fonte para o mais elevado conhecimento humano.

O que o organismo produz de calor em nosso sangue – calor que ele faz chegar a todos os nossos processos internos – mostra que devemos considerar os processos de aquecimento como o coroamento de todos os outros processos no organismo. O calor interior do organismo permeia até o espiritual-anímico e pode transformar-se mesmo em qualidades espirituais-anímicas. Isso é o que há de mais elevado, mais sublime: o fato de que pela força do corpo humano algo físico pode ser transformado em espiritual-anímico. Quando tudo o que existe como disposição no organismo humano terreno se torna calor e o calor é transformado pelo homem de maneira correta, então a partir do calor surge a compaixão, o interesse por outros seres. Se ascendermos, através de todos os processos do organismo humano, até o nível mais elevado, aos processos de aquecimento, passaremos, por assim dizer, pelo portal do organismo humano formado pelos processos calóricos, chegando onde o calor do sangue é utilizado pelo que a alma faz dele. Por meio de um interesse vivo por todos os seres, pela compaixão por tudo o que nos rodeia, naquilo que nossa vida física nos eleva até o calor, nós expandimos nosso espiritual-anímico sobre toda a existência terrena e nos tornamos unos com toda a existência. É um fato maravilhoso esse de a sabedoria cósmica ter feito o desvio por nosso organismo físico para nos conceder por último o calor interior – que nós, homens, em nossa missão terrestre, devemos transformar mediante nosso eu em compaixão viva por todos os seres.

Na missão terrena, calor é transformado em compaixão!

A atividade do organismo humano é utilizada por nós, por assim dizer, como calor de aquecimento para o espírito. Eis o sentido da missão terrena: o fato de o homem, como organismo físico, estar incorporado de tal modo ao organismo da Terra que todos os processos físicos encontram sua maior perfeição, seu coroamento no calor sanguíneo, sendo que o homem como microcosmo, realizando sua tarefa, transforma novamente esse calor para deixá-lo fluir como compaixão viva e amor por tudo o que nos rodeia. Nossa vida anímica é expandida por tudo o que acolhemos em nossa alma a partir de um interesse vivo. E depois de termos passado por muitas encarnações, nas quais utilizarmos todo o calor que nos foi dado, a Terra terá alcançado a meta a ser realizada no âmbito da missão terrena, e então submergirá como cadáver terrestre e estará sujeita à decomposição. A totalidade daquelas almas humanas que houver transformado o calor físico em calor do coração ascenderá. Assim como cada alma se eleva ao mundo espiritual quando, depois que o cadáver físico foi entregue às forças terrenas, o homem passa pelo portal da morte, no futuro o cadáver da Terra será entregue às forças cósmicas, e as almas humanas singulares progredirão para novos níveis existenciais.<sup>40</sup> Nada se perde no mundo. O que as almas humanas conquistaram como frutos na Terra será levado por elas

para a eternidade.

Assim a Ciência Espiritual nos permite ligar também os processos fisiológicos do organismo humano à nossa determinação eterna. Se para nós a Ciência Espiritual não é mera teoria, mero conhecimento abstrato, e se o modo de a considerarmos nos mostrar que, como homens, não estamos apenas sobre a Terra mas pertencemos ao sistema cósmico integral – se aprendermos a pensar sobre o destino do homem, sobre o fato de ele tomar as forças da Terra para atuar sobre a eternidade, então receberemos da Ciência Espiritual o que pode ser conquistado por seu intermédio. E se os homens que pressentem ou reconhecem esse elevado ideal se encontrarem de maneira fraterna e concordarem em seus anseios, isto é, se reconhecermos que em nós mesmos estão contidos os germes para o desenvolvimento vindouro, possíveis de frutificar a evolução terrena e humana posterior, então poderemos ter, com toda a humildade, o sentimento de que, como teósofos, podemos colaborar, pelo desenvolvimento de nossas próprias forças, na realização da missão terrena.

Nós nos reunimos aqui e novamente partiremos para viver lá fora, talvez levando e desenvolvendo algo daquilo que aqui só pôde ser dado esquematicamente, como estímulo. Mas espero que mesmo quando estivermos dispersos no mundo possamos colaborar reciprocamente em harmonia, com pensamentos e sentimentos vivos e com toda a nossa vontade. Separemo-nos com esse espírito, e com esse mesmo espírito nos reencontraremos se, para isso, houver oportunidade.

*28 de março de 1911*

## Aforismos sobre a relação entre a Teosofia e a Filosofia

*Uma observação especial para as conferências sobre ‘Fisiologia Oculta’*

Com referência às conferências públicas ‘Como refutar a Teosofia?’ e ‘Como defender a Teosofia?’<sup>41</sup>, bem como às observações que fiz nesses dias no ciclo de conferências sobre ‘Fisiologia Oculta’, pode surgir uma série de perguntas, e existe a necessidade de nos entendermos com os caros ouvintes a respeito das questões que foram abordadas. As duas conferências públicas tinham principalmente a meta de mostrar como devemos estar conscientes, no campo da Ciência Espiritual ou Teosofia, das possíveis objeções que podem surgir, e como o ocultista reconhece o que é válido nessas objeções. Por outro lado, os Senhores puderam perceber nas conferências um posicionamento bem determinado, nitidamente matizado, de como as verdades teosóficas devem ser defendidas diante das objeções importantes dos opositores.

Justamente devido ao reconhecimento das assinaladas dificuldades resultantes para a Teosofia é que todo teósofo deveria sentir a necessidade de defender as verdades teosóficas com o maior rigor e a maior precisão possíveis. Isso é algo que está plenamente consciente em quem precisa defender tais coisas a partir do conhecimento das correspondentes relações; mas este inevitavelmente entrará em choque com os que se baseiam na ciência moderna, apesar de tudo o que foi salientado nas conferências públicas. Por isso a Teosofia exige, por mais estranho que isso possa parecer, a mais rigorosa, mais exata formulação lógica, para de um lado vestir as verdades buscadas nos mundos superiores e, de outro, não menos importante, corresponder à mera razão comum. Quem se propõe a tarefa de fazer formulações lógicas com exatidão e rigor e, para esse fim, evita toda verbosidade ou mesmo ornamentação retórica numa frase, sente com

freqüência quão facilmente pode ser mal entendido simplesmente porque, em nossa época, não existe a necessidade intensa de acolher as verdades defendidas com o mesmo rigor e precisão com que foram enunciadas. Em nossa época a humanidade ainda não está habituada a tomar as coisas com exatidão, nem mesmo nos meios científicos. Quando se leva em conta exatamente o que é dito, não só não se pode modificar nada nas frases como também se deve respeitar rigorosamente o limite contido nas formulações.

Para isso temos um pequeno exemplo surgido há pouco, quando foi feita a seguinte pergunta<sup>42</sup>: se a consciência onírica é apenas uma espécie de consciência em imagens, como é possível, a partir dessa consciência onírica, poderem ser realizados certos atos subconscientes como, por exemplo, no caso do sonambulismo? A pessoa que fez essa pergunta não notou, como já mencionei naquela ocasião, que, com a frase afirmando serem os conteúdos da consciência onírica algo com caráter de imagens, não quisemos dizer que eles têm *apenas* caráter de imagens, mas certamente só caracterizamos o horizonte da consciência onírica de um lado; e da natureza dessa caracterização resultou justamente o seguinte: assim como nossos atos diurnos provêm de nossa consciência de vigília, determinados atos de natureza menos consciente poderiam ser consequência da consciência pictórica do sonho.

Quero afirmar, sem todavia acusar, que o ouvir impreciso é um dos mais importantes motivos pelos quais a Teosofia e sua representação são, hoje em dia, alvo de tantos mal-entendidos. Esses mal-entendidos não são apresentados apenas por oponentes da Teosofia, mas também, e em grande quantidade, por pessoas que professam essa cosmovisão teosófica. E talvez grande parte da culpa em relação a esses mal-entendidos que o mundo exterior traz contra a Ciência Espiritual esteja no fato de justamente também nos círculos teosóficos se pecar tanto na direção assinalada.

Se procurássemos entre as ciências com prestígio em nosso tempo, talvez a sensação geral tendesse a considerar que a Teosofia tem a melhor relação, o maior parentesco com a Filosofia e seus diversos ramos. Uma tal afirmação seria absolutamente correta, e poderíamos prever, a partir da natureza da situação, que a possibilidade mais próxima de uma compreensão dos conhecimentos teosóficos estaria do lado da Filosofia. Mas é justamente aí que aparecem outras dificuldades.

Podemos dizer que a Filosofia, tal como hoje é praticada em toda parte, tornou-se uma espécie de ciência mais altamente especializada do que há relativamente pouco tempo. Ela se tornou uma ciência especializada e – se contemplarmos hoje seu trabalho prático, sem considerar as diferentes teorias – trabalha, em sua essência, praticamente em regiões abstratas. E não existe tendência a trazer a Filosofia para baixo, para a interpretação concreta do factual. Até advêm dificuldades no atual exercício da Filosofia, ao quisermos abranger o mundo dos fatos com esse anseio filosófico de hoje. A teoria do conhecimento, tal como se apresenta hoje, elaborada nas mais diversas direções, com grande sagacidade, na segunda metade do século XIX e até nossos dias, surgiu principalmente porque foram sentidas essas dificuldades de se chegar aos fatos a partir das alturas abstratas do pensar, do conceito.

Ora, nós sentimos que justamente em conferências como as do ciclo sobre ‘Fisiologia Oculta’ a Teosofia é obrigada a aproximar-se diretamente de nosso mundo real com o que ela pode fornecer como conteúdos da consciência supra-sensível. Expressando isso de modo trivial, eu gostaria de dizer o seguinte: a Teosofia não está numa situação tão boa como a Filosofia moderna, que se mantém em regiões abstratas e não estaria muito inclinada a considerar em suas observações conceitos como, por exemplo, o do sangue, do fígado ou do baço, ou seja, conteúdos ligados a fatos. Essa Filosofia recuará diante da tarefa de lançar a ponte entre seus conceitos abstratos e os acontecimentos e coisas

concretos, reais, que se nos apresentam. Nesse sentido a Teosofia é mais destemida, e pode, justamente por causa disso, ser facilmente considerada, em relação à Filosofia, uma atividade espiritual que, com atrevimento e de modo infundado, lança uma ponte entre o espiritual e o que há de mais cotidiano.

Seria interessante perguntarmos-nos alguma vez: qual é o motivo pelo qual os filósofos têm tanta dificuldade em aproximar-se da Teosofia? Talvez seja porque a Filosofia evita lançar essa ponte.

Em certo sentido, esse fato é uma fatalidade para a própria Teosofia – é extraordinariamente fatal. É que com os conhecimentos teosóficos deparamos freqüentemente com resistências, principalmente ao tentar levá-los a uma elaboração lógica. É especialmente do lado filosófico que deparamos com resistências nesse sentido. Acontece com muita freqüência de aparecerem menos resistências quando, por assim dizer, se relatam alegremente observações sensacionalistas dos mundos superiores às pessoas. Isso é facilmente perdoado porque, em primeiro lugar, essas coisas são ‘interessantes’ e, em segundo, porque as pessoas dizem:

“Enquanto não podemos ver esses mundos superiores, não somos chamados a fazer um julgamento sobre eles.”

O esforço da Teosofia consiste, todavia, em tornar acessível à compreensão racional, aqui embaixo, tudo o que pode ser encontrado nos mundos superiores. Os fatos, quando realmente podem ser válidos como tais, são encontrados por meio de uma pesquisa supra-sensível nos mundos supra-sensíveis. A forma da expressão, contudo, deveria ser dada em nosso tempo de tal maneira que tudo fosse formulado em severas formas lógicas; e nas situações em que hoje já é possível fazê-lo, mostrássemos como os processos exteriores mais reais já nos podem confirmar aquilo que constatamos a partir da pesquisa espiritual. Nesse processo de trazer os conhecimentos do mundo espiritual para baixo, de revesti-los com fórmulas lógicas ou racionais quaisquer e apresentá-los numa estrutura condizente com as necessidades lógicas de nossa época, reside atualmente uma fonte bastante compreensível para os mais numerosos mal-entendidos.

Tomem, por exemplo, as coisas complicadas que foram ditas nessas conferências sobre ‘Fisiologia Oculta’ – coisas que, com a finalidade que tinham, só puderam ser ditas com restrições, com a indicação dos limites. Tomem a complexidade do mundo do espiritual, com sua enorme mobilidade e variabilidade, e comparem esse mundo do espiritual tão variável – a dificuldade de envolver o que desce dos mundos espirituais com contornos conceituais grosseiros –, comparem isso com a facilidade de caracterizarmos qualquer fato exterior por meio de uma experiência ou de uma observação sensorial, e descrevê-lo num estilo lógico!

Hoje porém existe, em nossa Filosofia, a tendência a não levar em conta, quando se faz a explicação e a descrição de conceitos, outra coisa senão aquelas representações mentais obtidas do mundo que está diante de nós como mundo sensorial. Isso fica particularmente perceptível quando a Filosofia precisa encontrar, por exemplo no campo ético, uma outra origem para os conceitos básicos que não sejam as representações mentais possíveis de serem obtidas pela percepção exterior do mundo físico. Achamos – e isso não seria difícil provar, só que naturalmente apenas por meio de exposições detalhadas da literatura filosófica contemporânea – que em tudo o que hoje é elaborado pela Filosofia as determinações conceituais são tão grosseiras porque, para conteúdos conceituais de consciência, basicamente só se leva em conta o mundo sensorial que existe à nossa volta, e só sobre ele os conceitos são fundamentados.

Acaso existe um ponto de apoio para que, quando do surgimento dos conceitos mais elementares na Filosofia, conteúdos de consciência também possam ser obtidos de um

outro lado que não do mundo sensorialmente perceptível? Resumindo: a Filosofia contemporânea não tem a possibilidade de chegar a uma compreensão da Teosofia porque, com suas teorias, não consegue ligar-se a conceitos que sejam comuns aos de nossas exposições teosóficas. Na literatura filosófica, o horizonte de consciência é determinado pelo fato de, na formação de conceitos, apenas se considerar o mundo perceptível exterior, e não conteúdos que possam ter sua origem num outro lado além daquele das percepções sensoriais.

A Teosofia deve obter seus conceitos de modo totalmente diferente; ela deve elevar-se ao conhecimento supra-sensível e buscar seus conceitos no mundo supra-sensível, mas por outro lado também deve aprofundar-se na realidade e dominar os conceitos filosóficos obtidos pela observação do mundo sensorial. Se quisermos imaginar isso de modo esquemático, teremos de um lado, na Filosofia, conceitos obtidos pela percepção exterior e, de outro, conceitos obtidos do mundo supra-sensível por meio da observação espiritual. E imaginando o campo dos conceitos pelos quais nos entendemos, devemos afirmar que, se a Teosofia deve ser considerada algo válido, nossos conceitos devem ser tomados de ambos os lados – do lado da percepção sensorial e do outro, da percepção espiritual –, e no campo dos nossos conceitos os dois lados devem encontrar-se.

0100090000037800000002001c0000000000400000003010800050000000b020000000050000000  
c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102022253797374656  
d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002d01000004000000020101001  
c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d6573204e657720526f6d616e0000000000  
00000000000000000000000000040000002d010100050000000902000000020d000000320a3600000001000  
40000000000a4058102200f1b00040000002d010000030000000000

Especialmente nas caracterizações teosóficas, com conceitos trazidos do mundo espiritual, devemos ter a necessidade de um encontro com os conceitos filosóficos, isto é, de que, com nossos conceitos, possamos fazer a ligação com os conceitos obtidos do mundo sensorial exterior das percepções.

Nossas atuais teorias do conhecimento estão construídas quase exclusivamente do ponto de vista segundo o qual os conceitos são obtidos apenas de um lado. Não quero afirmar com isso que também não existam teorias do conhecimento que permitam algo supra-sensível como origem dos conceitos. Mas sempre que devemos provar positivamente alguma coisa, os exemplos são caracterizados pelo fato de os conceitos provirem apenas do lado esquerdo do esquema, ou seja, do lado em que os conceitos são obtidos do mundo físico-sensorial de percepções. Isso é bem natural, visto que [na Filosofia] fatos espirituais não são reconhecidos como tais. Não se considera o fato de realidades espirituais, que são trazidas dos mundos espirituais, também poderem ser conceituadas, assim como as realidades do mundo físico o podem ser. Essa situação resultou no fato de a Teosofia, se quiser entender-se com a Filosofia, quase não encontrar aí um solo fértil, e de na Filosofia não se compreender facilmente como a Teosofia faz uso dos conceitos.

Poder-se-ia dizer o seguinte: quando se está diante do mundo exterior sensorial de

percepções, é fácil dar contornos nítidos aos conceitos. Nele as próprias coisas têm contornos nítidos, limites precisos, e fica fácil dar contornos nítidos aos conceitos. Quando, todavia, nos defrontamos com o mundo espiritual variável, móvel em si mesmo, freqüentemente temos de primeiro trazer conosco uma série de fatos, e os conceitos têm de ser limitados ou ampliados para podermos caracterizar o que realmente queremos dizer. A teoria do conhecimento, tal como é aplicada hoje, é a que menos admite conceitos como os utilizados na Teosofia. Ora, no momento em que, para determinar conceitos, tomamos – consciente ou inconscientemente – as causas para sua determinação somente de um lado, em todos os conceitos que formamos se imiscui, sem que o percebamos bem, algo que conduz a esses conceitos gnosiológicos sem utilidade alguma para explicar ou elucidar qualquer coisa na Teosofia. O conceito fornecido pelo mundo por assim dizer não-teosófico simplesmente é inadequado como instrumento para caracterizar o que é trazido do mundo espiritual.

Ora, existe sobretudo um conceito que no campo da teoria do conhecimento é terrivelmente perturbador. Sei muito bem que não é percebido como tal, mas é perturbador. Isso acontece quando abstraímos, de todas as graduações mais sutis que se formaram de maneira tão perspicaz no decorrer do século XIX, o ponto em que o problema da teoria do conhecimento é formulado da seguinte maneira: como é que o eu, com seu conteúdo da consciência – ou, se quisermos evitar falar no eu: como é que nosso conteúdo da consciência – é relacionado por nós com uma realidade? Esses cursos de pensamento levaram, em maior ou menor grau – com exceção de algumas direções na teoria do conhecimento no século XIX –, a uma teoria do conhecimento que repetidamente considera uma grande dificuldade reconhecer a possibilidade de o que é transubjetivo ou transcendental, ou seja, o que se encontra fora de nossa consciência, poder entrar nessa consciência. Confesso que esta é uma caracterização apenas grosseira do problema do conhecimento. Porém as dificuldades estão caracterizadas em sua essência ao dizermos: como é que o conteúdo subjetivo da consciência pode aproximar-se do ser, da realidade? como ele pode realacionar-se com a realidade? Ora, temos de ter bem claro que, mesmo ao pressupormos uma realidade transubjetiva existente fora de nossa consciência, aquilo que está dentro dela não pode aproximar-se diretamente dessa realidade. Diz-se, portanto, que temos dentro de nós o conteúdo da consciência, e então podemos perguntar: como será possível, a partir desse conteúdo consciente, penetrar na existência, na realidade, que é independente de nossa consciência?

Um importante teórico do conhecimento contemporâneo<sup>43</sup> caracterizou esse problema com uma expressão marcante: o eu humano, enquanto engloba o horizonte da consciência, não pode saltar por cima de si mesmo, pois teria de saltar para fora de si caso fosse saltar para dentro da realidade. Mas então ele estaria na realidade, e não na consciência. Portanto parece claro, para esse teórico do conhecimento, que não é possível afirmar qual é a relação entre o conteúdo da consciência e a verdadeira realidade.

Há muitos anos, procurei inicialmente verificar esse problema do conhecimento – que também na Teosofia é fundamental – em meus escritos sobre a teoria do conhecimento<sup>44</sup>, para depois eliminar as dificuldades decorrentes de uma formulação como a indicada acima. Nesse processo podiam ocorrer coisas bem estranhas. Por exemplo, na época em que aconteceu o que desejo relatar, havia filósofos partindo do seguinte princípio – à semelhança a Schopenhauer: “O mundo é minha representação mental.” Ou seja, o que está dado na consciência é, inicialmente, apenas um conteúdo da representação mental, e trata-se agora de como lançar uma ponte das representações mentais até aquilo que está fora do representado, até a realidade transubjetiva. Para qualquer um que não se deixe fascinar por constatações aparentemente feitas nesse

âmbito, e sim se aproximando da coisa de modo despreconcebido, surge logo uma questão – e também frente a uma grande parte da literatura sobre a teoria do conhecimento, principalmente aquela escrita nos anos setenta e na primeira metade dos anos oitenta [do século XIX], é preciso questionar o seguinte: se alguma coisa é ‘minha representação mental’, e se essa própria coisa representada deve ser mais do que algo situado dentro do conteúdo da consciência, se isso deve ter valor por si, afirma-se algo que basicamente não pode vir *antes* do ponto de partida da teoria do conhecimento, mas algo que só pode ser verificado *depois* de essas perguntas muito mais importantes da teoria do conhecimento serem debatidas. Ora, devemos perguntar-nos primeiro: por que podemos chamar algo que aparece em nós, como conteúdo da consciência, de ‘minha representação mental’? Acaso temos o direito de dizer que “o que aparece em meu horizonte de consciência é minha representação mental”? A teoria do conhecimento com certeza não tem o direito de partir do julgamento segundo o qual o elemento dado é minha representação; mas tem o dever, se realmente quiser voltar às suas origens, de explicar primeiro que o que aparece aí é o conteúdo subjetivo da consciência.

Certamente existem várias centenas de objeções ao que foi dito agora, mas não creio que seja possível defender por muito tempo qualquer uma delas se nos aproximarmos da coisa sem preconceitos. Contudo, certa vez um filósofo conhecido e importante<sup>45</sup> me deu uma resposta muito esquisita quando eu chamei sua atenção para esse dilema, querendo explicar-lhe que primeiro se deveria provar se a teoria do conhecimento justifica a caracterização da representação mental como algo não-real. Então ele disse: “Mas isso é óbvio – na definição da palavra ‘representação mental’ já está implícito que colocamos diante de nós algo que não é real.” Ele não conseguia compreender – essas representações mentais que cresceram no decorrer de séculos estavam tão arraigadas nele – que com essa primeira definição se está propondo algo ainda completamente sem fundamentos.

Se quisermos fazer alguma constatação no perímetro do mundo em que estamos colocados (e eu lhes peço entender as palavras ‘o mundo em que estamos colocados’ como o mundo que encontramos no dia-a-dia), se quisermos fazer uma constatação dentro desse mundo – por exemplo, que aquilo que nos é dado como mundo é uma ‘representação mental’ –, temos de estar cientes do fato de nem ser possível fazer uma constatação dessas sem usar o que denominamos nossa atividade pensante – sem pensamentos e conceitos. Não quero comentar agora o fato de uma constatação dessas já ser, em realidade, um julgamento’ do ponto de vista formal-lógico. No instante em que começamos a não deixar algo surgido diante de nós permanecer como está, mas fazemos uma constatação a respeito, estamos interferindo com nosso pensar no mundo à nossa volta. Se quisermos ter algum direito de interferir no mundo de modo a determinar que algo seja ‘subjetivo’, deveremos ter consciência de que aquilo que determina que algo seja chamado de ‘subjetivo’ *não* pode ser subjetivo em si.

Suponhamos que aqui estivesse a esfera da subjetividade [v. desenho] e dela partisse, por exemplo, a constatação de que A é subjetivo, é ‘minha representação mental’ ou qualquer outra coisa; então essa constatação é subjetiva.

0100090000037800000002001c000000000040000003010800050000000b02000000000  
50000000c028202a505040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010  
2022253797374656d0002a5050000af950000985c110004ee8339d0b81c000c020000040000002  
d01000004000000020101001c000000fb02c4ff0000000000009001000000000440001254696d65  
73204e657720526f6d616e00000000000000000000000000000000040000002d010100050000  
000902000000020d000000320a360000000100040000000000a4058102200f1b00040000002d01  
0000030000000000

A consequência disso não é que devemos admitir essa constatação, mas sim que não podemos chegar a tal conclusão porque uma constatação dessas se anularia por si. Se uma subjetividade só pudesse ser constatada a partir de si mesma, essa seria uma constatação que se anularia por si própria. Se a constatação “A é subjetivo” deve ter um sentido, não pode partir da esfera da subjetividade, mas de uma realidade que esteja fora da subjetividade. Isso significa que se o ‘eu’ realmente deve estar em condições de poder dizer que algo tem um caráter subjetivo – por exemplo, que algo é “minha representação mental” –, se o ‘eu’ deve ter o direito de designar algo como subjetivo, ele mesmo não pode estar dentro da esfera da subjetividade, e sim terá de fazer essa constatação de fora da esfera da subjetividade. Portanto, a constatação de que algo seja subjetivo não pode ser remetida ao eu, que é subjetivo em si.<sup>46</sup>

Com isso, porém, ocorre uma saída da esfera da subjetividade ao ficarmos cientes de que não poderíamos fazer qualquer constatação sobre o que é subjetivo e o que é objetivo, já devendo deixar de dar os primeiros passos do pensar a esse respeito, se não estivéssemos em relação com a subjetividade e a objetividade de um modo tal que ambas tenham a mesma participação em nós. Isso nos leva a reconhecer – não posso aprofundar isso agora – que nosso eu não apenas pode ser tomado subjetivamente, mas é mais abrangente que nossa subjetividade. Nós temos o direito de limitar, a partir de determinado conteúdo dado, ou seja, de algo objetivo, aquilo que é subjetivo.

Deparamo-nos inicialmente com os diversos conceitos ‘objetivo’, ‘subjetivo’ e ‘transubjetivo’. ‘Objetivo’ é, naturalmente, algo diferente de ‘transubjetivo’[. . .]

Feitas essas hipóteses, cabe-nos ver se estamos em condições de eliminar um dos mais importantes obstáculos no caminho da teoria do conhecimento, ou seja, a questão indagando se dentro da subjetividade podemos encontrar ou não toda a abrangência do eu. Ora, se o eu também deve participar da objetividade, a pergunta “Será que algo pode penetrar dentro da esfera da subjetividade?” adquire uma configuração bem distinta. Tão logo se possa considerar o eu como partícipe da esfera da objetividade, o eu deve conter em si qualidades semelhantes às do que é objetivo; também no eu deve ser encontrado algo da esfera da objetividade. Em outras palavras: podemos pressupor agora, entre o objetivo e o subjetivo, uma relação essencialmente diferente da concepção de que do transubjetivo nada possa transferir-se ao subjetivo.

Ao dizermos que nada pode transferir-se ao subjetivo, em primeiro lugar determinamos que na teoria do conhecimento o subjetivo é fechado em si e, em segundo lugar, utilizamos nesse caso um conceito válido somente para determinada esfera da realidade, não possuindo valor para a abrangência total dela. Trata-se do conceito da ‘coisa em si’. Esse conceito tem um papel importante para muitos teóricos do conhecimento; ele é como uma rede em que fica preso o próprio pensar filosófico. Porém nem se percebe

que esse conceito é válido apenas para uma determinada esfera da realidade, deixando de ter validade onde essa esfera termina.

No âmbito material, por exemplo, o conceito é válido. Quero lembrar o exemplo do sinete e do lacre. Se os Senhores tomarem um sinete onde conste o sobrenome ‘Müller’ e o comprimirem no lacre quente, poderão afirmar, com razão, que do material do sinete nada pode transpor-se ao lacre. Aqui os Senhores têm um exemplo em que o não poder transpor-se é válido. Com o sobrenome ‘Müller’, todavia, é diferente; este pode passar completamente para o lacre. E se o próprio lacre pudesse falar e ressaltar que da matéria do sinete nada se transferiu para ele, teria de admitir, contudo, que o essencial – ou seja, o sobrenome ‘Müller’ – transferiu-se integralmente. Aí já transcendemos a esfera em que o conceito ‘coisa em si’ tem validade.

Como sucedeu que esse conceito, descrito de uma forma mais sutil por Kant, de modo bastante grosseiro por Schopenhauer e depois aparecendo descrito com muita perspicácia pelos mais diversos teóricos do conhecimento do século XIX, pôde alcançar tamanha importância?

Estudando-se melhor a situação, constata-se ter sido porque o que as pessoas elaboram em conceitos depende da maneira como elas pensam. Somente numa época em que todos os conceitos têm de ser caracterizados de modo a serem sempre formados a partir de percepções exteriores é que se pode formar um conceito como o da ‘coisa em si’.

Os conceitos obtidos apenas pela percepção exterior, contudo, não são apropriados para a caracterização do espiritual. Se não tivessem metido dentro da teoria do conhecimento um materialismo tão disfarçado, poder-se-ia dizer, tão profundamente mascarado – pois o fundamental é que realmente não é fácil reconhecer o materialismo que foi metido na teoria do conhecimento –, deveríamos ter claro que uma teoria do conhecimento que seja válido para os âmbitos espirituais também deve conter conceitos que não sejam formados dessa maneira grosseira como o conceito da ‘coisa em si’. Para o âmbito espiritual, onde não se pode falar de um ‘dentro’ e um ‘fora’ no mesmo sentido, precisamos estar cientes de necessitarmos de conceitos mais sutis.

Disso só pude fazer um esboço, pois de outra forma teria de escrever uma obra que se tornaria muito avantajada e constaria de vários volumes, pois à história da Filosofia e à teoria do conhecimento teríamos de acrescentar também âmbitos metafísicos. Mas os Senhores podem deduzir ser compreensível que tal modo de pensar, por se originar de preconceitos profundamente mascarados, seja imprestável para tudo o que adentra o mundo espiritual.

Eu lhes falei agora durante uma hora sobre esse conceito mais abstrato. Tentei tornar a coisa compreensível, e estou consciente de que as objeções que estão nítidas diante de minha alma certamente também podem surgir em outras tantas almas. Se este fosse um outro grupo, talvez se fizesse necessária uma justificativa especial: a de que, por assim dizer, iludimos a audiência de modo a, em vez de falar da esperada e habitual temática relacionada com fatos, falar de conceitos os mais abstratos – ou, como talvez alguns os considerem: os mais complicados. Ora, no decorrer do nosso trabalho teosófico já vimos que a Teosofia tem a vantagem de, dentro do nosso movimento, desenvolvermos o dever para com o conhecimento, superando, paulatinamente, um conceito travesso que diz: “Isso é algo que ultrapassa meu horizonte, que não me interessa!”

Para alguns que se ocupam com as questões básicas da Filosofia, e que conhecem pessoalmente as reuniões tão pouco freqüentadas sobre a teoria do conhecimento, pode parecer surpreendente que aqui em nosso movimento tantas pessoas, que na opinião desse ou daquele teórico do conhecimento são ‘profundos diletantes’ no campo da teoria do

conhecimento, venham a um encontro para ouvir falar sobre este tema. Em alguns lugares tivemos até um número maior de ouvintes, justamente em palestras filosóficas que foram intercaladas às de cunho teosófico. Se, todavia, observarmos melhor a situação, poderemos dizer que isso é exatamente um dos melhores testemunhos a favor dos teósofos. Os teósofos sabem que devem ouvir com imparcialidade tudo o que é trazido como objeção. Eles ficam calmos, pois sabem muito bem que objeções contra as pesquisas nos mundos superiores são possíveis e justificadas, mas sabem também que várias coisas, de início consideradas ilógicas, finalmente mostram ser muito lógicas. O teósofo também aprende a ver como sua tarefa levar conhecimentos ao interior de sua alma, dedicar-se à teoria do conhecimento e à lógica, mesmo que tenha de esforçar-se para isso. Assim ele estará cada vez mais em condições de não querer ouvir apenas exposições teosóficas de cunho geral, mas também de trabalhar seriamente com conceitos lógicos e com combinações de conceitos. O mundo terá de familiarizar-se com a idéia de que a Filosofia, em seu sentido mais amplo, poderá renascer no movimento teosófico. Zelo frente ao rigor filosófico, frente à profunda e lógica formação de conceitos irá estabelecer-se gradativamente dentro do movimento teosófico. Com isso não quero ter dito que os resultados nesse sentido já sejam muito satisfatórios para uma observação mais cuidadosa. Temos de observar isso ainda com humildade, mas estamos a caminho da meta.

Quanto mais nos apropriarmos da boa vontade frente ao pensamento, à exatidão científica, à profundidade filosófica, tanto mais, mediante o trabalho teosófico, deixaremos de perseguir apenas nossas metas pessoais, fugazes, para podermos atingir metas do âmbito da humanidade. Muito disso ainda está, hoje, no nível do querer incipiente. É evidente, porém, que na vontade empregada para o conhecimento já existe algo como uma autoeducação ética, que alcançamos pelo interesse que trazemos de encontro à Teosofia. Logo não haverá mais falta disso. Se não houver outros obstáculos além daqueles já existentes hoje, o mundo exterior não poderá deixar de reconhecer a Teosofia e o fato de o teósofo não aspirar a uma satisfação fácil de seus anseios anímicos, pois na Teosofia se manifesta um anseio sério por exatidão e profundidade filosóficas, e não um mero diletantismo. Esse anseio será apropriado para aguçar a consciência filosófica das pessoas. Se não tomarmos os ensinamentos teosóficos como dogmas, mas compreendermos como a Teosofia pode ser um poder real em nossas almas, isso poderá ser o material de encorajamento para a alma humana, a fim de cada vez mais apreender as forças nela escondidas e levá-la à consciência de sua determinação. Por isso queremos estimular esse zelo por uma lógica profunda e a teoria do conhecimento dentro do nosso movimento teosófico e, estando bem apoiados no solo do nosso mundo físico, aprender a olhar em direção aos mundos espirituais de modo cada vez mais claro, sem exaltação nem misticismo nebuloso, trazendo dos mundos espirituais seu conteúdo e integrando-o em nossa imagem física do mundo.

Se quisermos realizar isso, tal realização dependerá apenas de podermos atribuir à Teosofia uma verdadeira missão na existência terrena da humanidade.

### *Sobre a 5ª edição do original*

As conferências contidas neste volume foram proferidas por Rudolf Steiner no ano de 1911, a convite dos teósofos de Praga.

Nos anos que precederam a primeira Guerra Mundial, havia em Praga – que naquela época era a capital do reino da Boêmia, pertencente à monarquia austro-húngara – três

diferentes grupos teosóficos. Ao lado da ‘Seção Boêmia em Praga da Sociedade Teosófica (Adyar)’, um grupo de tchecos, dirigido por Jan Bedrnicek, já em 1906 se havia ligado diretamente ao Ramo Besant, em Berlim, dirigido por Rudolf Steiner; oficialmente tinha o nome ‘Seção de Praga do Ramo Besant, Berlim’. Além disso ainda havia, desde cerca de 1909, um grupo de trabalho teosófico independente – o ‘Grupo Bolzano’, que em 1912 também se uniu à Seção Alemã e mais tarde à Sociedade Antroposófica, como ‘Ramo Bolzano’. A dirigente desse grupo era Berta Fanta.

A iniciativa de convidar Rudolf Steiner para um ciclo de conferências em Praga partiu do grupo tcheco. No dia 25 de maio de 1910, seu dirigente Jan Bedrnicek viajou até Hamburgo para combinar com Rudolf Steiner, que ali proferia a série de conferências sobre ‘As manifestações do carma’, as datas e os temas. Os diferentes grupos teosóficos daquela época tinham um bom trabalho conjunto. Assim, como organizadora oficial das conferências de Rudolf Steiner constava a ‘Seção Boêmia’, que enviou o convite, e que anunciou as conferências no *Prager Tagblatt* [Diário de Praga] nº74, do dia 15 de março de 1911, com os seguintes dizeres:

*A Sociedade Teosófica em Praga organiza este mês, mais precisamente de 19 a 28 de março (pontualmente às 20 horas), um ciclo de conferências públicas a serem proferidas pelo excelente filósofo e ocultista Dr. Rudolf Steiner sobre ‘Fisiologia Oculta’, no salão da Associação Comercial ‘Mercúrio’, na Avenida Nicolau. Inscrições na secretaria da Seção de Praga, Weinberge, Bocelgasse 2, 22 andar.*

Certamente o tema ‘Fisiologia Oculta’ remonta ao próprio Rudolf Steiner, visto que já fazia alguns anos ele estava-se ocupando com uma observação oculta do organismo humano. Assim, por exemplo, ele disse numa conferência por ocasião da 5ª Assembléia Geral da Seção Alemã da Sociedade Teosófica (Berlim, 21 de outubro de 1907 pela manhã, no vol. 101 da Edição Completa):

É [...] possível estudar os órgãos humanos de acordo com suas diferentes importâncias quando retrocedemos às bases possíveis de serem encontradas nos mundos espirituais. Constatamos que o fígado, a bile, o baço e assim por diante são algo bem diverso, quando sabemos que diferentes mundos participaram de sua estruturação. [...] Trata-se de heranças do mundo espiritual. Se quisermos compreender corretamente a importância de todos os órgãos do homem, deveremos observá-los a partir de suas origens espirituais. Então vislumbraremos no futuro, uma maneira de tratar o corpo humano tendo consciência dessa origem espiritual dos órgãos, aplicando esse conhecimento na medicina cotidiana.

E em Munique – depois de já estabelecido o tema do ciclo de Praga –, em 26 de agosto de 1910 (no vol. 125):

Seria meu desejo mais premente, no sentido do que considero o movimento da Ciência Espiritual, que aquelas pessoas que têm uma pré-formação médico-fisiológica tomassem conhecimento dos fatos revelados pela Ciência Espiritual, para poderem estudar os resultados da Fisiologia em relação a seu caráter real. No início do próximo ano, poderei traçar apenas as linhas básicas dessa fisiologia do ponto de vista da Ciência Espiritual [...].

Sabemos pouco a respeito dos participantes do ciclo de conferências de Praga; sobretudo não foi possível descobrir quais médicos participaram. Há referência documentada apenas a alguns nomes: o Dr. Ludwig Noll, de Kassel, o qual durante esse período tratou de Marie Steiner, que adoecera (ver *Marie Steiner-von Sivers – Em Leben für die Anthroposophie* [‘Marie Steiner-von Sivers – uma vida para a Antroposofia’, em *Rudolf Steiner Studien*, vol. 1, 2º ed. Dornach, Rudolf Steiner Verlag, 1989], págs. 201

ss.), como também três médicos de Munique: o Dr. Felix Peipers — que já havia proferido, no meio teosófico, palestras sobre anatomia e medicina ocultas —, o Dr. Max Herrmann e o Dr. Hanns Rascher.

Um membro de Viena fez o seguinte relato:

Um feliz acaso financeiro possibilitou-me, na época, viajar para Praga, embora atrasado, para o ciclo de conferências do Dr. Steiner sobre a fisiologia oculta. As conferências, assistidas por uma grande parte do círculo intelectual de Praga, davam uma primeira perspectiva da nova maneira de observar o homem. A atmosfera dessa novidade prevalecia principalmente entre os cientistas e médicos antroposóficos (entre eles os Drs. Peipers e Herrmann). Das conferências públicas ‘Como refutar a Teosofia?’ e ‘Como defender a Teosofia?’ também participaram muitas pessoas ligadas ao movimento sionista, e nessa ocasião tive oportunidade de ter um contato bastante próximo com o jovem filósofo Hugo Bergmann (atualmente professor em Jerusalém), cujas sogra e tia ( as senhoras Fanta e Freund) estavam no centro do movimento teosófico em Praga. [...] Os dias em Praga, dos quais participaram quase todos os teósofos de Viena, tiveram um brilho especial pela impressão de uma verdadeira ligação entre os alemães e os tchecos, fundamentada na unidade da aspiração teosófica. Isso gerou um calor interior no qual também o Dr. Steiner parecia sentir-se especialmente bem. Entre os teósofos tchecos, um idoso professor de música chamou-me a atenção, pois sua aparência lembrava fortemente Leon Tolstoi. [De um manuscrito sem data — *Erinnerungen* (Recordações), do Dr. Ernst Müller, Viena.]

No final dos eventos ainda aconteceu uma conferência de Rudolf Steiner originalmente não prevista no programa, sobre a relação da Teosofia com a Filosofia. Esta conferência já está impressa em *Die Mission der neuen Geistesoffenbarung* [A missão da nova revelação espiritual], vol. 127 da Edição Completa, mas, devido à sua relação direta com as conferências sobre a fisiologia oculta, será acrescentada a este volume. As conferências de 19 e 25 de março ‘Como refutar a Teosofia?’ e ‘Como defender a Teosofia?’ ainda não apareceram na Obra Completa, mas foram impressas — segundo anotações precárias — em *Mensch und Welt. Blätter für Anthroposophie* [Homem e Mundo. Periódico de Antroposofia], 1968, nºs 1 a 4.

Na época em que proferiu estas conferências, Rudolf Steiner ainda estava ligado, com a sua Ciência Espiritual, à Sociedade Teosófica. Ele utilizava as palavras ‘Teosofia’ e ‘teosófico’ sempre no sentido de sua Ciência Espiritual mais tarde denominada ‘Antroposofia’. As expressões ‘Teosofia’, ‘Ciência Espiritual’ ou ‘pesquisa espiritual’ são reproduzidas aqui de acordo com as anotações dos estenógrafos.

*O título do ciclo de conferências é de Rudolf Steiner.*

*Os desenhos no texto foram feitos por Hedwig Frey e Leonore Uhlig, baseadas em esboços dos estenógrafos. Os desenhos na lousa originais não foram conservados.*

*Documentação para os textos:* Não existe uma anotação estenográfica literal destas conferências de Rudolf Steiner em Praga. Certamente muitos participantes fizeram anotações, mas suas habilidades estenográficas eram insuficientes para conseguir anotar literalmente e continuamente uma conferência inteira.

Das anotações apresentadas — há no total nove versões distintas de textos —, oito foram, por assim dizer, elaboradas (a nona contém apenas apontamentos resumidos), isto é, não reproduzem somente o teor original obtido por meio de estenografia ou manuscrito, mas foram trabalhados em maior ou menor grau por cada um dos anotadores (formulando o texto para tornar-se estilisticamente compreensível, introduzindo a pontuação, de vez em quando complementando o conteúdo, preenchendo lacunas segundo a própria compreensão ou memória e assim por diante). É difícil verificar em detalhes o grau de ‘adaptação’, visto que nenhum estenograma foi conservado. Por isso foram comparados

todos os textos apresentados, frase por frase, no preparo da nova edição de 1991, o que resultou no seguinte quadro:

Quatro estenógrafos (Walter Vegelah, Fritz Mitscher, Wilhelm Friedrich e um desconhecido) tentaram anotar as conferências literalmente, de acordo com suas capacidades individuais. As versões dos textos foram elaboradas pelos próprios transcritores de modos diferentes, em parte repetidas vezes. As anotações restantes são resumos dos conteúdos das conferências. Foi-nos apresentado o seguinte material:

- Anotações de Walter Vegelah, em duas versões fortemente discordantes entre si:
  - a) primeira transcrição do estenograma, pouco elaborada (datilografada);
  - b) uma versão elaborada por Vegelah baseada na anterior, bastante modificada por inserções próprias (datilografada).
- Anotações de Fritz Mitscher, em duas versões:
  - a) primeira transcrição do estenograma (manuscrito);
  - b) versão elaborada considerando parcialmente o texto de Vegelah (datilografado).
- Anotações de Wilhelm Friedrich (transcrição manuscrita do texto estenografado).
- Anotações de um estenógrafo desconhecido (manuscrito).
- Anotações resumidas (tipo relatório) de Jan van Leer (datilografado).
- Anotações resumidas (tipo relatório) de Fritz Rascher (datilografado).
- Apontamentos resumidos de pessoa desconhecida (manuscrito).

O berlinense Walter Vegelah, que já tinha uma experiência de muitos anos em fazer anotações de palestras, viajou para Praga como estenógrafo oficial. Desta vez, porém, seja lá por quais motivos, não conseguiu, de fato, anotar literalmente. Talvez não estivesse familiarizado com o tema e o vocabulário, talvez as condições do local ou acústicas fossem desfavoráveis, talvez houvesse uma indisposição pessoal – nada disso pode mais ser constatado hoje. Em todo caso, o resultado de suas anotações e a transcrição de seu estenograma foram insatisfatórias.

No dia 2 de maio de 1911, Marie von Sivers escreveu à diretora da Editora Filosófico-Teosófica, Johanna Mücke, de Portorose, onde se encontrava na época juntamente com Rudolf Steiner: “O Doutor gostaria de ter todas as conferências sobre ‘Fisiologia Oculta’. Portanto, envie-as, por favor, assim que a Senhora puder, bem como a segunda conferência pública de Praga.” Embora Rudolf Steiner tenha pedido expressamente essas anotações, e tão pouco tempo depois do curso, as conferências nunca foram impressas enquanto ele viveu. Podemos supor que ele não tenha dado a permissão para editá-las por não ter ficado satisfeito com a qualidade do texto de Vegelah, e ele mesmo não tenha tido o tempo necessário para uma revisão.

Vegelah, que provavelmente estava ciente da precariedade de suas anotações, fez mais tarde uma nova elaboração, criando assim uma segunda versão do texto, que se distinguia da primeira por ter ele acrescentado ao teor de seu texto original, estenografado, os mais variados ingredientes (palavras expletivas, repetições de passagens ou formulações anteriores, imitações de determinadas características do estilo de falar de Rudolf Steiner, e assim por diante). As construções das frases assim obtidas são

freqüentemente estruturadas com tão pouca clareza que seu sentido é de difícil compreensão. As frases assim construídas, portanto, não são de Rudolf Steiner, mas surgiram pela elaboração posterior feita por Vegelahn.

Somente no ano de 1927 as conferências foram publicadas pela primeira vez, embora como reprodução reservada a membros, sob o nome *Zyklus OP* [‘Ciclo OP’ – das iniciais de *Okkulte Physiologie*]. Tanto essa primeira edição, como também as seguintes, incluídas na Edição Completa, foram baseadas na elaboração do texto feito por Vegelahn, descrito acima. Portanto, não podem ser consideradas uma reprodução autêntica do teor dado por Rudolf Steiner.

“[...] a Teosofia exige [...] a mais rigorosa, mais exata formulação lógica”, diz Rudolf Steiner na conferência de 28 de março de 1911; e, depois de falar de ‘verbosidade’ e ‘ornamentação retórica’, ele acrescenta: “Quando se leva em conta exatamente o que é dito, não só não se pode modificar nada nas frases, como também se deve respeitar rigorosamente o limite contido nas formulações.”

Logo depois da publicação do ‘Ciclo OP’ no ano de 1927, vários médicos se manifestaram, chamando a atenção para erros no texto e sugerindo as devidas correções. Para as edições seguintes, de 1957 e 1971, o editor, Dr. H. W. Zbinden, pôde realizar algumas correções objetivas, estudando as anotações então existentes; mas isso basicamente não pôs em dúvida a elaboração do texto feita por Vegelahn. O fato de que esta não era, de forma alguma, o teor original de Rudolf Steiner só pôde ser constatado recentemente, por uma comparação minuciosa com os estenogramas das outras anotações. A direção do espólio só recebeu alguns desses documentos nos últimos anos. Embora haja inúmeras diferenças de teor textual nas diversas anotações, o conteúdo, a estrutura e a seqüência das conferências coincidem em todas elas. Este fato possibilitou a elaboração de um novo texto para a nova edição de 1991, cuja base são as seguintes anotações menos elaboradas dos estenógrafos: as primeiras transcrições de Walter Vegelahn e Fritz Mitscher e as transcrições estenográficas manuscritas de Wilhelm Friedrich e do desconhecido. Os relatos de van Leer e Fritz Rascher foram consultados quanto ao conteúdo. Também este texto corrigido contém aspectos pouco claros e lacunas, o que não pode ser corrigido devido à falta de um estenograma textual. O conteúdo e a estrutura das conferências, todavia, podem ser assegurados pelos múltiplos documentos.

### *Notas (da 5ª edição do original)*

As obras de Rudolf Steiner constantes da Edição Completa (*Gesamtausgabe* – GA) são indicadas, nas referências, com o número do volume.

1. Em sua obra *Anthroposophie – ein Fragment aus dem Jahre 1910* [Antroposofia – um fragmento do ano de 1910], GA 45, no capítulo IV ‘Os processos vitais’, Rudolf Steiner faz uma descrição da vida sensorial do homem em relação com sua vida corporal interior. Ali ele caracteriza esses processos vitais como respiração, aquecimento, nutrição, secreção, conservação, crescimento e reprodução. Exposições mais ampliadas e modificadas encontram-se nas conferências de 12 de agosto de 1916, no volume *Das Rätsel des Menschen* [O enigma do homem], GA 170, e de 29 de outubro de 1921, no volume *Anthroposophie als Kosmosophie – Zweiter Teil* [Antroposofia como Cosmofosofia – Segunda parte], GA 208. Ver também as anotações de Rudolf Steiner sobre o âmbito dos sentidos e os níveis vitais, com um prefácio de Hendrik Knobel, no tomo nº 58/59 de *Beiträge zur Rudolf Steiner Gesamtausgabe* [Contribuições para a Edição Completa de Rudolf Steiner].

2. Explicações detalhadas a esse respeito Rudolf Steiner dá, entre outras, nas seguintes conferências proferidas em Berlim: *Menschenseele und Tierseele* [A alma humana e a alma animal], *Menschengeist und Tiergeist* [O espírito humano e o espírito animal], de 10 e 17 de novembro de 1910, ambas incluídas no volume *Antworten der Geisteswissenschaft auf die grossen Fragen des Daseins* [Respostas da Ciência Espiritual às grandes perguntas da existência], GA 60; *Der Ursprung der Tierwelt im Lichte der Geisteswissenschaft* [A origem do mundo animal à luz da Ciência Espiritual], de 18 de janeiro de 1912, contida no volume *Menschengeschichte im Lichte der Geistesforschung* [A história do homem à luz da pesquisa espiritual], GA 61; *Menschenwelt und Tierwelt nach Ursprung und Entwicklung dargestellt im Lichte der Geisteswissenschaft* [O mundo do homem e o mundo animal apresentados à luz da Ciência Espiritual segundo suas origens e desenvolvimento], de 15 de abril de 1918, incluída no volume *Das Ewige in der Menschenseele* [O eterno na alma humana] (GA 67), bem como a de 28 de julho de 1922 em Dornach, contida no volume *Das Geheimnis der Trinität* [O segredo da Trindade], GA 214.
  
3. Lorenz Oken (1779-1851), professor em Jena e Munique e a partir de 1832 em Zurique, publicou em 1807, ao tomar posse do cargo em Jena, um programa denominado *Über die Bedeutung der Schädelknochen* [Sobre a importância dos ossos cranianos], em que apresentou como sua descoberta a teoria vertebral, descoberta por Göethe em 1790. Göethe já tinha apresentado sua teoria vertebral em 1790, a um grupo de amigos, mas publicou-a apenas depois de Oken. Veja, em *Goethes naturwissenschaftliche Schriften* [As obras científicas de Göethe] (5 volumes, publicados e comentados por Rudolf Steiner na *Deutsche National-Litteratur* [Literatura Nacional Alemã] de Kürschner, GA 1a-e), no volume 1 – *Bildung und Umbildung organischer Naturen* [Formação e transformação de naturezas orgânicas] –, os ensaios de Göethe *Zwischenknochen* [Ossos intermédios], parágrafo VIII, e *Das Schädelgerüst aus sechs Wirbelknochen aufgebaut* [A estrutura craniana constituída de seis vértebras], como também as notas de rodapé correspondentes de Rudolf Steiner (págs.316–323). Aí Göethe escreve:

[...] uma tal percepção, compreensão, representação mental, conceito, idéia ou como se queira chamá-la, mantém sempre, seja lá como nos comportemos, uma característica esotérica; é possível expressá-la como um todo, mas não é possível prová-la [...].

E Rudolf Steiner acrescenta, numa nota de rodapé:

Uma verdade ideal como esta pode e deve ser compreendida inicialmente de maneira universal, desconsiderando-se os casos isolados. O fato de ela não poder ser provada tem seus bons motivos. Uma prova só pode ser a comprovação de uma lei por outra coisa. Aquela verdade, porém, traz sua certeza em *si mesma*, ou seja, não pode ser comprovada por outra coisa. Mas aqueles que crêem que verdades universais são apenas leis abstratas, derivadas de inúmeras observações, afastam-se do reconhecimento disso. A tarefa da ciência empírica só pode ser a de mostrar *como* uma verdade universal, que traz sua certeza em si mesma, se apresenta no individual em sua realização.

4. Encontramos explicações complementares relacionadas com a evolução cósmica da cabeça ao retrocedermos até a evolução da Lua, entre outras, nas seguintes conferências: de 20 de dezembro de 1914, incluída no volume *Okkultes Lesen und okkultes Hören* [A leitura e a audição ocultas], GA 156; de 26 e 27 de novembro de 1920, contidas no volume *Die Brücke zwischen der Weltgeistigkeit und dem Physischen des Menschen* [A ponte entre a espiritualidade cósmica e o elemento físico do homem], GA 202; de 12 de janeiro de 1924, contida no volume *Mysterienstätten des Mittelalters* [Locais de Mistérios na Idade Média], GA 233a, bem como nas conferências do volume *Die Sendung Michaels* [A missão de Micael], GA 194. Ver também o ensaio de Rudolf Steiner *Goethes Naturanschauung gemäss den neuesten Veröffentlichungen des Goethe-Archivs* [As contemplações da natureza de Göethe de acordo com as publicações mais recentes do Arquivo de Göethe], incluídas atualmente no GA 30, nas quais ele faz um relato de uma anotação de diário de Göethe do ano de 1790.

O próprio cérebro é apenas um grande gânglio capital. A organização do cérebro é

repetido em todos os gânglios, de modo que cada gânglio deve ser considerado um pequeno cérebro subordinado.

5. Apresentada detalhadamente por Rudolf Steiner em seu livro *Theosophie*, GA 9 [*Teosofia*, editado em português em tradução de Daniel Brilhante de Brito (4ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1994)], no capítulo ‘Das formas-pensamentos e da aura humana’, como também no ensaio *Von der Aura des Menschen* [Sobre a aura humana], incluído no volume *Lucifer–Gnosis. Grundlegende Aufsätze zur Anthroposophie* [Lucifer–Gnosis. Ensaaios fundamentais para a Antroposofia], GA 34.

6. A simplicidade [na linguagem] popular [alemã] de chamar o sangue venoso de ‘azul’ e o sangue arterial de ‘vermelho’ não pode ser aplicada à circulação pulmonar: nesta, as artérias conduzem o sangue ‘azul’ do coração ao pulmão e, em compensação, as artérias que vão do pulmão ao coração conduzem sangue ‘vermelho’. Em 26 de maio de 1922, Rudolf Steiner fala sobre as particularidades da circulação pulmonar, em *Menschliches Seelenleben und Geistesstreben* [Vida anímica humana e aspiração espiritual], GA 212:

O eu [...] infiltra-se nos órgãos do pulmão; o eu se aproxima cada vez mais do coração, com as artérias que aí entram emergindo do pulmão. O eu segue cada vez mais [...], intimamente ligado à circulação, o caminho dessa circulação. De modo [...] que o eu interfere naquilo que foi formado pela fusão do coração etérico com o coração astral.

7. Entendam-se aqui as duas artérias cerebrais.

8. A idéia da força vital, da *vis vitalis*, difundida além da metade do século XIX, é fruto de um pensar puramente especulativo; sua entidade essencial, o ‘princípio vital’, é desconhecido, não sendo possível fundamentá-lo e compreendê-lo de um ponto de vista fenomenológico. Em seu livro *Teosofia* [v. nota 6], Rudolf Steiner escreve numa nota de rodapé, no capítulo ‘A natureza do homem’, no item IV – *Corpo, alma e espírito* –, que com a denominação ‘corpo etérico’ ele designa algo diferente da ‘força vital’ da ciência mais antiga. Complementam ainda, entre outras, as conferências de 7 de fevereiro de 1918 em *Das Ewige in der Menschenseele* [O eterno na alma humana], GA 67, e de 6 de abril de 1921, em *Die befruchtende Wirkung der Anthroposophie auf die Fachwissenschaften* [O efeito frutificante da Antroposofia nas ciências acadêmicas], GA 76.

9. A este respeito, veja também as indicações de Rudolf Steiner na conferência de 21 de outubro de 1907 pela manhã, incluída no volume *Mythen und Sagen* [Mitos e sagas], GA 101.

- 10.V. Dr. Rudolf Steiner e Dra. Ita Wegman, *Grundlegendes für eine Erweiterung der Heilkunst nach geisteswissenschaftlichen Erkenntnissen*, GA 27 [*Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar*, editado em português em trad. Dra. Sonia Setzer (São Paulo, Associação Beneficente Tobias, 1979)], cap. VI: ‘Sangue e nervo’. Diferenciamos um sistema simpático e um parassimpático, e reunimos ambos como sistema nervoso vegetativo ou autônomo. Todavia existem menos características diferenciais anatômicas do que fisiológicas. A expressão ‘sistema nervoso parassimpático’ só foi introduzida no ano de 1905, não sendo mencionada nas exposições de Rudolf Steiner.

- 11.O mais importante plexo do simpático é denominado plexo solar ou celiaco, e está localizado na região abdominal superior. Explicações complementares de Rudolf Steiner sobre o plexo solar encontram-se nas seguintes conferências: de 26 de setembro e de 7 de outubro de 1905, no volume *Grundelemente der Esoterik* [Elementos fundamentais do esoterismo], GA 93a, e de 8 de junho de 1912, no volume *Der Mensch im Lichte von Okkultismus, Theosophie und Philosophie* [O homem à luz do ocultismo, da Teosofia e da Filosofia], GA 137.

- 12.Sobre o aprofundamento místico, veja detalhes nas conferências de março de 1910 no volume *Makrokosmos und Mikrokosmos* [Macrocosmo e microcosmo], GA 119.

13. Veja a conferência que Rudolf Steiner proferiu em 14 de janeiro de 1917, no volume *Zeitgeschichtliche Betrachtungen – Zweiter Teil* [Observações históricas da atualidade – Segunda parte], GA 174:

Através do plexo solar, o verdadeiro eu interfere como força plasmante, em toda a organização do homem. [...] Como o sistema ganglionar participa na determinação de toda a circulação sanguínea, isso não contradiz o fato de o eu ter sua expressão no sangue. [...] O que vive no homem como sistema ganglionar, como plexo solar, já vem da evolução lunar, e por assim dizer representa a casa para o eu.

14. Em anos posteriores, Rudolf Steiner fala de uma ‘clarividência abdominal’. Veja, entre outras, as conferências de 27 de março e 1º de maio de 1915, ambas incluídas no volume *Wege der geistigen Erkenntnis und der Erneuerung künstlerischer Weltanschauung* [Caminhos para o conhecimento espiritual e para a renovação de uma cosmovisão artística], GA 161; a de 4 de janeiro de 1915 (segunda parte), contida em *Kunst im Lichte der Mysterienweisheit* [A arte à luz da sabedoria dos mistérios], GA 275; a de 15 de fevereiro de 1915, no volume *Die geistigen Hintergründe des ersten Weltkrieges* [As razões espirituais da Primeira Guerra Mundial], GA 174b; e a de 2 de março de 1915, no volume *Menschenschicksale und Völkerschicksale* [Destinos de homens e destinos de povos], GA 157.

15. É conhecido o fato de o ponto que marca o nascer do sol na primavera – ou seja, o ponto no zodíaco em que sol nasce no equinócio da primavera – não ser sempre o mesmo: no decorrer de 72 anos, ele se desloca em 1 grau. Para dar toda a volta no zodíaco, o sol leva aproximadamente 25.920 anos. A isso se denomina um ano cósmico ou um ano platônico.

Normalmente o homem tem 18 movimentos respiratórios por minuto, o que corresponde a 1.080 por hora, sendo num dia 25.920. A duração de vida média de um homem é cerca de 72 anos, ou seja, 25.920 dias terrestres. Repetidamente Rudolf Steiner apontou essas relações, em bastante detalhes, nas conferências de 28 de janeiro de 1917 no volume *Zeitgeschichtliche Betrachtungen – Zweiter Teil* [v. nota 13], de 13 de fevereiro de 1917 em *Bausteine zu einer Erkenntnis des Mysteriums von Golgatha* [Fundamentos para um conhecimento do Mistério do Gólgota], GA 175, e de 24 de setembro de 1924, incluída no volume *Die Schöpfung der Welt und des Menschen* [A criação do mundo e do homem], GA 354.

16. Uma primeira tentativa de comprovar experimentalmente essa tese foi feita por Lilly Kolisko em seu trabalho *Milzfunktion und Plättchenfrage* [A função do baço e a questão das plaquetas] (Stuttgart, 1922). Em cursos posteriores para médicos, Rudolf Steiner repetidamente apontou esse trabalho.

17. Do ponto de vista cosmológico, Rudolf Steiner apontou esse problema nas conferências *Die Evolution vom Gesichtspunkte des Wahrhaftigen* [A evolução do ponto de vista da veracidade], GA 132, complementando o que foi colocado no livro *Die Geheimwissenschaft im Umriss*, GA 13 [A Ciência Oculta, editada em português em trad. de Rudolf Lanz (3ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1991)].

18. Consultar as conferências de outubro 1907, no volume *Mythen und Sagen* [v. nota 9].

19. Consultar as conferências de 27 de março de 1913, contidas no volume *Welche Bedeutung hat die okkulte Entwicklung des Menschen für seine Hüllen und sein Selbst?* [Qual é o significado do desenvolvimento oculto do homem para seus envoltórios e para si mesmo?], GA 145, bem como a de 10 de junho de 1904, do volume *Die Tempellegende und die Goldene Legende* [A lenda do Templo e a Lenda Áurea], GA 93.

20. Segundo o *Fausto* de Goethe, primeira parte, ‘Noite’ (linha 573): “E a que sublimes fins temos chegado após” [em tradução de Jenny Klabin Segall (3ª ed. B. Horizonte / Rio, Villa Rica, 1991, pág. 48)].

21. Ver nota 18. Com base na mitologia grega, isso foi explicado nas conferências de agosto de 1911, contidas no volume *Weltenwunder, Seelenprüfungen und Geistesoffenbarungen* [Milagres do mundo, provações da alma e manifestações do espírito], GA 129.

22. *Wie widerlegt man Theosophie?* [Como refutar a Antroposofia?], conferência de 19 de março de 1911, ainda não publicada na Edição Completa e impressa a partir de anotações precárias em *Mensch und Welt. Blätter für Anthroposophie* [Homem e Mundo. Periódico de Antroposofia], 1968, N<sup>os</sup> 1–2.

23. Pontos de vista complementares a esse assunto são proporcionados por Rudolf Steiner, entre outras, nas seguintes conferências:

– De 16 de abril de 1921, no volume *Geisteswissenschaftliche Gesichtspunkte zur Therapie* [Os pontos de vista da Ciência Espiritual sobre terapia], GA 313:

A percepção sensorial nada mais é senão um processo respiratório mais sutil, isto é, introduzido no corpo etérico.

– De 21 de julho de 1924, no volume *Anthroposophische Menschenerkenntnis und Medizin* [O conhecimento antroposófico do homem e a Medicina], GA 319:

Portanto, temos na respiração um processo mais grosseiro, em que o oxigênio inspirado se liga ao carbono do nosso organismo e depois é expirado como gás carbônico. Ao lado, temos um processo mais sutil, em que o oxigênio se combina com o silício, formando ácido silícico, sendo secretado como tal para dentro da organização humana.

– De 28 de agosto, no mesmo volume:

Esse ácido silícico é o correspondente exterior, a atuação voltada para fora, da organização para o eu. Corpo astral: o espiritual interior; o processo de ácido silícico: o físico exterior [...].

24. Por exemplo:

*Carl Vogt, 1817–1895: Physiologische Briefe für Gebildete aller Stände* [Cartas fisiológicas para eruditos de todas as classes] (1845, pág. 206):

Creio que qualquer cientista com um pensar conseqüente chegará à conclusão de que todas as capacidades que compreendemos sob a denominação ‘atividades da alma’ são apenas funções da substância cerebral; ou, para expressá-lo aqui de modo um pouco grosseiro: os pensamentos têm aproximadamente a mesma relação com o cérebro que a bile com o fígado ou a urina com os rins. Supor a existência de uma alma que se utilize do cérebro como um instrumento, a seu bel-prazer, é pura tolice.

*Jakob Moleschott, 1822–1893. Em Der Kreislauf des Lebens* [A circulação da vida] (1852, pág. 402), ele adere à opinião de Carl Vogt:

A comparação é inatacável quando compreendemos para onde Vogt desloca o ponto de comparação. O cérebro é tão imprescindível para a produção de pensamentos como o fígado para o preparo da bile e o rim para a excreção da urina.

Diante disso Rudolf Steiner diz, na conferência de 30 de janeiro de 1921, contida no volume *Die Verantwortung des Menschen für die Weltentwicklung* [A responsabilidade do ser humano para com o desenvolvimento cósmico], GA 230:

Trata-se de uma tolice, pois o correto é o contrário, ou seja, o cérebro é secretado a partir dos pensamentos – naturalmente sempre renovado, pois é sempre substituído

a partir do organismo metabólico.

25. Uma ciência parcial fundada em 1860 por Gustav Theodor Fechner (1801–1887), segundo a qual o corpo e a alma estão relacionados como duas entidades separadas, mas correspondentes.

26. Veja *Wie erlangt man Erkenntnisse der höheren Welten*, GA 10 [editado em português sob o título *O conhecimento dos mundos superiores*, em trad. de Erika Reimann (3ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1991)] e *A ciência oculta* [v. nota 17], capítulo ‘A aquisição de conhecimentos supra-sensíveis’.

27. Complementações a respeito se encontram, entre outras, na conferência de 25 de agosto de 1911, contida em *Weltenwunder, Seelenprüfungen und Geistesoffenbarungen* [v. nota 21] e na de 1ª de outubro de 1911 *Die Atherisation des Blutes [A eterização do sangue*, editada em português em tradução de Rudolf Lanz (São Paulo, Antroposófica, 1991)], incluída em *Das esoterische Christentum und die geistige Führung der Menschheit [O cristianismo esotérico e a direção espiritual da humanidade]*, GA 130.

28. Por exemplo, em *Geheimlehre [Doutrina secreta]* de H. P. Blavatsky.

29. A *epífise (Corpus pineale, Glandula pinealis, Epiphysis cerebri)* já pode ser nitidamente diferenciada no embrião de 12 semanas. Os processos de ao que ocorrem nela estão tão adiantados no início da puberdade que é possível comprovar a presença da assim chamada ‘areia cerebral’, que bioquimicamente é constituída de sais de cálcio e magnésio. A epífise é fortemente permeada por fibras do sistema nervoso simpático, e muito irrigada. Em 1959 começou uma pesquisa científica mais intensa da epífise; constatou-se, de maneira condizente, uma dependência de condições luminosas e um ritmo circadiano e anual do órgão.

A *hipófise* (glândula pituitária – glândula de muco) é um órgão incretor da base do cérebro, situado na sela turca do osso esfenoide e regulando essencialmente as funções das outras glândulas hormonais do corpo. É possível comprovar a existência de cerca de 20 hormônios hipofisários distintos que são secretados para o sangue pelo lobo anterior (adeno-hipófise) e pelo lobo posterior (neuro-hipófise).

Em 1911 – quando foram proferidas estas conferências – a pesquisa da hipófise ainda estava em seus primórdios. (Literatura: Dietrich Boie, *Das erste Auge [O primeiro olho]*, Stuttgart, 1968.)

30. No *Fausto*, de Goethe, depois que Fausto assinou o contrato com sangue, Mefistófeles diz: “Sangue é um muito especial extrato” (Fausto 1, ‘Quarto de trabalho’, linha 1.740) [trad. de Jenny Klabin Segall (v. nota 20), pág. 84]. Rudolf Steiner proferiu uma conferência com esse título em 25 de outubro de 1906, contida no volume *Die Erkenntnis des Übersinnlichen in unserer Zeit [O conhecimento do supra-sensível em nossa época]*, GA 55.

31. Já na conferência matinal de 21 de outubro de 1907, Rudolf Steiner expôs o seguinte:

Entidades ‘egóicas’ são as plasmadoras e construtoras desse sangue vermelho (no homem). Elas atuaram de fora para que o eu pudesse imergir no ser humano. Os animais ainda não têm o eu. Onde encontramos sangue vermelho nos animais, há seres atuando de fora; os animais estão como que ‘possuídos’ pelo sangue vermelho. Porém o ser humano chega à liberdade pelo fato de estar ‘possuído’ por seu eu, por si mesmo. Ele teve de tomar posse de si mesmo para poder alcançar o domínio sobre seu sangue.

32. Franz Joseph Gall (1758–1828) foi o fundador da frenologia, a assim chamada teoria craniana. Ele acreditava que características psicológicas e qualidades morais se manifestariam na superfície do cérebro, e que seu hiper ou subdesenvolvimento pudesse ser constatado pela palpação da calota craniana. Em sua época, a teoria de Gall foi muito difundida, e em 1805 ele também a apresentou diante de Goethe; em amplos círculos,

contudo, a frenologia era considerada um modismo tolo.

De acordo com ditos de Rudolf Steiner, existe uma justificativa individual para a frenologia, visto que forças adquiridas numa vida anterior se expressam na formação de protuberâncias no crânio:

[...] aquilo que durante a vida anterior a individualidade [...] freqüentemente uniu a si, mas que não podia mais transformar a cabeça, manifesta-se nisso.

Veja também as explicações dadas por Rudolf Steiner na conferência de 27 de junho de 1916, no volume *Weltenwesen und Ichheit* [Essência cósmica e egoidade], GA 169, e na terceira conferência do *Heilpädagogischer Kurs*, GA 317 [Curso de Pedagogia Curativa, edição apostilada em português, vários tradutores (ABMA, 1992)].

33. Somente a partir do ano de 1920 Rudolf Steiner proferiu, a pedido de médicos, muitas palestras sobre medicina: *Geisteswissenschaft und Medizin* [Ciência Espiritual e Medicina], 1920, GA 312; *Geisteswissenschaftliche Gesichtspunkte zur Therapie* [v. nota 23]; *Physiologisch-Therapeutisches auf Grundlage der Geisteswissenschaft* [Aspectos fisiológico-terapêuticos baseados na Ciência Espiritual], 1920–1924, GA 314; *Heileurythmie* [Eurritmia Curativa], 1921–1922, GA 315; *Meditative Betrachtungen und Anleitungen zur Vertiefung der Heilkunst* [Meditações e orientações para o aprofundamento da Arte Médica], 1924, GA 316; *Heilpädagogischer Kurs* [v. nota 32]; *Das Zusammenwirken von Ärzten und Seelsorgern* [A atuação conjunta de médicos e sacerdotes], 1924, GA 318; *Anthroposophische Menschenerkenntnis und Medizin* [v. nota 231].

34. Göethe, na poesia *Typus* [Tipo (trad. de Jacira Cardoso)]:

*Es ist nichts in der Haut  
Was nicht im Knochen ist.  
Vor schlechtem Gebilde jedem graut,  
Das em Augenschmerz ihm ist.*

Nada existe na pele  
que no osso não esteja.  
Feia figura não encontra  
quem com bons olhos a veja.

*Was freut denn jeden? Blühen zu sehen  
Das von innen schon gut gestaltet;  
Aussen mag's in Glätte, mag in Farben  
gehen:  
Es ist ihm schon voran gewaltet.*

O que é que a todos contenta?  
Beleza, de dentro plasmada;  
por fora, elegância e cores  
já são predeterminadas.

35. Sobre esse assunto Rudolf Steiner diz o seguinte na conferência de 4 de janeiro de 1924, contida no volume *Meditative Betrachtungen und Anleitungen zur Vertiefung der Heilkunst* [v. nota 33]:

[...] O carbonato de cálcio constitui, para a Terra, o ponto de aplicação na substância para ela formar o osso segundo suas forças plasmadoras. O fosfato de cálcio constitui o ponto de aplicação para o Cosmo formar o osso.

36. Em outro contexto Rudolf Steiner fala da “estrutura formal do corpo físico, o qual, como um tecido de espírito, elabora as substâncias e forças físicas de modo que elas penetrem na forma que nos aparece como sendo o homem no plano físico”, denominando essa estrutura formal como ‘fantoma’ do ser humano (na conferência de 10 de outubro de 1911, incluída no volume *Von Jesus zu Christus*, GA 131 [De Jesus a Cristo – edição prevista em português]. As diversas citações de Rudolf Steiner a respeito foram expostas por Maximilian Rebolz em seu ensaio *Beiträge zum Phantom-Problem* [Contribuições para a problemática do fantoma], publicado em 1957 em *Studien zur Geisteswissenschaft* [Pesquisas sobre Ciência Espiritual].

37. Obtêm-se espelhos de metais pela condensação de vapores metálicos numa superfície fria e lisa. Quando a essência do metal é aproximada ao Cosmo por esse processo de destilação, aumenta-se a atuação sanadora dos metais.

38. Veja os trabalhos de Erich Blechschmidt: *Die vorgeburtlichen Entwicklungsstadien des Menschen. Eine Einführung in die Humanembryologie* [Os períodos de desenvolvimento pré-natal do homem. Uma introdução à embriologia humana], 1960, e *Der menschliche Embryo. Dokumentation zur kinetischen Anatomie* [O embrião humano. Uma documentação sobre a anatomia cinética], 1963.
39. Veja a conferência proferida em 21 de outubro de 1907 pela manhã, contida no volume *Mythen und Sagen* [v. nota 9].
40. Veja *A ciência oculta* [v. nota 17], capítulo ‘O presente e o futuro do desenvolvimento do homem e do universo’.
41. As conferências foram proferidas em 19 e 25 de março de 1911 e ainda não constam na Edição Completa. Elas foram publicadas em 1968 em *Mensch und Welt. Blätter für Anthroposophie* [v. nota 22] n<sup>os</sup> 1–4 aliás, com base numa anotação precária.
42. Não existe anotação a esse respeito.
43. Otto Liebmann (1840–1912), em sua obra *Zur Analyse der Wirklichkeit. Eine Erörterung der Grundprobleme der Philosophie* [Sobre a análise da verdade. Uma discussão sobre os problemas fundamentais da Filosofia], 3<sup>a</sup> ed. Strassburg, 1900, pág. 28. Literalmente, ele diz:
- Justamente porque, de fato, nenhum sujeito que tem representações mentais pode sair de sua esfera subjetiva de representação, justamente porque ele nunca e jamais pode compreender e constatar aquilo que possa ou não existir fora de sua subjetividade – mesmo omitindo sua consciência, emancipando-se de si mesmo—justamente por isso é um absurdo querer afirmar que o objeto representado fora da representação objetiva não esteja presente.
44. Veja *Grundlinien einer Erkenntnistheorie der Goetheschen Weltanschauung mit besonderer Rücksicht auf Schiller* (1886), GA 2 [*Linhas básicas para uma teoria do conhecimento na cosmovisão de Goethe, com especial consideração a Schiller*, editado em português em tradução de Bruno Callegaro (São Paulo, Antroposófica, 1986)], como também *Wahrheit und Wissenschaft* (1892), GA 3 [*Verdade e Ciência*, publicado em português em tradução de Rudolf Lanz (São Paulo, Antroposófica, 1985)].
45. Eduard von Hartmann, 1842–1906. Veja Rudolf Steiner, *Mein Lebensgang* [Minha vida], GA 28, capítulo IX, e o ensaio *Philosophie und Anthroposophie*, no volume de mesmo título, GA 35 [‘Filosofia e Antroposofia’, editado em português sob o título *Matéria, forma e essência* (São Paulo, Antroposófica, 1994)].
46. Na anotação há uma observação de que neste ponto Rudolf Steiner apontou os conceitos ‘eu’ e ‘não-eu’ tal como foram tratados por Carl Unger em sua obra *Das Ich und das Wesen des Menschen* [O eu e a entidade do homem], que fora publicado havia pouco pelo Philosophisch-Theosophische Verlag [Editora Filosófico-teosófica]. Esse ensaio está acessível, hoje, em *Carl Unger, Schriften* [Carl Unger – Escritos], primeiro volume [cit. s.l., s.e., s.d.].